EDUARDO PRADO

A Illusão Americana

3.ª EDIÇÃO

SÃO PAULO
ESCOLA TYPOGRAPHICA SALESIANA
1902

EDUARDO PRADO

A Illusão Americana

E conhecer que vives de um engano
Comprado tanto a custo de teu damno

ROLIM DE MOURA, *Nov. do Hom.*
Canto I, est. 58.

3.ª EDIÇÃO

(A PRIMEIRA EDIÇÃO FOI SUPPRIMIDA E CONFISCADA POR ORDEM
DO GOVERNO BRASILEIRO, E A SEGUNDA, EXGOTTADA)

SÃO PAULO
ESCOLA TYPOGRAPHICA SALESIANA
1902

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Este trabalho, já editado no Brasil e agora reimpresso no extrangeiro, mereceria vir de novo á luz, ainda na falta de proprio interesse.

Este despretencioso escripto foi confiscado e prohibido pelo governo republicano no Brasil. Possuir este livro foi delicto, lel-o, conspiração, e crime, havel-o escripto (1).

Antes da dolorosa provação que, sob o nome de Republica, tanto tem amargurado a patria brasileira, nenhum governo se julgou fraco e culpado ao ponto de não poder tolerar contradicções ou verdades, nem mesmo as de uma critica impessôal e elevada.

Eram jovens os nossos bisavós, quando foi extincto o Santo Officio. Desde então, em nosso paiz, nunca mais o poder ousou interpôr-se entre os nossos raros escriptores e o seu escasso publico. Julgavam todos definitiva esta conquista liberal; mas o governo republicano do Brasil,

(1) Vide Appendice.

tristemente predestinado a reagir sempre contra a civilisação, a todos desenganou. Na Republica, o livro não teve mais liberdade do que o jornal, do que a tribuna, nem mais garantias do que o cidadão.

Disse um romano que os livros têm o seu destino. O deste não foi dos peiores, honrado, como foi, com as iras dos inimigos da liberdade. A propria Verdade não proclamou felizes os que soffrem perseguição pela Justiça?

Londres, 7 de novembro de 1894.

EDUARDO PRADO

A ILLUSÃO AMERICANA

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternisação, que se pretende impôr, entre o Brasil e a grande Republica anglo-saxonia, de que nos achamos separados, não só pela grande distancia, como pela raça, pela religião, pela indole, pela lingua, pela historia e pelas tradições de nosso povo.

O facto do Brasil e dos Estados-Unidos se acharem no mesmo continente é um accidente geographico, ao qual seria pueril attribuir uma exaggerada importancia.

Onde é que se foi descobrir na Historia que todas as nações de um

continente devem ter o mesmo governo? E onde é que a Historia nos mostrou que essas nações têm, por força, de ser irmãs? Em plena Europa monarchica, não existem a França e a Suissa republicanas? Que fraternidade ha entre a França e a Allemanha, entre a Russia e a Austria, entre a Dinamarca e a Prussia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são vizinhas, e deixam, porventura, de ser inimigas figadaes? Pretender identificar o Brasil com os Estados-Unidos, por serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suissa, porque ambos os paizes estão na Europa.

A fraternidade americana é uma mentira. Tomemos as nações ibericas da America. Ha mais odios, mais inimizades entre ellas do que entre as nações da Europa.

O Mexico deprime, opprime e tem, por vezes, invadido Guatemala, que sustenta sangrentissimas guerras com a Republica de S. Salvador, inimiga rancorosa de Nicaragua, feroz adversaria de Honduras, que não morre de amores pela Republica de Costa Rica. A embrulhada e horrivel historia de todas estas nações é um rio de sangue, é um continuo morticinio. E onde fica a solidariedade americana? onde, a confraternisação das Republicas?

A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é victima, nunca resignada, ora das violencias colombianas, ora das pretenções do Perú. E o Perú? Já não assaltou a Bolivia, já não se uniu depois a ella, numa guerra injustissima ao Chile? E o Chile? Já não invadiu duas vezes a Bolivia e o Perú, não fez um horroroso morticinio de bolivianos e peruanos na ultima guerra, talvez a mais

sangrenta deste seculo? Não tem elle sómente estes inimigos: o seu grande adversario é a Republica Argentina. Este paiz, que usurpou territorios á Bolivia, obriga o Chile a conservar um exercito numeroso, e ninguem ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catastrophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o verdugo taciturno do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista (1), por odio aos argentinos e aos outros povos americanos, enclausurou a sua patria durante dezenas de annos. A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopez atacou-a, e ella secundou o Brasil na guerra contra o Paraguay. E que sentimento tem a Republica

(1) É antiga, como se vê, a predilecção positivista pelos despotas sul-americanos.

Argentina pelo Uruguay? Não ha um só homem de Estado argentino que não confesse que a suprema ambição de seu paiz é a reconstituição do antigo vice-reinado de Buenos-Aires, pela conquista do Paraguay e do Uruguay.

Eis ahi a fraternidade americana.

Voltado para o sol que nasce, tendo, pela facilidade da viagem, seus centros populosos mais perto da Europa que da maioria dos outros paizes americanos; separado delles pela diversidade da origem e da lingua, — nem o Brasil physico, nem o Brasil moral formam um systema com aquellas nações. Dizem os geologos que o Prata e que o Amazonas foram em tempo dous longos mares interiores que se communicavam. O

Brasil, ilha immensa, era por si só um continente. As alluviões, os levantamentos do fundo daquelle antigo Mediterraneo soldaram o Brasil ás vertentes orientaes dos Andes. Esta juncção é, porém, superficial; são propriamente suas e independentes as raizes profundas e as bases eternas do massiço brasileiro. Por isso, não vêm até ás praias brasileiras as convulsões vulcanicas do outro systema. Quando muito, chegam as vibrações longinquas, tenues e subtis, que os instrumentos registram, mas que os sentidos não percebem.

Conta o missionario jesuita Samuel Fritz que, em 1698, uma terrivel erupção andina transmudou o Solimões, o rio brasileiro, num *rio de lama,* e que, apavorados, os indios viam naquillo a colera dos deuses. Parece que, na ordem politica, taes têm sido as erupções hespanholas e revolucio-

narias, que, afinal, conturbaram as aguas brasileiras.

A torrente, porém, não é só de lama, porque é de lama e é de sangue.

Estudem-se, um por um, todos os paizes ibericos americanos. O traço caracteristico de todos elles é a ruina das finanças, além da continua tragicomedia das dictaduras, das constituintes e das sedições — a vida normal desses paizes.

E na ruina das finanças o ponto principal é o calote systematico, o roubo descarado feito á bôa fé de seus credores europeus. Os ministros da Fazenda das Republicas hespanholas, por meio de emprestimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras européas do que jámais a Europa tirou das minas de ouro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos desses pai-

zes, e, no meio dos *deficits* pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam essas nações, onde os dinheiros do Estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma sem-ceremonia de que é incapaz o csar da Russia, — que é que vemos? Lá está o celeberrimo orçamento da Guerra a tudo devorar. Lá estão as dezenas de generaes, as centenas de coroneis e os milhares de officiaes.

E' a prova de que não existe a fraternidade americana.

Si as nações americanas vivessem, ou pudessem, siquer, viver como irmãs, não precisariam esmagar de impostos o contribuinte, nem arrebentar os respectivos Thesouros, defraudando os credores com a compra desses armamentos e apparatos bellicos tão destruidores da prosperidade nacional.

Falemos agora da grande Republica Norte-Americana e vejamos quaes os sentimentos de fraternidade que ella tem demonstrado pela America latina e qual a influencia moral que ella tem tido na civilisação de todo o continente.

*
* *

No ultimo quartel do seculo passado, homens extraordinarios, da velha estirpe saxonia revigorada pelo puritanismo, e alguns delles bafejados pelo philosophismo, surgiram nas treze colonias inglezas da America do Norte. Resolveram constituir em nação independente a sua patria, e não lhes entrou nunca pela mente fazer proselytismo de independencia, ou de fórma republicana na America. Nem isso era proprio de sua raça.

O fim que tiveram em vista foi um fim immediato, restricto e pratico. Fa-

zendo a independencia de sua patria, tinham como alliados os reis de França e de Hespanha. Como poderiam elles querer que este ultimo, a quem eram gratos pela sua intervenção em favor da independencia, perdesse as suas ricas colonias americanas? Si alguma sympathia houve entre elles pela emancipação de outros paizes da America, essa sympathia appareceu trinta ou quarenta annos depois, quando já toda a America latina, á custa de sacrificios, ultimava a sua independencia sem auxilios norte-americanos.

E' altamente comica a ignorante pretenção com que escriptores francezes superficiaes procuram ligar a revolução americana á revolução franceza, querendo, por força, que as idéas revolucionarias francezas tenham influido na America, quando, a ter havido alguma influencia, devia antes partir da America sobre a França. A pessôa de

Franklin, com seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados, nem plumas, com seus grossos sapatos de enfiar, com seu prestigio de sabio e de libertador, passeando através das galerias de Versailles; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso, sim, foi uma influencia real em França. Quando elle, no seu scepticismo, cheio de bonhomia, se ria da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot, o celebre *eripuit cœlo fulmen sceptrumque tyrannis,*— dava uma prova de que ao seu terrivel bom senso não escapava a insensatez suicida da aristocracia franceza. Quando rebentou a revolução, quando ella começou a matar e a incendiar, houve em toda a America uma grande sympathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da independencia americana. Pouco tempo depois, o governo de Washin-

gton rompeu relações diplomaticas com a Republica Franceza. Onde, a solidariedade republicana? onde, a fraternidade?

Vejamos, na Historia, qual o auxilio prestado pelo governo americano á independencia das colonias ibericas da America; qual a attitude dos Estados-Unidos quando estes paizes são atacados pelos governos europeus; como os tem tratado o governo de Washington; qual o papel dos Estados-Unidos nas luctas internacionaes e civis da America latina e qual a sua influencia politica, moral e economica sobre estes paizes.

Tudo o que se vai lêr neste trabalho é referente a esses pontos, que serão todos discutidos, embora nem sempre na ordem de sua enumeração.

A' Inglaterra, principalmente, e não aos Estados-Unidos, deve a Ame-

rica latina a força moral que lhe permittiu fazer a sua independencia. Foi William Burke a primeira voz que na Europa se declarou em seu favor, escrevendo um vibrante pamphleto, advogando a independencia da America do Sul (1), o Abbé de Pradt e, posteriormente, Canning, o qual praticamente tornou possivel, isto é, tornou effectiva e certa esta independencia, já officialmente aconselhada por lord Wellington, no Conselho de Verona (2).

A independencia das nações latinas da America em nada foi protegida pelos Estados-Unidos.

A' Inglaterra deveram, então, serviços consideraveis as nações que luctavam pela sua emancipação politica.

---

(1) William Burke — *South american independence, or the emancipation of South America, the glory and interest of England: London, 1807.*

(2) Chateaubriand — *Le Congrès de Vérone.* Chap. XVI.

O sr. Carlos Calvo diz que a attitude dos Estados-Unidos e a proclamação da doutrina de Monröe pesaram de uma maneira decisiva no animo do governo inglez, quando este, em agosto de 1822, pelo orgam de lord Wellington, tomou no Congresso de Verona a defesa dos paizes hispano-americanos, contra os quaes a Santa Alliança pretendia intervir em favor da Hespanha.

Esta affirmação é erronea. Em primeiro logar, a chamada doutrina de Monröe só foi proclamada pelos Estados-Unidos quinze mezes mais tarde, isto é, em dezembro de 1823. E qual foi a attitude dos Estados-Unidos em relação ás colonias revoltadas? Um auctor hispano-americano, o sr. Samper, da Colombia, diz: « *Enquanto á los Estados-Unidos, es curioso observar que, siendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, bajo el punto de vista politico y*

no poco bajo el comercial, se mostró sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo comúm hácia nuestra revolucion y muy tardía en sus manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procurarnos los auxilios de armamento que solicitabamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores» (1).

Muito antes da mensagem de Monröe, o embaixador americano Rush tinha recebido de Canning a confidencia de que a Santa Alliança pensava em intervir na America a favor da Hespanha, e Canning acrescentara estar disposto a oppôr-se directamente a esse plano, si tivesse a cooperação dos Estados-Unidos. Rush mandou as declarações de Canning a seu governo, que as recebeu com grande satisfac-

(1) J. M. Samper — *Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condicion social de las Republicas hispano-americanas*, pag. 195. Paris, 1861.

ção, porque, até áquella occasião, segundo o contou depois Calhoun, que fazia parte do gabinete, os Estados-Unidos não tinham julgado prudente intervir, em vista do grande poder da Santa Alliança. Monrõe tratava seus secretarios com consideração diversa da que usam os semi-barbaros presidentes de outras Republicas da America com os irresponsaveis que se prestam a ser seus ministros; communicou a noticia de Londres ao gabinete e consultou a Jefferson si devia acceitar o proposto auxilio da Inglaterra (1).

Até então, a attitude dos Estados-Unidos fôra toda de reserva, de abstenção, e, para uma nação que se quer apresentar como a protectora dos latino-americanos, é forçoso confessar que essa politica não era de frater-

---

(1) VON HOLST — *Constitutional History of the U. S. of America.* Vol. I, pag. 420. JEFFERSON'S — *Works*, Vol. VII, pag. 315 e 316.

nidade, mas sim de egoismo. Ainda em 1819, o governo americano recusara receber os consules nomeados por Venezuela e pelo governo de Buenos-Aires, allegando varios pretextos (1), e só a 9 de março de 1823 foi que reconheceu a independencia das Republicas hespanholas.

Fortalecido e animado pela iniciativa da Inglaterra, em 2 de dezembro de 1823, o presidente Monrõe disse em sua mensagem:

« *Devemos declarar, por amor da franqueza e das relações amigaveis que existem entre os Estados-Unidos e aquellas potencias (européas), que consideraremos qualquer tentativa de sua parte para extender o seu systema a qualquer parte deste hemispherio como cousa tão perigosa para a nossa tranquillidade, como para a nossa segu-*

(1) *Annual register of the year 1819;* 1820, pag. 233, London.

rança. Com as colonias existentes e as dependencias das mesmas potencias não temos intervindo, nem interviremos. Em relação, porém, aos governos que declararam a sua independencia e que a têm mantido, independencia que, depois de grande reflexão e por justos principios, nós reconhecemos, toda interferencia, por parte de qualquer potencia européa, com o fim de opprimil-os e de qualquer modo dominar os seus destinos, não poderá ser encarada por nós sinão como uma manifestação pouco amigavel para com os Estados-Unidos.»

Eis ahi a famosa doutrina!

A nunca assás ludibriada e escarnecida ingenuidade sul-americana viu nesta declaração um compromisso formal, solemne e definitivo, de alliança com os Estados-Unidos, alliança tão sensata, aliás, como a do pote de ferro com o pote de barro. Ha setenta e um annos que o governo ame-

ricano tem accumulado declarações sobre declarações, que equivalem quasi que a retratações; ha setenta e um annos que escriptores, oradores, politicos americanos explicam que aquillo não é um compromisso, nem uma alliança; ha setenta e um annos que, por palavras, actos e omissões, o governo de Washington praticamente demonstra a significação restricta, e, por assim dizer, platonica das palavras de Monröe, e ainda hoje ha quem tenha a superstição de tomar aquillo ao pé da lettra. A estulticia parece que é invencivel.

Poderiamos encher paginas e paginas de extractos de livros, de jornaes e de discursos de americanos, interpretando a chamada doutrina num sentido bem diverso da interpretação jacobina em que hoje se acredita no Brasil. Preferimos, porém, relatar simplesmente os factos.

Quem conhece os documentos officiaes americanos daquella época sabe que toda a politica interior e exterior dos Estados-Unidos estava subordinada aos interesses da *instituição peculiar,* euphemismo com que se costumava designar a escravidão. Os Estados-Unidos, desde que sabiam que qualquer paiz americano estava disposto a abolir a escravidão, eram immediatamente hostis á independencia desse paiz. O pobre Haïti era objecto do odio americano. Hamilton, da Carolina do Sul, declarou na Camara dos representantes que a independencia do Haïti por fórma alguma devia ser tolerada; Hayne, acompanhado por todo o seu partido, queria que o simples facto de um paiz qualquer reconhecer a independencia do Haïti fosse motivo para a ruptura das relações diplomaticas com os Estados-Unidos. Em 1825, o governo de

Washington pediu ao csar da Russia a sua intervenção junto á côrte de Hespanha, para que esta cessasse de hostilisar as suas antigas colonias, já de facto independentes, e especialmente a Colombia e o Mexico. E isto, dizia o secretario de Estado Henry Clay a Middleton, ministro americano em S. Petersburgo, porque o Mexico e a Colombia, proseguindo em sua hostilidade contra a Hespanha, podiam eventualmente tomar conta de Cuba e alli acabar com a escravidão. Henry Clay mandou tambem pedir ao Mexico e á Colombia que adiassem a sua expedição libertadora de Cuba, e Middleton recebeu ordem para insistir junto ao csar, chefe da Santa Alliança, porque os Estados-Unidos faziam questão de impedir a independencia de Cuba. Por esse tempo, julgou-se que a França, então em guerra contra a Hespanha, ia mandar uma expedição

a Cuba. O Mexico e a Colombia lembraram aos Estados-Unidos o cumprimento de sua promessa, contida na celebre mensagem de Monröe. Henry Clay respondeu que a mensagem continha, com effeito, uma promessa, mas que os Estados-Unidos a fizeram a si mesmos e não a outro paiz, e por isso nenhuma nação tinha o direito de exigir cumprimento da mesma promessa (1).

Os paizes hispano-americanos quizeram, parece, mais uma lição pratica da doutrina de Monröe. Convocaram o celebre Congresso do Panamá, assembléa destinada a *la allianza de todas las Americas*, á mutua fraternidade etc. etc. Compareceram só os representantes de quatro paizes. Os Estados-Unidos, depois de muita hesitação, nomearam dous representantes,

(1) Von Holst -- Vol. I, pags. 422-428.

que nunca chegaram ao Panamá. As instrucções dadas a estes (1826) são, talvez, o melhor commentario da doutrina de Monrõe. Dellas resulta principalmente que os Estados-Unidos não estavam por fórma alguma dispostos a tornar suas as brigas da America latina com as potencias européas. E nunca, mas nunca, os Estados-Unidos mudaram de modo de pensar e de proceder.

Vamos ver os muitos factos em que aquelle governo, por seus actos, deu a interpretação authentica da doutrina que os sul-americanos têm falseado. Antes, porém, daremos uma opinião valiosa e que destróe pela base a crendice que se quer espalhar no Brasil de que os Estados-Unidos *não consentem* na America outro governo sinão o republicano.

Os sul-americanos que isto dizem affirmam uma falsidade, e os que se

regosijam com isso bem merecem o desprezo que os americanos lhes votam. Haverá cousa mais indigna do que um cidadão desejar que a sua patria não tenha a livre disposição dos seus destinos e esteja, quando se trata da escolha, ou da mudança de sua fórma de governo, dependente da vontade do extrangeiro?

Felizmente, a nação americana, embora tenham sido grandes as faltas dos politiqueiros que tanta vez a têm deshonrado, conta no mundo do pensamento homens do mais alto valor, herdeiros legitimos dos heroes da independencia.

Eis aqui como um desses homens julga a doutrina de Monröe, na interpretação forçada e indigna que lhes querem dar os jacobinos brasileiros, que põem a Republica acima da patria:

« *Querer firmar o principio de que os Estados-Unidos não podem consen-*

tir na America nenhum systema politico differente do seu, ou que não podem tolerar nenhuma mudança politica, tendo por fim substituir a fórma republicana pela fórma monarchica, seria ir além das pretenções do Congresso de Laybach e de Verona, que, pelo menos, tinham temor da destruição de sua obra politica, emquanto que os Estados-Unidos não podem ter esse temor» (1).

Em 1786, um joven brasileiro, Maia, estudante em Montpellier, disfarçando-se com o pseudonymo de Wandek e rodeando-se de mil mysterios, tentou approximar-se de Jefferson, então embaixador dos Estados-Unidos em Versailles. Aproveitando-se de uma viagem de Jefferson pelo sul da França, encontrou-se com elle em Nîmes, e ahi falou-lhe da indepen-

(1) Wolsey — *Introduction to the study of International Law*, § 74.

dencia do Brasil, com que sonhava, e pediu-lhe o auxilio dos Estados-Unidos. Jefferson desanimou-o, como se evidencía das cartas que o embaixador escreveu a Jay, secretario de Estado, dando-lhe conta da entrevista que tivera com o joven brasileiro. Em 1817, um emissario pernambucano foi aos Estados-Unidos pedir auxilio; foi ludibriado e o governo de Washington apressou-se a dar conta de tudo ao ministro portuguez Correia da Serra. Por occasião da independencia do Brasil, não recebemos prova alguma de bôa vontade por parte dos americanos, e só depois de outros paizes reconhecerem a emancipação do Brasil foi que os Estados-Unidos reconheceram a nossa autonomia. Note-se que a celebre doutrina de Monröe data de 1823; foi na mensagem presidencial desse anno que aquelle presidente estabeleceu a não

intervenção da Europa nas cousas da America. Ora, dous annos depois, em 1825, foi que Portugal reconheceu a nossa independencia, pela intervenção ingleza, representada na pessôa de sir Charles Stuart, depois lord Rothesay. Só mais tarde, os Estados-Unidos celebraram com o Brasil um tratado de amizade, commercio e navegação. O ministro americano no Rio, Raguet, oppoz grandes embaraços á nossa nascente nacionalidade, embaraços que foram sómente em parte removidos pelo seu successor, William Tudor.

Para se fazer uma idéa do que foi a missão de Raguet, basta percorrer rapidamente a sua correspondencia (1). Raguet accusa a nossa esquadra no Rio da Prata de covardia (pag. 20); diz que com o povo bra-

(1) U. S. House of R. Docs. 20th Congress, Session 1st. Vol. 7, doc. 281.

sileiro é inutil appellar para a razão e para a justiça (pag. 32); Raguet, em termos grosseiros, ameaça o ministro dos Extrangeiros de uma guerra com os Estados-Unidos (pag. 27): «*Isto não é um povo civilisado*» (pag. 54).

Tal foi o procedimento de Raguet e taes foram as suas grosserias, que Henry Clay, secretario de Estado, lhe mandou um despacho (pag. 108), extranhando as suas maneiras e dizendo-lhe que era preciso não esquecer que, afinal de contas, o Brasil era um paiz christão.

O governo americano ligou-se por esta época inteiramente aos governos que faziam pressão sobre o Brasil por questões de presas maritimas no Rio da Prata.

Durante as nossas luctas no Rio da Prata, encontrámos sempre a opposição norte-americana entorpecendo a acção de nossas esquadras, desrespei-

tando os nossos bloqueios, conluiando-se com os nossos inimigos, para, depois, valendo-se das difficuldades iniciaes de nossa independencia politica, fazer-nos exigencias desmedidas e exorbitantes reclamações. O primeiro representante americano que veiu ao Rio de Janeiro, ao findar o periodo colonial, deu origem a um desagradavel incidente diplomatico, faltando ao respeito á familia real, o que era uma injuria feita ao paiz.

O representante americano que tratou das reclamações de presas no Rio da Prata, depois de atropellar as negociações, rompeu bruscamente e retirou-se, sem que houvesse motivo para essa desfeita, que foi, aliás, reparada pelo successor daquelle diplomata, William Tudor, o qual firmou comnosco um tratado de amizade, commercio e navegação.

Leiam as insolentes mensagens do presidente Jackson ao Congresso americano, no ponto em que se refere ao Brasil e aos outros paizes da America do Sul.

Aquelle general sem escrupulos, que foi o patriarcha da corrupção em sua patria, nas suas mensagens ao Congresso, exprime-se com grosseira arrogancia em relação ao Brasil e aos outros paizes da America do Sul. Em 1830, não havendo mais guerra no Prata, nem no Pacifico, o secretario da Marinha insiste pelo augmento da força naval nas costas da America do Sul: «*E' preciso*», diz o secretario John Branch, « *não diminuir as nossas forças, que são indispensaveis para a defesa dos nossos interesses perante aquelles governos instaveis e incapazes* »(1).

(1) U. S. Senate Documents: Congress 21st Sess. 2, 1830 e 31. Vol. 1, pag. 38, doc. 1.

As exigencias do governo americano foram enormes, e da propria correspondencia do ministro Tudor se evidencía o desarrazoado de algumas das reclamaçÕes.

Assim, tratava-se, por exemplo, da escuna *United-States,* capturada pela nossa esquadra quando tentava forçar o bloqueio, levando muniçÕes de guerra aos nossos inimigos. Era, porventura, possivel duvidar da legitimidade da apprehensão? William Tudor, num dos despachos ao seu governo, refere-se ao exaggero das reclamaçÕes, e noutro despacho parece sentir que se tivessem arranjado as cousas pacificamente e compraz-se em dar o plano de uma possivel expedição naval americana contra o Brasil, para bloquear Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. E emquanto assim se exprimia o diplomata americano, de sua propria correspondencia resalta que, por esse

tempo, a escuna de guerra brasileira *Ismenia* salvava de piratas, na costa da Africa, um negociante americano, conservando-lhe um grande carregamento de marfim.

Da correspondencia de Raguet vêem-se os contrabandos feitos na costa do Brasil pela *Morning Star*, de Philadelphia; vê-se a insolencia de Biddle, commandante da *Cyane*, com a nossa flotilha, ao mando do almirante Pinto Guedes; e vê-se a manobra fraudulenta do navio americano *President Adams*, sahindo de Montevidéo com falso manifesto para Boston e tentando ir abastecer o porto de Buenos-Aires, que o Brasil bloqueava (1).

O Brasil teve de ceder ás imposições norte-americanas e pagou pelas reclamações a quantia de 427:259$546,

---

(1) Executive documents presented to the H. of Representatives 25th Congress. Doc. 32, pag. 32.

que naquelle tempo valiam seis ou sete vezes o que valem hoje (1).

Leiam os *State Papers* americanos do tempo, e hão de vêr que, quando tratava com o nosso governo o almirante francez Roussin, que se apresentou na barra do Rio de Janeiro com a sua esquadra a fazer-nos exigencias, o ministro americano lhe deu o seu apoio moral e bem esquecido esteve de Monröe e de sua doutrina (2).

---

(1) Ibidem.

(2) Lista das quantias (capital e juros) pagas em virtude das reclamações americanas:

NAVIOS	Quantia
Tell-tale	37:924$850
Pioneer	21:134$676
Sarah George	42:472$199
Rio	8:081$034
Panther	4:229$918
Hero	12:048$979
Nile	3:313$178
Budget	30:939$993
Hannah	37:197$774
Spermo	92:245$803
Hussar	28:337$824
Amily	16:922$878
Ruth	29:428$440
Ontario	1:742$000
Spark	61:250$000
Total. . . .	427:269$546

Quando a Inglaterra e a França intervieram na Republica Argentina contra Rosas, o governo americano, que convivia em perfeita harmonia com aquelle monstro, que fez? Nada.

Entre as recommendações que o governo de Washington fez a William Tudor, existia a de preparar o espirito do governo brasileiro para a noticia, que logo lhe seria dada, de haver o governo americano reconhecido D. Miguel como rei de Portugal. Com effeito, no dia 1.º de outubro de 1830, o presidente dos Estados-Unidos recebeu officialmente o sr. Torlades, encarregado de Negocios de D. Miguel. O governo americano foi o *unico governo* que reconheceu o rei absoluto e usurpador de Portugal.

Por essa época, o governo dos Estados-Unidos tinha já organisado seu plano de guerra contra o Mexico, outra prova da solidariedade e da fra-

ternidade americana. A má fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Favoreceu quanto poude a revolta daquelle territorio, animou-o a separar-se do Mexico, para mais depressa absorvel-o, e depois declarou a guerra ao Mexico, verdadeira guerra de conquista, humilhando aquella Republica até ao extremo e arrebatando-lhe metade de seu territorio.

O' fraternidade!

E a doutrina de Monrõe, que era feito della? A Inglaterra extendia as suas conquistas ao oéste do Canadá, até chegar ao oceano Pacifico. Antes, já arrebatara, contra todo direito, as ilhas Malvinas, ou Falkland, á Confederação Argentina.

E será possivel falar nas ilhas Malvinas sem recordar um dos maiores attentados contra o Direito das Gentes, neste seculo, attentado perpetrado por

uma força naval dos Estados-Unidos e approvado e sanccionado pelo governo de Washington? Em 1831, os argentinos tinham uma colonia nas ilhas Malvinas. Alguns navios de pesca, americanos, não quizeram obedecer a umas ordens do governador da colonia. Dahi, um conflicto administrativo e diplomatico entre o consul americano em Buenos-Aires e o governo argentino.

Estava a questão neste pé, quando a corveta americana *Lexington* sahiu de Buenos-Aires, commandada pelo capitão Silas Duncan, foi ás ilhas Malvinas, bombardeou o estabelecimento argentino, desembarcou tropa, matou muitos colonos, incendiou todas as casas, arrasando as plantações e levando os sobreviventes presos, uns para os Estados-Unidos, abandonando outros, em grande miseria, na costa deserta do Uruguay. Destruido o estabeleci-

mento argentino, a Inglaterra tomou conta das ilhas.

O governo argentino, em 1839, reclamou satisfacção.

Que lhe respondeu o governo americano pela palavra do secretario de Estado, Daniel Webster?

Que o governo americano aguardava a decisão final do conflicto existente entre a Inglaterra e a Republica Argentina a respeito da soberania das ilhas Malvinas.

Ora, em 1831, por occasião do attentado americano, a soberania argentina existia de direito e de facto sobre as Malvinas. De direito, reconheceram-no os mesmos Estados-Unidos, porque, na mensagem presidencial de 17 de novembro de 1818, referente á independencia das antigas provincias unidas do Rio da Prata, se lhe attribuia a soberania dentro dos limites do antigo vice-reinado de Bue-

nos-Aires, que comprehendia as Malvinas; de facto, eram argentinas as Malvinas, porque eram colonisadas por argentinos e administradas por auctoridades argentinas, desde 1829. Só dous annos depois foi que a Inglaterra se apossou dessas ilhas.

Como é que os Estados-Unidos, de que tantas vezes se tem dito que não consentirão que um paiz europeu se aposse de uma pollegada de territorio americano, não duvidaram, no caso presente, pôr em duvida a soberania argentina nas Malvinas em conflicto com a usurpação ingleza?

E a Republica Argentina, em 1884, renovando a sua reclamação, obteve a mesma resposta. Propoz submetter o caso a arbitramento; o governo de Washington negou-se.

Eis ahi a sinceridade americana quando fala na doutrina de Monröe e sustenta a theoria do arbitramento

para a solução dos conflictos internacionaes.

Mais tarde, em Honduras, alargou a Inglaterra impunemente os seus dominios, sem que sahisse a campo a tal doutrina; e quando Schomburgh se intrometteu em territorio brasileiro, na lagôa dos Piraras, na fronteira da Guyana ingleza, só se retirou deante da energia da diplomacia brasileira, que, nessa occasião, não encontrou e, altiva, nem pediu, então, o menor apoio em Washington, apesar de Monröe e de sua doutrina.

Correm os tempos, e o Brasil, a Republica Argentina e o Uruguay, em legitima defesa, emprehendem a mais justa das guerras contra Lopez, do Paraguay. Lá encontramos a diplomacia americana a crear-nos embaraços, representada nas pessôas dos ministros Washburn e general Mac-Mahon, intimos de Lopez, especta-

dores mudos e impassiveis das crueldades do dictador, seus verdadeiros cumplices pelo silencio e até pelo louvor.

Quantas difficuldades não crearam esses homens aos exercitos alliados? Ainda ahi mostraram os americanos do norte qual a sua comprehensão da fraternidade americana. Washburn e Mac-Mahon, abusando de suas immunidades, eram espias e auxiliares de Lopez, trahindo o exercito alliado.

E o procedimento do Brasil tinha sido todo de correcção e lealdade em emergencias bem graves para a Republica Norte-Americana.

Aquelle grande paiz dera ao mundo um exemplo bem desmoralisador pelo seu apêgo á escravidão. Emquanto que no Brasil não houve escravocratas que tivessem o cynismo de querer legitimar a iniqua instituição, nos Estados-Unidos, onde os senhores de escravos foram muito mais crueis que

no Brasil, publicaram-se livros, prégaram-se sermões, com a apologia scientifica e até religiosa da escravidão, e chegou o momento em que metade do paiz julgou que, para conservar e extender a escravidão, valia a pena sacrificar a propria patria americana. O escravagismo sobrepujou o patriotismo: rompeu a guerra civil mais terrivel e mais sangrenta de que reza a Historia. O governo de Washington deixou logo, aos primeiros tiros do forte Sumter, em Charleston, de dominar parte do territorio. Os rebeldes crearam uma verdadeira esquadra de corsarios. O governo americano, que a ignorancia, ou a má fé, está agora querendo apresentar aos brasileiros como indefesso propugnador do progresso e das idéas liberaes e humanitarias, em materia de direito internacional, recusara adherir ao tratado de Paris, de 1856, pelo qual

fôra abolido o corso, como recurso barbaro abandonado pelas nações cultas. Por uma punição providencial, foi contra os interesses do governo americano que se organisou o corso mais activo e terrivel de que ha noticia. Os corsarios sulistas correram todos os mares do globo. Nesse tempo, a marinha mercante americana era talvez a segunda do mundo. Com o desenvolvimento da corrupção politica nos Estados-Unidos, o favor feito aos poucos armadores ricos nacionaes, a pretexto de proteccionismo, tornou por tal fórma cara a construcção naval, que a marinha mercante americana, por assim dizer, desappareceu. Os corsarios sulistas tinham, pois, naquelle tempo, presas ricas e numerosas em que saciar a sua sêde de vingança e, principalmente, de lucro.

Deante do incremento tomado pela revolta sulista, não foi possivel ás

nações extrangeiras desconhecer, nas relações internacionaes, a personalidade juridica dos confederados, nome esse que os revoltosos assumiram. De facto, senhores de varios pontos, dispondo de fortalezas, os rebeldes dominavam uma parte do territorio, de que o governo de Washington, ao cabo de muito tempo, não se tinha podido apoderar. As nações extrangeiras não podiam deixar de considerar os confederados como belligerantes. Nem outra doutrina podia prevalecer. De outro modo, bastaria a qualquer governo declarar simplesmente rebeldes, ou piratas, as forças de terra ou de mar ao serviço de seus adversarios, para prival-as de todos os direitos de guerra. Ora, a revolução é um direito, segundo as theorias modernas, e as nações extrangeiras não devem entorpecer por qualquer modo, ainda que indirecto, o

exercicio desse direito. Grocio diz que uma nação onde ha uma revolta deve ser considerada por terceiros, isto é, pelos outros paizes, como duas nações separadas, cada uma com seus direitos de belligerante. Os tratadistas de direito internacional dizem que para isso é preciso: 1.° que a revolta tenha já algum tempo de duração, não tendo podido o governo suffocal-a; 2.° que os recursos da revolta sejam importantes; 3.° que ella domine uma parte do territorio, quer maritimo, quer terrestre. Ora, os confederados estavam nesse caso, e o proprio governo americano creara um precedente contra si, quando, em 1837, reconhecera como belligerantes os revoltosos do Texas, sem fazer caso das reclamações do Mexico.

O reconhecimento dos insurgentes como belligerantes é cousa muito das tendencias do direito internacional mo-

derno. E' uma medida aconselhada pelos proprios interesses da humanidade. O titulo de belligerante confere certos direitos; mas a esses direitos correspondem certos deveres, que, a bem de todos, devem ser cumpridos pelos belligerantes. Si se negam todos os direitos aos insurgentes, como pretender impôr-lhes os deveres geraes da guerra? E ao interesse da humanidade convém que esses deveres sejam respeitados. Ora, si não ha direito a que não corresponda um dever, egualmente não ha deveres a que não correspondam direitos. Bluntschli, o oraculo do direito internacional, diz que, desde que os rebeldes se acham militarmente organisados, devem ser reconhecidos como belligerantes, e diz mais: que o direito internacional actual fez um progresso, mostrando-se disposto a conceder a qualidade de belligerantes a

um partido revolucionario. As leis da humanidade, diz elle, assim o exigem (1).

Não tardaram os corsarios sulistas a apparecer nos portos do Brasil, e o governo brasileiro manteve-se na maior discreção e na attitude a mais correcta, sómente permittindo que os navios fizessem agua e recebessem carvão apenas em quantidade sufficiente para, em marcha lenta, se transportarem ao mais proximo porto extrangeiro. O governo americano julgou dever reclamar *pro forma,* e o Ministerio dos Negocios Extrangeiros do Brasil, numa nota luminosa e digna, nota que é hoje classica em direito internacional, defendeu o procedimento do governo imperial, e o proprio secretario de Estado do governo de Washington, o eminente mr. Seward, um dos

(1) Vid. *Le droit international codifié,* § 512.

mais notaveis estadistas americanos, deu-se por satisfeito com a justificação contida em a nota brasileira, assignada pelo ministro de Extrangeiros, o conselheiro Magalhães Taques. Seward disse, em resposta, que se rendia á evidencia demonstrada naquella nota habilissima *(most able note)* (1). O amor proprio brasileiro, naquelle tempo, podia ter satisfacções destas.

Terminada a guerra civil, houve o grande litigio entre a Inglaterra e os Estados-Unidos, a celebre contenda conhecida pelo nome de *Questão Alabama*. O governo do Brasil foi escolhido pelas altas partes litigantes para ser um dos arbitros entre as duas grandes nações. Não podiam ser mais solemnemente reconhecidas, do que foram então, a lealdade e a correcção do

---

(1) *House of Representatives Exec. Docs. 5th session.* Vol. IV, 38th Congress.

governo do Rio de Janeiro (1). Annos mais tarde, surgiu um litigio derivado ainda da guerra civil americana. O conflicto era entre as duas grandes Republicas do mundo, entre a França e os Estados-Unidos. O arbitro unico e escolhido foi o Imperador do Brasil. No tribunal que funccionou em Washington, representou o soberano brasileiro o sr. barão de Arinos; no tribunal do *Alabama*, que funccionou em Genebra, o juiz brasileiro foi o fallecido barão, depois visconde de Itajubá. Vê-se, por isso, qual não era o prestigio do Brasil. Hoje, querendo os Estados-Unidos fechar o mar de Behring e, retrocedendo extranhamente para épocas passadas, restabelecer o *mare clausum*, que Selden e Freytas defenderam no seculo XVII contra Grocio, o fundador do direito internacional mo-

(1) Ibidem, 37th Congress; 2d session, Vol. IV.

derno, a Inglaterra oppoz-se á pretenção e os dous paizes recorreram a um arbitramento. Parece que os tempos estavam mudados...

Os Estados-Unidos já não appellaram para o governo do Brasil, e o governo de Washington, que querem agora apresentar como o paladino da fraternidade americana, nem por sombras pensou em recorrer a seus collegas presidentes de Republicas latinas. Os Estados-Unidos preferiram a arbitragem de algumas anachronicas chancellarias de velhas e carcomidas Monarchias européas!

Não seriamos completos em nossa demonstração de que os Estados-Unidos, embora contem illustres escriptores de direito internacional, são mais egoistas e prepotentes em suas praticas, do que as Monarchias européas, si não nos referissemos ao celebre incidente do *Trent*. O vapor deste nome,

vapor inglez, levava, como passageiros, dous enviados diplomaticos representantes dos Estados Confederados, os srs. Sliddel e Mason, que iam, como enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, em missão especial, um delles para Londres, outro, para Paris. Pois bem, um navio de guerra americano, em alto mar, deteve o vapor inglez e violentamente arrancou de bordo os dous passageiros. Este acto, contrario ao Direito das Gentes, esse desrespeito ao pavilhão de uma nação neutra e essa felonia contra os dous diplomatas despertaram a indignação de todos os governos, e o governo de Washington viu-se obrigado a censurar o official que perpetrou tão feia acção; aproveitou-se, porém, della, conservando por muito tempo os dous prisioneiros. Este acto é apenas menos condemnavel do que a vilania que contra nós praticou Solano Lopez, apri-

sionando em plena paz o vapor brasileiro *Marquez de Olinda,* vapor que levava o coronel Carneiro de Campos, presidente de Matto Grosso. Esta proeza parece que foi vivamente aconselhada a Lopez pelo cidadão uruguayo sr. Vazques Sagastume, hoje ministro no Rio de Janeiro, e, portanto, um dos corypheus da fraternidade americana.

Para com o seu immediato vizinho meridional, o Mexico, a politica dos Estados-Unidos terá sido uma politica de fraternidade?

O facto mais importante dessa politica qual foi?

Foi uma guerra.

E essa guerra contra o Mexico é pintada com verdade e eloquencia pelo historiador americano H. H. Bancroft:

« *A guerra dos Estados-Unidos contra o Mexico foi um negocio premeditado e determinado de antemão. Foi o resultado de um plano de assalto, que*

o mais forte organisou deliberadamente contra o mais fraco. As altas posições politicas de Washington eram occupadas por homens sem principios, taes como os senadores, os membros do Congresso, sem falar do presidente e de seu gabinete, e havia a grande horda dos demagogos e dos politiqueiros, que se compraziam em satisfazer os instinctos dos seus partidarios. Estes eram os senhores de escravos, os contrabandistas, os assassinos de indios, que, com suas impias boccas maculadas de tabaco, juravam, pelos sagrados principios de 4 de julho, que haviam de extender o predominio americano do Atlantico até ao Pacifico. E esta gente, despida das noções do justo e do injusto, estava disposta cynicamente a reter tudo quanto pudesse saquear, invocando para isso o principio unico da força.

« O Mexico, pobre, fraco, luctando para obter um logar entre as nações,

vai agora ser humilhado, espesinhado, algemado e vergastado pela brutalidade de seu vizinho do norte. E este é um povo que tem o maior orgulho de sua liberdade christã, de seus antecedentes puritanos! Veremos como os Estados-Unidos começaram, então, a empregar toda a sua energia em descobrir plausiveis pretextos para roubar a um vizinho mais fraco uma vasta extensão de terra. E para que? Para ahi estabelecer a escravidão» (1).

A guerra foi precedida da intrusão americana no Texas, dos subsidios que os americanos deram á revolta por elles mesmos fomentada naquelle territorio, cuja independencia não tardaram a reconhecer como medida preparatoria da annexação, que foi a gotta de agua que fez transbordar a pacien-

(1) H. H. Bancroft — *Works*, San Francisco, 1885. Vol. XIII, cap. 13.

cia dos mexicanos. E essa paciencia já tinha sido posta á prova de mil modos, por annos e annos, numa longa serie de vexames. As *reclamações* americanas se multiplicavam. Extinctas hoje, isto é, pagas a bom dinheiro pelo Mexico, renasciam d'ahi a mezes. E as reclamações eram extraordinarias. Bancroft, entre outras, cita a reclamação de um americano que, por cincoenta e seis duzias de garrafas de cerveja, recebeu 8.260 dollars (1).

Uma vez, o commissario americano Voss recebeu o dinheiro, e este não appareceu (2).

Em 1818, estando os Estados-Unidos em paz com a Hespanha, o general Jackson invadiu a fronteira da Florida, capturou e guarneceu um forte hespanhol, apoderando-se de Pensacola e de Barrancas.

(1) BANCROFT, pag. 318, nota.
(2) Ibidem, pag. 320.

Mais tarde, tambem sem declaração de guerra, o general Gaines fez incursões no Mexico. Estava, pois, nas tradições do governo de Washington o começar a guerra contra o Mexico, sem prévia declaração, para, de surpresà, romper as hostilidades e invadir o territorio. E assim foi.

Vejamos agora como se fez a guerra. Os americanos fizeram-na de um modo barbaro: « *O bombardeio de Vera Cruz durou quatro dias; foi horrivel e inteiramente desnecessario* (1). *O saque, as matanças de feridos no campo de batalha, os prisioneiros queimados vivos, são factos confirmados pelas mais elevadas auctoridades officiaes* (2). *As barbaridades illegitimas commettidas quasi sempre com impunidade por uma massa indisciplinada, como era o exercito americano, estão, infelizmente, por demais*

(1) BANCROFT, pag. 547.

(2) LIVERMORE — *War with Mexico*, pag. 263.

verificadas (1). E isto estava de accôrdo com a opinião publica».

Leiamos as expressões dos jornaes americanos:

Dizia um: « *Devemos destruir a cidade do Mexico, arrasando-a ao nivel do solo. Façamos o mesmo com Puebla, Perote, Jalapa, Saltillo e Monterey, e, feito isto, devemos ainda augmentar as nossas exigencias*».

Dizia outro: « *Anniquilemos os mexicanos, levemos a destruição e a morte a todas as familias, façamos-lhes sentir um jugo de ferro, e assim seremos respeitados*» (2).

E o Mexico perdeu quasi metade de seu territorio.

Faz-se muito cabedal do facto dos Estados-Unidos terem, mais tarde, intimado á França a retirada de suas tropas do Mexico. Foi um serviço; mas

(1) BANCROFT, pag. 547.

(2) JAY — *Review of the Mexican War*, pag. 259,

como não tem o Mexico pago caro esse serviço! O governo de Maximiliano não se poude manter, embora tenha sido o governo mais honesto que o Mexico tem tido desde a independencia. Maximiliano era um extrangeiro. Houvesse um principe mexicano, que aquella população, de indole monarchica, acceitaria unanime a Monarchia. Demais, Maximiliano não quiz sanccionar os grandes abusos do clero, sobretudo em relação aos bens da egreja. Não nos esqueçamos de que o decreto abolindo os contractos agricolas dos *peones*, —revogação de uma lei antiga, pela qual os trabalhadores das *haciendas* se tornavam verdadeiros escravos, sujeitos até aos açoites, — attrahiu contra o principe liberal os odios das chamadas classes conservadoras, que sabemos o que são em toda a America latina. Parece que ha uma fatalidade para os chefes de Estados libertadores;

Alexandre II da Russia, despedaçado pelas bombas nihilistas; Maximiliano, fuzilado; Lincoln, assassinado, e D. Isabel do Brasil, exilada. O martyrio é a consagração dos grandes feitos em prol da humanidade!

No Mexico, o sentimento monarchico é irresistivel. Não póde restaurar a Monarchia, mas tem tornado impossivel a Republica; porque no Mexico não ha, não houve, nem ha de haver Republica. O notavel escriptor americano Gronlund diz que, si os Estados-Unidos, na época de sua independencia, tivessem encontrado um principe inglez, como o Brasil encontrou um principe portuguez, a Monarchia se teria estabelecido nos Estados-Unidos (1). E o tempo teria feito desta Monarchia um regimen bem

---

(1) GRONLUND —*Cooperative Commonwealth.* London, 1891, Swan & Sonnenschein, pag. 157.

differente do regimen de oppressivo monopolio e de cruel plutocracia, que é hoje a essencia, mesmo, do governo norte-americano. Si se póde dizer isto dos Estados-Unidos, com muito mais razão se dirá o mesmo do Mexico. A Republica, no Mexico, como noutros paizes da America latina, nunca será uma cousa impessôal; a Republica ahi será sempre um homem: foi Juarez, homem representativo, homem que representou o odio ao extrangeiro. Ora, o odio póde destruir; o odio póde ser a verdadeira expressão do sentimento nacional, num dado momento, mas o odio não creia cousa alguma. Augusto Comte tem uma de suas intuições geniaes, quando quer que as sociedades humanas tenham por base o amor. Só o amor é creador. Por isso, Juarez nada creou. Don Sebastian Lerdo de Tejada, ministro e successor de Juarez, foi uma transição

entre a politica do odio indigena e a concepção juridica da sociedade. Homem de lei, jurisconsulto, pretendeu pôr tudo em artigos de codigos. Espiava-o o militarismo, sorte commum e inevitavel de toda a America iberica. Deposto e expulso Lerdo pelo general Diaz, voltou o Mexico ao militarismo systematico. O general Diaz e o general Gonzalez revezam-se, ha vinte e tantos annos, no poder, e o poder delles é praticamente absoluto. A Constituição, copiada da Constituição americana, dá ao presidente quasi todos os poderes. O Congresso é nada; as eleições, uma farça.

O furor imitativo dos Estados-Unidos tem sido a ruina da America. Pericles, no seu celebre discurso no Ceramico, disse: « *O' athenienses, eu vos dei uma Constituição que não foi copiada da Constituição de nenhum outro povo. Não vos fiz a injuria de*

fazer, para vosso uso, leis copiadas de outras nações».

Ha muita grandeza na exclamação do genio grego. Ha uma presciencia de tudo quanto descobriu a sciencia social moderna, que, afinal, se póde resumir nisto: as sociedades devem ser regidas por leis sahidas de sua raça, de sua historia, de seu caracter, de seu desenvolvimento natural.

Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho do atheniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros paizes!

Todos os paizes hespanhóes na America, declarando a sua independencia, adoptaram as formulas norte-americanas, isto é, renegaram as tradições de sua raça e de sua historia, sacrificando-se ao principio insensato do artificialismo politico e do exotismo legislativo.

O que colheram desse absurdo, diz-nos a triste historia hispano-americana deste seculo. O Brasil, mais feliz, instinctivamente obedeceu á grande lei de que as nações se devem reformar dentro de si mesmas, como todos os organismos vivos, com a sua propria substancia, depois de já estarem lentamente assimilados e incorporados á sua vida os elementos exteriores que ella naturalmente tiver absorvido. No Brasil, tivemos a independencia, facto logico do desenvolvimento da sociedade colonial; a Monarchia mantida foi o respeito da tradição e a conservação do paiz em sua indole historica, que ninguem póde mudar. O constitucionalismo e o systema parlamentar adoptados foram, até certo ponto, uma revivescencia do passado, uma reproducção das côrtes lusitanas, cousa que muito se harmonisava com a organisação quasi espontanea, mas sempre

representativa, e mais poderosa do que se julga, dos governos municipaes e locaes da colonia.

As idéas liberaes do seculo, consagradas nas instituições coevas da independencia, acharam uma base historica em que se firmaram. E isto deu ao Brasil setenta annos de liberdade.

Mais tarde, em 1889, foi commettido no Brasil o mesmo grande erro em que os hispano-americanos tinham cahido no primeiro quarto do seculo, isto é, quando artificialmente se quiz impôr ao Brasil a formula norte-americana.

A perda da liberdade foi a consequencia immediata, fatal, da desgraçada idéa. E nós, tardiamente, fomos tomar parte na fastidiosa e desalentadora tarefa em que vivem, ha noventa annos, os hispano-americanos, isto na longa, vã, tormentosa, sangrenta e já degradante e inutil tentativa, quasi secular, de querer implantar na Ame-

rica latina as instituições de uma raça extranha.

O grande orador americano Henry Clay falava, uma vez, em 1818, no Congresso americano, em favor das colonias hespanholas revoltadas contra a metropole: « *Acredita-se geralmente em nosso paiz que os sul-americanos são muito atrazados e supersticiosos para se constituirem em nações livres. É uma injustiça. E a prova de que elles não estão tão atrazados é que estão adoptando as nossas instituições e as nossas leis* » (1). O insigne historiador von Holst diz que Clay affirma um contrasenso; porque essa limitação servil, essa, sim, é prova de incapacidade (2).

O Mexico copiou, pois, a Constituição norte-americana. Uma disposi-

---

(1) Henry Clay — *Speeches*. Vol. 1, pag. 89 e 90.

(2) Von Holst — *Constitutional history of the U. S.* Vol. 1, pag. 415.

ção constitucional dizia mais: que o presidente era inelegivel para o periodo presidencial immediato á sua presidencia. D'ahi, o hybrido e immoralissimo pacto de Diaz e de Gonzalez. Diaz elege Gonzalez, com a condição de Gonzalez eleger de novo a Diaz. E isto dura ha mais de vinte annos. Agora, parece que Diaz não quer largar: já fez reformar a Constituição e, revogando a incompatibilidade, vai fazer reeleger-se e Gonzalez vai ficar logrado. Fala-se já em revolução gonzalista, e o estado de sitio funcciona no Mexico com a mais invejavel regularidade.

Eis ahi o serviço que os Estados-Unidos prestaram ao Mexico, livrando-o de um governo que, embora incriminado de extrangeiro, foi o mais brando, numa palavra, o mais civilisado que jámais teve aquelle desgraçado paiz. E não se limitaram a isso

os bons officios da irmã Republica. Depois de haver retalhado o territorio mexicano, em 1848, e, sobretudo, depois da victoria definitiva da Republica no Mexico, os Estados-Unidos constituiram sobre aquelle paiz um verdadeiro protectorado, que mexicanos imprevidentes foram acceitando, sem ver que era a ruina e o descredito de sua patria. O duumvirato Diaz-Gonzalez attrahiu para o Mexico uma nuvem de aventureiros, que, patrocinados pela legação americana, se apresentavam querendo concessões e privilegios, que lhes eram dados a troco de favores pessôaes, de acções beneficiarias e de outras mil fórmas da fraude financeira. O Mexico, a pretexto de o armarem com todos os instrumentos modernos de progresso, foi a presa submissa e opima dos americanos. Tudo foi alli objecto de privilegio, tudo, motivo para concessões, com garantia

de juros e outras vantagens onerosas para o Thesouro. Os concessionarios corriam para New-York, e na Bolsa de Wall Street obtinham dos incautos o dinheiro que desejavam. Quer imperasse Diaz, ou reinasse Gonzalez, o methodo era sempre o mesmo. Muitas vezes, membros do governo de Washington eram socios dessas alicantinas, e, si o governo mexicano oppunha alguma pequena difficuldade em entregar o dinheiro, logo actuava sobre elle a pressão diplomatica. Diaz e Gonzalez amontoavam grandes fortunas e Washington rejubilava. Os jornaes americanos annunciavam com enthusiasmo os progressos da iniciativa americana, dizendo que a conquista financeira do Mexico era apenas o preludio da conquista politica, que mais tarde viria. Nesse tempo, o illustre Lerdo de Tejada, que vivia em New-York exilado, dizia a quem escreve

estas linhas: « *Os generaes mexicanos, no meu tempo, roubavam nas estradas; agora, roubam nas companhias. É um progresso* ».

A principal figura desta roubalheira, figura pouco sympathica, mas parece que um pouco innocente nesses crimes, foi o general Grant. Aquelle soldado feliz era um homem de curta intelligencia, ignorante em materia de negocios e, em todo caso, um individuo sem grandes delicadezas. Logo que se tratava de um assalto qualquer ás piastras mexicanas, o iniciador da idéa ia ter com o general Grant, e este logo lhe dava o seu nome, o seu prestigio e a sua influencia. Chegaram, então, ao auge a jogatina e a immoralidade. O Mexico, a pretexto de applicação no seu solo de capitaes *yankees*, era praticamente governado pela legação americana. O Mexico deixou de ser dos mexicanos. Alguns patriotas

protestaram; mas os generaes Diaz ou Gonzalez dispunham logo do recurso de prender os patriotas e de proclamar o estado de sitio. O illustre orador e notavel poeta do Mexico, o sr. Altamirano, no meio do abaixamento geral, ergueu contra a alliança americana a sua voz eloquentissima: «*Não!*» — bradava elle no Congresso — «*mil vezes a nossa pobreza antiga, do que a ignominia que presenciamos. O leão mexicano era livre na liberdade ampla de nossas serranias. O extrangeiro desleal e corruptor o tem agrilhoado, e julga-se ainda seu bemfeitor, dizendo que são de ouro as cadeias com que o subjuga! Não! Vincula, quamvis aurea, tamen vincula sunt!*»

Emquanto esta voz illustre se levantava no Mexico, em New-York, num grande banquete de confraternidade (financeira, já se vê) entre figurões americanos e notaveis mexicanos,

banquete presidido pelo general Grant, o sr. Evarts, um dos mais conhecidos estadistas americanos, antigo secretario de Estado, usava de linguagem que bem justificava a indignação patriotica de Altamirano. O sr. Evarts passava por ser o homem mais espirituoso dos Estados-Unidos; mas, muitas vezes, apesar de homem lettrado, tocava as raias da vulgaridade. Isto é muito commum naquelle paiz. Ha alli muita gente com reputação de espirituosa; mas, nos Estados-Unidos, que, tendo tido a honra de ser a patria de Edgard Poë, o deixaram morrer na miseria e no desprezo geral, negando-lhe até hoje um monumento, as chocarrices dos *professional wits,* ou espirituosos de profissão, são muita vez acolhidas com enthusiasmo. Eis o que dizia o sr. Evarts, entre as gargalhadas dos *yankees* e os sorrisos amarellos dos mexicanos: « *A doutrina de*

Monrõe é, por certo, uma bôa cousa; mas, como todas as cousas bôas antiquadas, precisa de ser reformada. Essa doutrina resume-se nesta phrase: a America para os americanos. Ora, eu propôria com prazer um additamento: para os americanos, sim, senhor, mas, entendamo-nos, para os americanos do Norte (applausos). *Comecemos pelo nosso caro vizinho, o Mexico, de que já comemos um boccado em 1848. Tomemol-o* (hilaridade). *A America Central virá depois, abrindo nosso appetite para quando chegar a vez da America do Sul. Olhando para o mappa, vemos que aquelle continente tem a fórma de um presunto. Uncle Sam é bom garfo; ha de devorar o presunto* (applausos e hilaridade prolongada). *Isto é fatal, isto é apenas questão de tempo. A bandeira estrellada é bastante grande para extender a sua sombra gloriosa de um oceano a outro. Um dia, ella fluctuará,*

unica e ovante, do polo norte ao polo austral ».

Commentarios são estes do sentimento geral do povo americano.

Em 1836, no Congresso americano, exclamava o senador Preston:

« *A bandeira estrellada não tardará a fluctuar sobre as torres do Mexico, e dalli seguirá até ao cabo Horn, cujas ondas agitadas são o unico limite que o* yankee *reconhece para a sua ambição.* »

Continuava, porém, no Mexico a orgia dos melhoramentos. A repartição mexicana de estatistica começou a ser de uma phantasia e de uma imaginação pasmosa. Concessão de caminho de ferro que fosse objecto de um decreto do Executivo era immediatamente inscripta nos relatorios e nos outros documentos officiaes, não

como um simples acto legislativo, mas como uma realidade effectiva. Eram mais tantos e tantos milhares de kilometros de linha que se davam como feitos e que os mappas do governo, destinados ao extrangeiro, traçavam orgulhosamente em longos riscos multicôres. Qualquer tentativa de uma nova industria, de uma cultura extranha, era immediatamente classificada como uma fonte já creada e abundante de riquezas immensas. Foi então que no Brasil houve ingenuos que começaram a inquietar-se com a grande baléla do café do Mexico, e foi depois de ler algumas daquellas estatisticas ultra-phantasistas, que o sr. Quintino Bocayuva fez propaganda republicana, nuns artigos com este titulo: *Olhemos para o Mexico.* Muita outra gente quiz, mais ou menos por esse tempo, que os brasileiros olhassem tambem para a Republica Ar-

gentina, e viajantes boçaes que d'alli voltavam, depois de curto passeio, vinham republicanos. Tinham visto os *restaurants* luxuosos de Buenos-Aires, admirado as carruagens das *cocottes* e dos empregados publicos prevaricadores; tinham contemplado a architectura riquissima dos bancos, sem ver a fraude e a ruina que lá iam por dentro. Voltavam para o Brasil, e, vendo os nossos ministros e parlamentares andando de bonde, vendo os modestos edificios dos nossos bancos (então ainda acreditados), concluiam que o Brasil era um paiz atrazado e que a culpa era da Monarchia.

É, porém, muito grande a força das cousas. Antes de rebentar a fallencia fraudulenta, não da Republica Argentina, mas dos maus governos daquelle bello paiz, terminou escandalosamente o consorcio financeiro do Mexico e dos Estados-Unidos. Partiram

as primeiras reclamações dos pobres accionistas defraudados; os infelizes que contribuiram para as extraordinarias empresas, pomposamente patrocinadas pelos generaes de uma e de outra Republica, começaram a perceber, embora tardiamente, que tinham sido atrozmente espoliados. As minas nada rendiam, as terras concedidas eram *llanos* estereis, serras inaccessiveis, ou pantanos e mangues pestilentos, nas costas inhospitas do golpho, ou do Pacifico. E nessas phantasticas creações, nos ordenados das directorias, nos estipendios á imprensa, nas remunerações a funccionarios mexicanos e a diplomatas dos Estados-Unidos, escoaram-se, volatilisaram-se os milhões de *dollars* subscriptos. O grito das victimas foi medonho. A principio, o grande prestigio do general Grant foi um dique, que por algum tempo conteve a onda da indignação, irrompida, afi-

nal, por toda a parte, nos *meetings*, na imprensa e nos tribunaes de New-York. A celebre empresa do caminho de ferro do Tehuantepec foi declarada em fallencia; os bancos suspenderam pagamentos; houve suicidios entre os figurões compromettidos; um filho de Grant foi arrastado aos tribunaes, e o pobre general soffreu grandemente na sua popularidade, quando o seu nome se achou envolvido em tantos litigios escandalosos. A maior parte dos decantados melhoramentos do Mexico ficaram adiados indefinidamente; o Thesouro daquella Republica sahiu arrebentado da lucta, e, continuando debaixo do dominio de Diaz e Gonzalez — o Mexico é ainda hoje uma victima, depauperada, da amizade e da fraternidade norte-americana.

Esta rapida exposição demonstra o que é a fraternidade dos Estados-Unidos para os paizes latinos.

*
* *

Vimos o Mexico; vamos, agora, á America Central.

« *Está no destino de nossa raça* », dizia em sua mensagem de 7 de janeiro de 1857 o presidente Buchanan — « *o extender-se por toda a America do Norte, e isto succederá dentro de pouco tempo, si os acontecimentos seguirem o seu curso natural. A emigração seguirá até ao sul, nada poderá detel-a. A America Central, dentro de pouco tempo, conterá uma população americana, que trabalhará para o bem dos indigenas* ».

O senador G. Brocon, em 1858: « *Temos interesse em possuir Nicaragua. Temos manifesta necessidade de tomar conta da America Central, e, si temos essa necessidade, o melhor é irmos já, como senhores, áquellas terras. Si seus habitantes quizerem ter um bom governo, muito bem e tanto melhor; si não quizerem, que vão para outra*

parte. Dir-me-ão que ha tratados; mas que importam os tratados, si temos necessidade da America Central? Saibamos apoderar-nos della, e, si a França e a Inglaterra quizerem intervir, ávante, ó doutrina de Monrõe!»

A extraordinaria historia do flibusteiro Walker é das que melhor pintam a má fé norte-americana e o desprezo profundo que os governos dos Estados-Unidos têm pela soberania, pela dignidade e pelos direitos das nações latinas da America. Houve um momento em que os americanos julgaram chegada a occasião de conquistar a America Central. Tendo já conquistado metade do Mexico, a conquista da America Central deixaria o que hoje resta do Mexico independente apertado entre dous territorios americanos, isto é, fadado a uma absorpção rapida. Um aventureiro, William Walker, sahiu, em 1853, de S. Francisco,

á frente de um pequeno exercito de bandidos, formado debaixo das vistas protectoras das auctoridades americanas. Este bando armado invadiu o territorio mexicano de Sonora, e Walker proclamou-se presidente do novo territorio, annexando-o por sua propria auctoridade aos Estados-Unidos. Teve, porém, de desistir de seu proposito e de render-se ás auctoridades federaes americanas de S. Diogo, que o tiveram de julgar pelo crime commettido e pela quebra da neutralidade, absolvendo-o, porém, como era de esperar.

Por esse tempo, na infeliz Republica de Nicaragua, tratava-se de uma eleição presidencial, o que nas Republicas hispano-americanas é synonymo de guerra civil. Estavam em campo dous candidatos, generaes, já se vê, por signal chamados um Castellon e outro Chamarro. Mais ou menos eleito

Chamarro, foi meio deposto por seu rival Castellon, que, para fortalecer a sua situação, teve a idéa desastrada de convidar Walker a vir a Nicaragua ajudal-o a defender a Constituição e o principio da auctoridade. Walker formou novo exercito e partiu de S. Francisco, em maio de 1855.

Immediatamente, o ministro de Nicaragua em Washington, o sr. Marcoleta, queixou-se energicamente; mas o secretario de Estado Marcy fingiu ignorar o caso e não attendeu ao reclamante. Deu-se logo a primeira *batalha*. Os nicaraguenses, alliados de Walker, parece que fugiram aos primeiros tiros; mas os 56 americanos que elle commandava levaram tudo de vencida, dando-lhe um immenso prestigio. Em seguida, outras victorias do mesmo teôr, em Bahia das Virgens, San Juan del Sur e Rivas, e, sem resistencia, Walker entrou em

Granada. A cidade foi saqueada durante tres dias. Walker fez uma proclamação garantindo a vida dos moradores, e tendo os principaes destes voltado ás suas casas, foram fuzilados sem demora, nem processo. O ministro americano Wheeler, mancommunado com Walker, empenhou-se, sobretudo, para que apparecesse um cidadão importante chamado Mayorga, a quem deu todas as garantias, dizendo-lhe que ficava debaixo da protecção da bandeira estrellada dos Estados-Unidos. Mayorga cahiu na armadilha, e o ministro americano entregou-o a Walker, que o fuzilou immediatamente, com muitos outros cidadãos de Nicaragua (1). Walker arranjou logo uma especie de tratado de paz com o general Corral, e fez presidente nominal da Republica a D. Patricio Rivas, que, sob a pressão

(1) *Walker on Nicaragua*, pag. 6, Cojutepec, 1856.

do medo, assim que poude, fugiu das mãos de Walker, no que andou com prudencia, porque, dias depois, o general Corral (outro protegido da legação americana) foi fuzilado. Walker ficou senhor absoluto do paiz, e, a 12 de julho de 1856, proclamou-se dictador, tendo já o seu embaixador Vigil sido recebido solemnemente pelo governo de Washington, a 12 de maio do mesmo anno. A 22 de setembro, Walker expediu um decreto restabelecendo a escravidão em Nicaragua. A escravidão havia sido abolida alli, havia trinta e dous annos. Grande parte da imprensa americana e a maioria do Congresso saudaram com jubilo este decreto escravagista. As outras nações da America Central reconheceram o perigo, declararam guerra a Walker, que começou a receber grandes recursos dos Estados-Unidos. A guerra seguiu com varia sorte. Walker incendiou com-

pletamente a cidade de Granada e recolheu-se a Rivas, praça que se rendeu ao general Mora, em 1 de maio de 1857; e, graças á intervenção do capitão Davis, commandante do navio de guerra americano *Saint Mary's,* Walker poude escapar, refugiando-se com o seu estado-maior e 260 soldados a bordo do mesmo navio de guerra, que os transportou para Nova Orleans, onde foram recebidos no meio de applausos populares (1).

---

(1) HAYDN'S — *Dictionary of Dates*, 1889, pag. 635.

O relatorio do ministro da Marinha Toucey, em 1857, fala a respeito do asylo concedido a William Walker, nos seguintes termos:

«*Julgou o governo necessario, como medida de humanidade e de politica, dar instrucções ao commodoro Mervine (chefe da divisão naval), no sentido de facilitar ao general Walker e a seus companheiros, no caso delles a solicitarem, a retirada de Nicaragua. A acção do commandante Davis, facilitando, por meio do navio* Saint Mary's, *a retirada de Nicaragua ao general Walker*

Em New-York, houve um *meeting* em honra e a favor de Walker. O presidente dos Estados-Unidos, Buchanan, mandou um telegramma encomiastico a respeito de Walker, dizendo «*que os heroicos esforços de Walker excitavam a sua admiração e a sua solicitude*» (1).

Em Nova Orleans, sempre com a benevolencia do governo de Washington, começou o aventureiro a orga-

---

e a seus soldados, foi pois approvada por este Ministerio».

Inglez: «*It was deemed necessary, as a measure of humanity and policy, to direct commodore Mervine to give general Walker and such of his men, as were willing to embrace it, an opportunity to retreat from Nicaragua. And the action of commander Davis, so for has he aided general Walker and his men, by the use of the* Saint Mary's *to retreat from Nicaragua, was approved by this Departement*».

Congressional Globe, part. 1, 1.st session, 35.th congress, 1857-1858, pag. 356.

(1) Von Holst — *Constitucional History of the United States*, 1856-1859, pag. 160.

nisar outra expedição. Denunciado pelos agentes diplomaticos centro-americanos, foi preso, sendo, porém, logo solto, mediante pequena caução. Equipando o navio *Fashion,* partiu a 11 de novembro para Punta Arenas, onde desembarcou com 400 homens, sem que se oppuzesse a isto o *Saratoga,* vaso de guerra americano. O capitão Paulding, da marinha americana, chegando depois, obrigou Walker a render-se e trouxe-o para New-York. Walker foi entregue aos tribunaes, mas estes não o processaram, sendo, porém, processado e reprehendido o capitão Paulding, por ter excedido as suas instrucções e ter contrariado o governo de Washington, declarado protector de Walker. Em agosto de 1860, este desembarcou em Truxillo (Honduras), apoderou-se da fortaleza e saqueou a cidade. O capitão Salmon, commandante do *Icarus,* navio de guer-

ra inglez, intimou Walker a restituir a propriedade roubada. Walker recusou-se e fugiu. Foi perseguido, apanhado, e por ordem do governo de Honduras foi julgado e fuzilado (1). O desastre final de Walker produziu indignação nos Estados-Unidos. Quizeram fazer delle um heroe sublime. O poeta Joaquim Miller exaltou-o e attribuiu-lhe

> A piercing eye, a princely air,
> A presence like a chevalier
> Half angel, half Lucifer.

Quem ha, versado na historia latino-americana, que não tenha na lembrança o barbaro bombardeamento de S. João de Nicaragua (Greytown), em 1854? O commandante de um vapor americano matou cruelmente com um tiro de carabina, á entrada daquelle

(1) HAYDN'S — *Dictionary of Dates*, 1889, ibidem.

porto, o patrão de um barco de pesca. As auctoridades exigiram a entrega do criminoso. O ministro americano oppoz-se; houve manifestações de desagrado ao ministro, e tanto bastou para que os Estados-Unidos mandassem a Nicaragua a corveta *Cyane,* que exigiu todas as reparações, o pagamento de uma longa lista de pretendidos prejuizos soffridos por americanos e 30.000 *dollars* de indemnisação ao ministro, pelas assuadas. Isto, sob pena de bombardeio em vinte e quatro horas. A população, julgando que o caso se limitaria a algumas bombas arremessadas contra a pequena cidade, que apenas contaria umas quinhentas casas, retirou-se para o interior. O commandante do vaso de guerra inglez *Bermuda* protestou solemnemente, declarando que só a fraqueza de seu navio o impedia de oppôr-se pela força ao bombardeio. No dia seguinte, depois

de atirar algumas bombas, o commandante operou um desembarque, e as suas tropas incendiaram todas as casas. A cidade ficou inteiramente destruida, e o prejuizo causado a extrangeiros pela destruição de mercadorias subiu a mais de 2.000.000 de *dollars* (1).

Este crime não teve outra punição além do justo estigma da Historia.

---

(1). CALVO — *Traité théorique et pratique de droit international.*

VON HOLST — Vol. IV, pag. 11.

Na grande obra do sr. Calvo, a data do bombardeio é dada como 1834, e noutra sua obra, como 1835. Erros de revisão desta ordem são numerosos nas preciosas e utilissimas compilações do sr. Calvo. Por isso, é preciso um certo cuidado com as informações que ellas nos fornecem, sendo sempre bom ir verificar as fontes citadas, que, sendo numerosissimas, nem todas puderam ser convenientemente resumidas pelo auctor. Assim, o sr. Calvo não fala do protesto, importantissimo, aliás, do commandante do *Bermuda*, e é de extranhar que episodios da importancia das expedições de Walker não sejam, siquer, tratados pelo escriptor argentino.

Quando a Inglaterra começou a apoderar-se dos territorios que cercam Belize e das ilhas honduranas, que constituem hoje o Honduras inglez, a pobre Republica de Honduras em vão appellou para a protecção do governo de Washington, allegando, contra a violencia que lhe era feita, a doutrina de Monröe.

Nesta questão da Centro-America, longe de se oppôr á intervenção européa, o governo americano solicitou até a interferencia da Inglaterra no assumpto, pelo tratado de 19 de abril de 1850, conhecido pelo nome de tratado Clayton-Bulwer. Por esse tratado, os Estados-Unidos associaram-se á Monarchia européa, para regularem a construcção e a neutralidade do projectado canal de Nicaragua. E, cousa notavel, uma das consequencias deste tratado foi os Estados-Unidos reconhecerem solemnemente o dominio inglez no Hon-

duras, em detrimento das Republicas hespanholas da Centro-America. Na primeira clausula deste tratado, os dous governos concordavam em que nem um nem outro poderiam occupar, fortificar, colonisar, ou assumir, ou exercer qualquer dominio sobre Nicaragua, Costa Rica, Costa dos Mosquitos, ou qualquer parte da America Central.

Em 29 de junho de 1850, o ministro inglez em Washington, sir Henry Lytton Bulwer, declarava que o governo inglez excluia daquella clausula os estabelecimentos inglezes de Honduras, e, a 4 de julho, o secretario de Estado annuia, numa nota, admittindo que ficavam fóra do tratado os estabelecimentos inglezes em Honduras (1).

Só em 1855, o ministro americano em Londres, Buchanan, solicitou que

(1) HERTSLET — *A complete collection of treaties* etc. Vol. VIII, pag. 969, e vol. X, pag. 645.

a Inglaterra abandonasse a ilha de Ruatan e outras, de que esta nação se tinha apoderado na costa de Honduras, assim como o territorio entre os rios Sibun e Sarstoon, e que a possessão ingleza de Belize se limitasse á parte dos tratados anglo-hespanhoes de 1783 e 1786, e que a Inglaterra abandonasse a Costa dos Mosquitos. Lord Clarendon, ministro dos Negocios Extrangeiros da Inglaterra, respondeu com uma redonda negativa. E Monröe? (1)

---

(1) ELISÉE RÉCLUS — *Geographie Universel*, tomo XVII, pag. 484, diz: « La côte dite de Mosquitia, ou des Mosquitos, fut revindiquée par le gouvernement anglais, et, si les États Unis n'étaient intervenus, tout l'espace compris entre la rivière de Nicaragua et la baie de Honduras serait devenu territoire britannique, comme l'est actuellement le pays de Belize. En vertu de la doctrine de Monröe, l'Amérique reste aux américains et le littoral de la mer des Caraïbes est restitué à la Republique du Nicaragua ».

Esta affirmação do illustre geographo é inteiramente falsa. A intervenção dos Estados-Unidos foi seguida da negativa de Lord Clarendon. Em 1860, pelos tratados de 28 de janeiro e 11

Quando se formou na Europa, com sêde em França, a mallograda companhia do canal inter-oceanico, que obteve uma concessão do Congresso colombiano, o governo de Washington sahiu-se logo com a doutrina de Monröe, fazendo um terrivel escarcéo. O velho Lesseps, porém, foi de Panamá a New-York, foi a Washington e, como por encanto, toda a opposição cessou por parte da Secretaria d'Estado. Annos depois, tudo isto ficou

---

de fevereiro, assignados em Managua, a Republica de Nicaragua fez muitas concessões á Inglaterra quanto ao transito do isthmo, esta garantiu a neutralidade do isthmo e cedeu á Republica de Nicaragua o protectorado da Costa dos Mosquitos.

Em troca de concessões analogas, feitas por Honduras, a Inglaterra reconheceu, com varias restricções, o dominio dessa Republica sobre as ilhas do Honduras, pelo tratado de 28 de novembro de 1859.

Nos Estados-Unidos, esses tratados foram considerados como victorias da diplomacia ingleza e foram muito atacados, prova de que não foram celebrados, graças aos Estados-Unidos, como diz o sr. Réclus.

explicado, por occasião do celebre processo do Panamá, e soube-se porque as influencias americanas, os homens do governo de Washington, deixaram de lado Monröe e a sua doutrina. No processo do Panamá, verificou-se que milhões de francos foram mysteriosamente gastos para acalmar escrupulos e para suavisar a doutrina de Monröe. Eis qual tem sido o papel dos Estados-Unidos em relação á grandiosa idéa do canal inter-oceanico. Aquelle paiz empregou toda a sua influencia para atrazar e embaraçar por todas as fórmas a grandiosa empresa, promettedora de beneficios para a humanidade, e isto para não prejudicar as companhias dos caminhos de ferro trans-continentaes. E' mais um serviço que lhe devem a Colombia, o Equador, o Perú, a Bolivia e o Chile, paizes cuja prosperidade tanto necessita do canal do Panamá.

Quando, em 1888, a esquadra italiana ameaçou os portos da Colombia e do Equador, exigindo violentamente satisfacções e indemnisações, que protecção ás suas irmãs violentadas deu a Republica Norte-Americana?

Nenhuma.

*
* *

Querem apresentar o governo americano aos brasileiros como o grande amigo das nações deste continente, como o seu protector nato, e, no furor dessa demonstração, ha jornaes brasileiros, de tão atrophiado patriotismo, que chegam a collocar o Brasil como que debaixo do protectorado americano, fazendo do Rio de Janeiro o vassallo e de Washington, o suzerano. E' contra esta falsa idéa, contra este esquecimento do pundonor nacional, que queremos reagir, relembrando aos nossos compatriotas o que tem sido a politica americana.

Para o Mexico, ella tem sido um algoz e para a America Central, um inimigo.

Continuemos, agora, a vêr o que os Estados-Unidos têm feito contra outros paizes, sem esquecer a pobre Republica do Haïti, á qual aquelle paiz tanto tem atormentado, a pretexto de indemnisação por prejuizos soffridos por americanos, nas muitas revoluções haïtianas. Haïti e S. Domingos já têm sido varias vezes ameaçados por navios de guerra da União Americana, sempre a pretexto de indemnisações reclamadas. E aquelles pobres paizes julgavam-se isentos destas reclamações; todos os seus governos tinham, de certo, cautelosamente, expedido decretos, dizendo de antemão que não se responsabilisavam pelos prejuizos que as suas revoltas causassem, tanto em terra, como no mar!

Não é tão grande, como se pensa no Brasil, o empenho que têm os Estados-Unidos em que a Europa não possua territorios na America.

A Dinamarca já lhes quiz ceder a ilha de S. Thomaz; os habitantes acceitaram a idéa, mas os Estados-Unidos recusaram. No momento, dominava naquelle paiz uma politica de retrahimento, reacção do periodo anterior ás invasões do Mexico e da America Central. O presidente Grant mostrou-se disposto a adquirir Cuba, e hoje, que os Estados-Unidos se preparam com uma nova esquadra para fazer politica exterior (1), as vistas americanas são para outro porto

---

(1) A construcção desta esquadra foi ensejo para grandes escandalos administrativos entre o Ministerio da Marinha e os constructores. Ficou provado que os constructores e empregados superiores da marinha roubaram descaradamente o Thesouro. Basta dizer que o governo pagou como encouraçados navios que o não são.

das Antilhas, para o porto magnifico do Haïti, o Molhe S. Nicolas, cuja posse é exigida pela marinha americana para centro da estação naval do golpho e para dominar completamente a passagem dos estreitos antilhanos. O governo americano, nestes ultimos tempos, teve já as necessarias *complicações* com o Haïti, desavenças preparatorias para a conquista, que em documentos officiaes já ultimamente tem sido aconselhada e reclamada.

Devemos, a respeito de Cuba, mencionar de passagem a expedição que fracassou, em Round Island, em 1849, a que foi batida em Cardenas, em 1850, e a de 1851, commandada pelo caudilho Lopez, que, batido, foi executado, com cincoenta dos seus companheiros (1).

Os patriotas cubanos, que têm sonhado com a independencia da pe-

(1) Sobre esta expedição ler: *America y España*, de D. José Ferrer de Couto. Cadiz, 1859.

rola das Antilhas, puzeram, a principio, grandes esperanças na doutrina de Monröe. Julgaram que os Estados-Unidos não podiam deixar de os proteger contra a metropole. Como poderia a aguia americana consentir que, á sombra de suas azas poderosas, continuasse uma parte do livre solo americano debaixo do jugo hespanhol? New-York, por muitas vezes, tornou-se o quartel general dos conspiradores cubanos. A legação de Hespanha, em Washington, diversas vezes protestou contra a quebra das leis da neutralidade por parte do governo americano, que deixou se organisassem verdadeiras expedições armadas contra o governo de Cuba. Qual tem sido o proceder do governo americano, sem falar na celebre expedição Lopez? A principio, deixa que a conspiração gaste dinheiro em New-York, frete navios, compre armas e, á ultima

hora, vira-se contra ella, a policia americana põe-se de accôrdo com o serviço de vigilancia, mantido pela legação hespanhola, e os pobres patriotas são burlados em suas esperanças. Mais de uma vez, as expedições chegaram a sahir de portos americanos, aportaram a Cuba e foram invariavelmente batidas pelos hespanhoes. Os patriotas cubanos, talvez injustamente, accusam sempre os seus auxiliares, americanos mercenarios, de traição. Uma vez, a tripulação inteira de um navio, composta de americanos, foi inexoravelmente fuzilada em Cuba, e, apesar da emoção que este facto produziu nos Estados-Unidos, o governo de Washington nem por isso tomou a defesa da causa da independencia cubana. Tem sempre abandonado esta causa, vendendo á Hespanha a posse indefinida de Cuba, a troco de favores commerciaes, isen-

ções de direitos para productos americanos etc. etc. O frio egoismo e o requintado machiavelismo não são, pois, o privilegio exclusivo da negregada diplomacia das côrtes européas.

Ninguem ignora que a Republica, então chamada da Nova Granada, (hoje Colombia), concluiu com os Estados-Unidos um tratado a respeito da construcção de um caminho de ferro no isthmo do Panamá, o mesmo caminho de ferro que mr. de Lesseps comprou, depois, por vertiginosa quantidade de milhões, por conta dos pobres accionistas da Companhia do Canal.

Fez-se o caminho de ferro, e Panamá tornou-se um logar de um transito espantoso: transito do ouro que vinha da California e de americanos que iam para a California. Do ouro nada ficava em Panamá, mas dos americanos alguns ficavam, e estes exerciam diariamente a sua brutali-

dade contra os pobres habitantes, desgraçados *south americans* destinados a succumbir ao contacto do *yankee*. No dia 15 de abril de 1856, as provocações americanas cançaram a paciencia dos naturaes de Panamá.

Os americanos começaram a fazer fogo de revólver contra os passantes, estes reagiram a pedra, depois a tiro. Numa palavra, houve um tumulto enorme e muitos mortos de parte a parte. Resultado: intervenção americana, intimação para o governo do isthmo ser independente de Bogotá (isto é, entregue aos *yankees*) e 400:000 *dollars* de indemnisação.

Quem, porém, devia pagar as vidas dos neo-granadinos, tiradas pelos americanos, e as suas casas incendiadas por estes? Veiu o costumado *ultimatum*, e o governo de Bogotá deu-se por muito feliz, por ter sómente de pagar a exorbitancia que lhe era exi-

gida pela força e contra todo direito (1).

Os Estados-Unidos têm muitas relações com o Perú, e estas relações não trouxeram grandes beneficios para esta Republica latina.

A Republica do Perú soffreu tambem violencias americanas.

Durante uma das muitas revoluções daquelle paiz, varios navios americanos, entre outros o *Lizzie Thompson* e o *Georgiana,* aproveitando-se do facto dos navios de guerra peruanos estarem com os revoltosos, entregaram-se activamente ao contrabando do guano, contra disposição expressa das leis peruanas. Os navios de guerra revoltosos entregaram-se ao

(1) NUEVA GRANADA Y LOS ESTADOS-UNIDOS DE AMERICA — *Final contestacion diplomatica.* Bogotá, 1857 — *Manifiesto dirijido á la nacion por algunos representantes sobre el convenio Herran — Cass.* Bogotá, 1858.

governo, facto que deu muito prestigio ao principio da auctoridade e consolidação da Republica no Perú, que, depois disso (1860), tem gosado de inalteravel felicidade de riqueza e poderio, como sabemos. Um desses navios revoltosos, o *Tumbes*, logo que voltou ao serviço da legalidade, aprisionou, como era direito e dever do governo peruano, os navios contrabandistas. Que fez o governo de Washington? Reclamou, cada vez mais insolentemente, rompeu as relações diplomaticas, andou procurando nos archivos quanta especie de reclamação havia, juntou tudo, lançou um *ultimatum*, e o pobre Perú teve de pagar (1).

---

(1) O direito do Perú é demonstrado á saciedade na correspondencia official trocada a esse proposito entre os governos de Washington e de Lima. Vide *Question between the United States and Peru. Diplomatic correspondence.* Lima, 1861.

A historia do Perú, depois do grande periodo tragico e heroico da conquista e depois de findo o dominio colonial, é bem simples. Tem sido setenta annos de desgraça, que transformaram a mais rica possessão da corôa hespanhola num dos paizes mais pobres e infelizes do mundo. Quatorze lustros de regimen republicano! Houve, porém, um periodo de illusoria prosperidade, e é de extranhar que então alguem tambem não nos dissesse: *Olhemos para o Perú!*

O grande periodo da nevrose e da megalomania financeira na Argentina foi o periodo da enorme importação do ouro europeu; o periodo correspondente, no Brasil, foi o da fundação das finanças republicanas, foi a época do papel. No Perú, a época póde ser chamada a do guano.

Durante centenares, sinão milhares de annos, segundo os calculos do

sabio Raymondi, os pelicanos do mar, as aves dos rochedos, as gaivotas das praias, revestiram as fraldas dos penhascos, as planuras e encostas dos ilhotes e das enseadas fragosas, de uma grande e profunda coberta de dejecções, que constituiram uma enorme massa de materia alcalina e phosphatada, com que a industria começou, ha uns trinta annos, a revigorar as terras exhaustas pelas culturas seculares. Para os valles da Virginia, depauperados pela exgottante cultura do tabaco, para os campos da Inglaterra e da Allemanha, foi levado, em grandes carregamentos, o adubo salvador, comprado a peso de ouro no Perú. Isto que devia ser a riqueza da infeliz nação foi uma causa de desgraça. O esterco, que ía ao longe fertilisar as terras estereis, serviu para activar a putrefacção do governo e do paiz todo. O guano foi declarado proprie-

dade nacional e a sua extracção era objecto de concessões feitas a particulares. Os particulares eram, em regra, parentes ou amigos dos homens do governo, e tornavam-se, em todo caso, seus socios. O Thesouro recebia grandes proventos do guano, já em troca das concessões, já sob a fórma de direitos de exportação. Foi nesse tempo que o governo peruano se viu preza de um bem singular motivo de inquietação, ou de susto, que parece ser proprio dos estadistas financeiros em vesperas de grandes desastres. Tambem no Perú se perguntava, na imprensa, no Congresso, em conversas particulares: que fazer dos saldos do Thesouro? Pergunta insensata!

Ha um conto oriental—do homem a quem o destino deu um milhão por dia, com a condição de gastal-o todo no tempo comprehendido entre duas auroras.

A falta do cumprimento desta condição era a morte do infeliz. Prazeres, gosos, prodigalidades, tudo isto bastou, nos primeiros dias, para consumir o milhão diario. Em pouco tempo veiu a fadiga, o exgottamento, e debalde trabalhava a imaginação do homem para achar um meio de esvasiar os ultimos saccos de ouro que ainda estavam cheios, quando já alvorecia a aurora do novo dia. Appareceu o Anjo da Morte e annunciou ao desgraçado o seu fim. Lamentou-se o homem: — Não consegui gastar o meu milhão! E o Anjo da Morte respondeu-lhe: — E' que tu te esqueceste do unico meio que havia para isso! — Qual? — Fazer o bem!

Ora, os paizes victimados pela superabundancia de dinheiro só têm um meio de escapar a esse mal, aliás singularissimo. E' fazer o bem. E ha

tantos modos de um governo ser bemfazejo! Não falamos de soccorros publicos, de grandes esmolas collectivas, de dinheiro distribuido pelos pobres, ou pelos soldados, signaes certos estes do esphacelamento do caracter nacional, factos proprios das tyrannias expirantes, dos pretorianismos insaciaveis. A sciencia politica caminhou desde a antiguidade. Hoje, o dinheiro publico, que vem do imposto, sendo mais do que o necessario para os serviços publicos, o que ha a fazer é pagar as dividas do Estado, si o Estado tem dividas. Si as não tem, ou si não convém liquidal-as por qualquer razão, não ha outro alvitre honesto a não ser a diminuição dos impostos.

Os Estados-Unidos, ha bem pouco tempo, tinham um saldo embaraçoso, uma grande reserva metallica, que muito deu que falar. Por alguns annos

prevaleceu, até certo ponto, nesse particular, a politica honesta e sensata, de applicar esse saldo á amortisação da divida. Os proteccionistas não queriam consentir na diminuição dos impostos de entrada, que eram os que mais avolumavam o saldo. A tentativa era, porém, muito grande e muito pequenos eram os escrupulos dos politicos. Em pensões escandalosas, em subsidios injustificaveis, foi malbaratado o saldo. Appareceu o *deficit* no orçamento. O Thesouro, para favorecer os ricos proprietarios das minas, continuou a permittir a livre cunhagem da prata, foi transformando um metal desvalorisado numa moeda tambem depreciada e, em virtude da celebre lei de Gresham — que a moeda depreciada faz emigrar a moeda de valor — o ouro emigrou para a Europa, e o paiz todo cahiu na pavorosa crise economica em que hoje se debate, sobrenadando no

naufragio os grandes capitalistas e os homens do monopolio, sendo, porém, a classe pobre, os operarios, mergulhada na miseria a mais negra.

O Perú, diziamos, achou-se em sérias difficuldades deante de tanto dinheiro. Não lhe veiu á mente a idéa de fazer o bem, que seria, no seu caso, o pagamento das dividas nacionaes, ou a diminuição dos impostos. Por essa época, o ministro das Relações Exteriores mandou uma circular ás legações peruanas, ordenando-lhes que, convocando os principaes economistas dos paizes onde se achassem acreditadas, lhes expuzessem a situação financeira do Perú e pedissem áquelles luminares da sciencia conselho e opiniões para tão grave caso. O Perú soffria, o Perú ía morrer, talvez, e, desesperado, recorria á sciencia, perguntando-lhe quaes os remedios para o seu mal, para a terrivel doença: a ple-

thora do dinheiro. Variaram, talvez, os alvitres, mas a doença desappareceu por si, antes de ser applicado ao enfermo o receituario da douta faculdade. Dous generaes de bôa vontade, os generaes Pardo e Prado, secundados por outros collegas, por muitos coroneis e por um exercito todo mettido a politico, acabaram com os saldos, e o Perú deixou de ser excepção na America hespanhola: ficou tão fallido como qualquer outra Republica, dando-se a integralisação na quebradeira hispano-americana.

Nessa época de desmoralisações administrativas, que chegam até á legenda, foi grande no Perú a malefica influencia dos Estados-Unidos. Os aventureiros americanos enchiam Lima. Como no Mexico, esses aventureiros eram apresentados pela legação americana, por ella patrocinados, e o posto de ministro americano no Perú tor-

nou-se muito lucrativo. De vez em quando, lá íam bôas sommas em indemnisações a *yankees*, concessionarios de guano, ou de qualquer outra cousa, e que se pretendiam lesados pelo governo. Ora, esses movimentos de capitaes não se dão sem deixar algumas aparas nas mãos da diplomacia de Washington. Falava-se tambem, ás vezes, em doutrina de Monrõe, o que não impediu a Hespanha de aggredir o Perú e o Chile, bombardear Valparaiso, sem que dos Estados-Unidos partisse uma voz, siquer, em favor dos paizes victimas da violencia daquella nação européa. A esse proposito, escrevia um illustre argentino:

« *A doutrina de Monrõe não convém á America do Sul, e o exemplo mais curioso, que citei, é o desse bombardeio de Valparaiso. A esquadra norte-americana dos mares do sul assistiu*

impassivel ao bombardeio de Valparaiso, porque, em virtude da doutrina de Monröe, as potencias européas ficam excluidas de toda intervenção na America. Em virtude dessa doutrina, aquella esquadra deveria oppôr-se ao bombardeio; mas, para se oppôr efficazmente, precisaria do apoio das esquadras da França e da Inglaterra presentes no porto, e essas esquadras, ainda em virtude da tal doutrina, abstiveram-se, e deu-se o bombardeio. Por este exemplo vê-se de que utilidade póde ser a doutrina de Monröe para a America do Sul» (1).

(1) ALBERDI, traducção de Th. Mannequin, Paris, 1866: *Antagonisme et solidariété des E'tats orientaux et des États occidentaux de l'Amérique du Sud*, pag. 155.

Emquanto os Estados-Unidos mostravam esta indifferença deante do assalto da Hespanha ás Republicas do Pacifico, o Brasil monarchico, embora a braços com as difficuldades da guerra do Paraguay, respondia ao appello do Chile pela seguinte fórma:

« Correspondendo ao honroso appello do governo chileno, o governo de Sua Majestade o

Voltemos, porém, ao Perú.

O guano foi diminuindo pouco a pouco.

O governo do Perú lançou mão do trabalho dos chins, reduzidos nas guaneiras a verdadeiros galés e, na realidade, escravisados nas estancias e nas fazendas de assucar. Esse trafico de escravos amarellos era feito por umas casas americanas, e quasi sempre sob a bandeira estrellada, que protegia a escravidão asiatica, já no Perú,

---

Imperador auctorisa o abaixo-assignado a assegurar a v. exc. que, de perfeito accôrdo com as considerações exaradas por v. exc., o governo imperial não vacillará em prestar, com o maior prazer, o concurso de seus bons officios e de seu apoio moral para que não prevaleçam principios que offendam a autonomia e os legitimos interesses dos Estados do continente sul-americano.»

Estas palavras são de uma nota dirigida, em 7 de junho de 1864, a D. Manuel A. Toccornal, ministro das Relações Exteriores do Chile, pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira, ministro dos Negocios Extrangeiros do Imperio.

já em Cuba. O porto de sahida desses desgraçados era Macau. O governo portuguez começou a se impressionar com o escandalo, e o relatorio que Eça de Queiroz, consul de Portugal em Havana, apresentou ao governo, demonstrando as monstruosidades commettidas contra os chins, apressou, talvez, o fechamento do porto de Macau á emigração chineza. Houve americanos estabelecidos no Perú e ligados aos agricultores peruanos que se enfureceram com a suppressão do trafico amarello, e foi então que se organisou uma das mais hediondas empresas de pirataria de que ha noticia. Foi armado um grande navio, que sahiu mar em fóra e demandou o pequeno grupo de ilhas perdido no oceano Pacifico, conhecido pelo nome de Ilha da Paschoa, e que hoje foi annexado pelo Chile.

Essas ilhas, celebres pelos extranhos monumentos graniticos que lá

deixou uma raça desapparecida, pelos vultos colossaes de pedra esculpida plantados nas encostas das montanhas por uma civilisação ignota, eram povoadas de polynesios, raça suave e inoffensiva, de uma innocencia paradisiaca, que o contagio exterminador do homem civilisado ainda não victimara. Os flibusteiros desembarcaram na ilha, mataram as creanças, os velhos e quasi todas as mulheres, e acorrentaram e algemaram os homens validos, que, atirados ao porão do navio, foram trazidos para o Perú como escravos. Quando a noticia deste horrivel attentado echoou na Europa, o governo inglez commoveu-se e ordenou ao ministro de Inglaterra em Lima que informasse sobre o assumpto. Verificada a exactidão da noticia, o governo inglez exigiu inexoravelmente que os infelizes escravisados lhe fossem entregues pelos cidadãos republicanos da America.

Recolhidos a bordo de um navio de guerra inglez, os desgraçados, que tinham escapado á ferocidade americana, foram restituidos ás suas ilhas, devendo sua salvação ao espirito christão da Inglaterra, ás sociedades humanitarias compostas de burguezes, de mulheres religiosas e de curas de aldeia, que naquelle paiz, que é o mais poderoso e livre do mundo, têm bastante influencia para mover a imprensa, a opinião e o governo em favor de uns miseros selvagens, perseguidos a milhares de leguas de distancia.

Era esta, e originava factos desta ordem, a situação politica e financeira do Perú, quando houve a guerra com o Chile. Depois da utilisação das guaneiras, que estavam quasi exgottadas, no extremo sul do paiz e na costa boliviana, descobriram-se, ou, antes, começaram a ser utilisados os chamados campos de nitrato de soda,

isto é, grandes e espessas camadas dessa substancia, provindas, parece, de feldspathos decompostos pela acção das aguas thermaes e sepultados hoje nos areaes do deserto de Atacama. Esses nitratos são, como o guano, adubos de grande valor para as terras. Assim, aquella região, de absoluta aridez, começou a dar a terras distantes a fertilidade que ella mesma não tinha. Affluiram a Atacama os grandes capitaes e as grandes energias dos chilenos. A concorrencia foi fatal a peruanos e a bolivianos. O Chile foi logo senhor da industria dos nitratos. Começaram as auctoridades bolivianas a vexar, por todas as fórmas fiscaes e administrativas, os chilenos. D'aqui, incidentes diplomaticos, conflictos, questões e, por fim, a guerra.

Nessa guerra havia: de um lado, o pequeno exercito chileno, triplicado pelo numero de voluntarios; do outro,

dous exercitos desmoralisados por longos annos de intervenções na politica, desorganisados pelos pronunciamentos, desprestigiados pelas confraternisações, aviltados pelas traições e pelas falsidades, que são a sorte commum da vida de todo exercito que se mette em politica. A victoria, ardua, gloriosa nas suas difficuldades, terrivel nos seus effeitos, corôou a energia da administração chilena. A guerra estava a findar, quando se deu a celebre intervenção norte-americana, episodio curiosissimo da historia da America do Sul.

O ministro americano Hurlbuth era o legitimo representante dos interesses fundidos das casas americanas e dos politicos peruanos nos escandalos da exploração do guano e dos mil negocios que, á sombra da diplomacia norte-americana, tinham já arruinado o Perú. A victoria chilena

era a desorganisação de toda aquella federação de interesses e de corrupção. Era presidente dos Estados-Unidos o general Garfield e chefe do gabinete, ou secretario de Estado, o famoso James C. Blaine.

Singular e extranha personalidade era a deste quasi grande homem! Havia nelle como que um ultimo alento do sopro heroico dos tempos da independencia e da grandeza intellectual dos estadistas americanos. Elle era uma especie de Hamilton, de Clay, de Webster, ou de Seward, mas era incompleto, era desegual e desequilibrado. Faltava-lhe a grandeza moral daquelles vultos, ou, talvez, simplesmente, a sua estrella. Na audacia, na vastidão dos seus projectos, era de um arrojo quasi genial. Na execução, os seus meios eram fracos, as suas hesitações eram longas, os seus recursos pareciam poucos, os seus al-

liados eram ignobeis, seus motivos dir-se-iam pessôaes e mesquinhos, talvez immoraes; a sua politica era tortuosa e a *mise-en-scène,* embora espectaculosa, nunca lhe deu, aos olhos de seus compatriotas, sinão esse prestigio incompleto, que sempre bastou para dar-lhe a audacia dos grandes intuitos, sem, comtudo, garantir-lhes o successo. A razão de tudo isto era quem sabe si simplesmente a differença que ha entre o tempo dos grandes homens, a quem Blaine succedeu na politica, e a degenerescencia da antiga tradição dos velhos estadistas àmericanos.

Os paes da patria americana, os fundadores da Constituição, viveram num periodo historico de pureza moral, em tempos de patriotismo e de abnegação. Blaine floresceu no imperio do industrialismo e da finança, na expansão de todos os despotismos

do monopolio e de todas as corrupções da plutocracia. Não é uma simples banalidade a velha proposição de Montesquieu — de que as Republicas precisam ter como fundamento a virtude. Esse foi o fundamento da Republica Norte-Americana. Será inviavel e uma fonte perenne de males qualquer outra Republica que não tiver o seu berço banhado na atmosphera da virtude civica. As sociedades politicas e as fórmas do governo precisam nascer puras, para ter vida longa e prospera. Os organismos politicos são como os organismos animaes e vegetaes: quanto mais perfeitos nascem e quanto mais robusta é a sua infancia, mais garantias apresentam de duração.

Nunca se viu uma Republica nascer disforme para a vida da violencia, do crime, da discordia, da corrupção e do erro, para d'ahi se adeantar até á virtude, á paz e á verdade.

Imaginará alguem, porventura, a Republica Romana nascendo com Sylla e Catilina e acabando em Fabricio e Cincinnato?

A crença universal sempre attribuiu á humanidade em seu apparecimento a frescura de todas as forças vivas.

A podridão é propria dos tumulos e não dos berços. O que ha a esperar de uma existencia humana cuja infancia não tiver sido innocente?

Querer justificar a corrupção e o crime, quando apparecem, por assim dizer, identificados e consubstanciados com uma Republica que começa, dizendo que tudo isto é proprio das instituições novas, é falsear a verdade historica. Não, o nascer das Republicas, si não fôr rodeado do perfume da abnegação, si não fumegarem em roda de seu berço o incenso puro e a myrrha incorruptivel do sacrificio e do patriotismo, não promette e não

dará nunca no futuro sinão crimes e desgraças.

A Republica Norte-Americana não teve a sua infancia eivada pela corrupção, nem a sua puericia se passou nos jogos sangrentos das guerras civis. Era ella já quasi secular, quando o seu solo foi fratricidamente regado pelo sangue de seus filhos; e os vicios contra os quaes luctam hoje os patriotas, as faltas que lhe apontam os pensadores, são vicios de hoje, faltas actuaes, que se não podem justificar no exemplo dos antepassados. A lição da historia da independencia e os exemplos das gerações extinctas são espelho de virtude.

Blaine foi e tinha que ser o estadista de sua época.

De bella presença, a sua voz era insinuante, o seu olhar era agudissimo, o seu sorriso era cheio de finura. Foi chamado o homem ma-

gnetico. Era um grande orador e um escriptor de raça. A sua illustração era vasta em assumptos da politica nacional, deficiente no resto dos conhecimentos humanos, mas o seu talento suppria tudo. Fez-se grande e subiu por si. Seus adversarios attribuiam-lhe grande numero de capitulações de consciencia com os interesses de grandes financeiros, e a sua pobreza sabida era um pouco contradictoria com o luxo de sua vida, com o seu bello palacio de Washington, com os vastos salões, cheios de objectos de arte e de retratos, bustos, estatuas, medalhas, quadros, gravuras e mil outras recordações de Napoleão, heroe da especial admiração de Blaine. O estadista republicano tinha idéas dominadoras e o temperamento cesariano. De todas as paredes da casa de Blaine, o olhar profundo de Bonaparte cravava-se nos visitantes. Na-

poleão não terminara a conquista da Europa, e nos abysmos dos seus pensamentos estava a ambição de dominar o Oriente e a Asia. Blaine via na politica mais do que a arte de ganhar eleições; o seu talento de orador pedia talvez um theatro egual ao em que representam os Gladstone e os Salisbury. Debaixo das ogivas de Westminster, a palavra da eloquencia póde decidir da sorte de um povo. Nas estreitezas do systema presidencial, o presidente póde ser um incapaz, um incompetente teimoso, armado de immenso poder, contra o qual são inuteis todos os esforços do talento. Blaine sentia-se afogado naquelle meio, e toda a sua imaginação volvia-se para a politica exterior. Nesta, elle foi o lisonjeiro por excellencia do espirito da dominação americana sobre todo o continente. Imaginava a aguia americana pairando, de polo a polo, com as azas

poderosas expandidas. A aguia symbolica elle não a via protegendo os fracos com a sua sombra, como acredita a ingenuidade de alguns sul-americanos. Queria que ella dominasse, que o seu olhar perscrutasse as solidões geladas do polo, os valles profundos dos Andes, as planuras do Amazonas, a vastidão dos pampas e o infinito dos mares. Elle queria que o bico adunco daquelle passaro apocalyptico rasgasse os inimigos e que suas garras colossaes se apoderassem de todo o continente de Colombo. Blaine, no poder, era uma ameaça para toda a America.

Quando chegava ao seu termo a guerra do Pacifico, Blaine era secretario de Garfield, e Blaine teve uma occasião de tentar fazer prevalecer a politica que elle mesmo chamou a politica imperial dos Estados-Unidos.

O presidente Hayes, embora tivesse sido derrotado pelos eleitores,

acabava de exercer o seu mandato usurpado, occupando illegalmente a cadeira de presidente, em que o collocara um voto fraudulento do Supremo Tribunal, encarregado da apuração eleitoral. O patriotismo de seu competidor, o presidente eleito, Tilden, preferiu deixar o usurpador na suprema magistratura a abrir um conflicto, que levaria, com certeza, o paiz a uma nova guerra civil. O general Garfield, apenas eleito, confiou a direcção da politica internacional a Blaine, e a attenção deste volveu-se logo para a lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia.

A primeira destas nações estava em vesperas de colher o fructo de suas arduas victorias, impondo aos vencidos uma paz garantidora dos interesses, da tranquillidade e da segurança do Chile, no presente e no futuro. Começaram a se agitar no

Perú e em New-York os interessados americanos, socios de peruanos e bolivianos nas concessões de guanos e na extracção dos nitratos. A consagração da victoria chilena era o fim definitivo do regimen das concessões, dos privilegios e dos mil abusos, tão uteis aos americanos na desordem financeira do Perú e da Bolivia. O ministro americano Hurlbuth, em Lima, os seus collegas, generaes Adams, em La Paz, e Kilpatrick, em Santiago, entraram na combinação. Era precisa uma intervenção dos Estados-Unidos em favor dos vencidos, contra o Chile, e em beneficio directo dos especuladores americanos e seus socios.

Já dissemos que, por occasião da guerra do Paraguay, os ministros americanos Washburn e general Mac-Mahon se constituiram defensores acerrimos de Lopez, foram seus commensaes, testemunhas, e, pelo silencio,

cumplices de suas horriveis atrocidades. Illudido pelas noticias de seus diplomatas, o governo de Washington considerou Lopez, por muito tempo, como a victima sympathica do barbaro exercito alliado. Foi preciso que o illustre coronel von Versen, que ha pouco morreu general do exercito allemão e ajudante de ordens do imperador Guilherme II, foi preciso que este europeu, um dos prisioneiros de Lopez que mais soffreram de sua tyrannia, fosse libertado, depois de Lomas Valentinas, pelo marquez de Caxias e, indo aos Estados-Unidos, escrevesse a verdade sobre Lopez, para desfazer-se no espirito do governo de Washington a indisposição que contra o Brasil tinha creado a falsidade das informações diplomaticas. O governo americano esteve até em termos de mandar uma esquadra á America do Sul para proteger Lopez.

Em relação ao Chile, deu-se a mesma cousa. O governo americano quiz arrancar-lhe o resultado de suas victorias. As informações dos ministros americanos no Pacifico medraram depressa no animo de Blaine, sempre disposto á politica de intervenção, de arrogancia e de quasi despotismo, em relação aos outros paizes da America. Os especuladores do guano e dos nitratos lhe falaram de grandes lucros para o commercio americano e, entre a administração americana e os especuladores, houve accôrdos, combinações e arranjos muito suspeitos. Em resultado disto tudo, Blaine despachou para o Chile, como medianeiro de paz, mr. Trescott, que levava como seu secretario mr. Walker Blaine, filho do secretario de Estado. O enviado extraordinario, em missão especial, levava instrucções de proteger a todo transe os interesses

dos homens dos guanos e dos nitratos e ordem para, exgottados os meios suasorios e de conciliação, destinados a apressar a paz, dar um *ultimatum* ao Chile, impondo-lhe, dentro de certo prazo, a retirada de suas tropas do territorio do Perú e da Bolivia. Era a mais brutal intervenção, a mais injustificavel das prepotencias.

Mr. Trescott, em Lima e em Santiago, tinha-se posto de accôrdo com o ministro de França, e sua acção contra o Chile devia ser conjunta com a da diplomacia franceza. Era interessada nesta questão dos guanos uma grande casa judia, os Dreyfus, de Paris, de quem fôra advogado o então presidente da Republica Franceza, que os jornaes republicanos, nesse tempo, chamavam ainda o integro Grévy, alguns annos antes do processo em que ficou provado que o seu genro Wilson tinha, no palacio

do presidente, agencia montada de venda de empregos e condecorações.

Onde estavas, ó doutrina de Monrõe? As duas grandes Republicas do mundo achavam-se reunidas num esforço commum, em razão dos interesses pessôaes de seus chefes. Os Estados-Unidos, que são contra a ingerencia européa em negocios americanos, associaram-se a uma nação européa, contra uma nobre Republica sul-americana, numa empresa de verdadeira extorção.

Neste interim, numa estação de caminho de ferro, em Washington, ao lado de Blaine, cahia assassinado pelo fanatico Guiteau o presidente dos Estados-Unidos, o general Garfield. Em menos de vinte annos, dous presidentes dos Estados-Unidos eram assim trucidados: Lincoln e Garfield.

O presidente assassinado foi substituido pelo vice-presidente Arthur.

Diz-se que os principes herdeiros são, em geral, os chefes da opposição. Nas Republicas, o vice-presidente é o inimigo natural do presidente effectivo. Quem é segundo é sempre contra quem é primeiro. Nas Republicas sul-americanas, o vice-presidente acaba, quasi sempre, conspirando contra o presidente, muitas vezes depondo-o, a não ser que, mais promptamente, o presidente em exercicio supprima por qualquer fórma o seu rival. Nos Estados-Unidos, as cousas não chegam a este ponto; mas os vice-presidentes que assumiram o governo fizeram sempre o contrario de seus antecessores. A subida de Arthur foi um grande golpe para Blaine e para a sua politica. Emquanto o diplomata Trescott se achava no Chile, foram pouco a pouco transpirando, na liberrima imprensa americana — imprensa que atravessou mais

de um seculo sem a menor coerção, imprensa que, mesmo durante a tremenda guerra civil, não soffreu grandes peias nem restricções — as noticias, vagas a principio e, depois, affirmativas e positivas, do conluio de Garfield, de Blaine e dos negociantes de New-York contra o Chile. Achava-se reunido o Congresso, e, nos Estados-Unidos, o governo não ousa sonegar documentos, nem esclarecimentos de certa ordem, ao poder legislativo. A commissão dos Negocios Extrangeiros, da Casa dos Representantes, occupou-se da missão Trescott e, numa reunião, levantou-se o deputado democrata Perry Belmont, que, com provas nas mãos, demonstrou a iniquidade e a vergonha do governo americano ir ser o procurador dos especuladores peruanos e americanos junto do Chile. A impressão foi immensa nos Estados-Unidos. O go-

verno chileno, com uma audacia extraordinaria, mandou apparelhar os seus encouraçados, empenhados na guerra contra o Perú, á espera do *ultimatum* de mr. Trescott. Viesse esse *ultimatum,* e os navios de guerra chilenos partiriam para S. Francisco, para vingar a affronta. O presidente Arthur, porém, poz um termo ao grande escandalo. Despediu Blaine do poder e substituiu-o pelo sr. Frelinghuysen. Este telegraphou logo a Trescott, dizendo-lhe que se retirasse do Chile, e teve a franqueza de dar ao ministro chileno em Washington uma copia das instrucções de Blaine a mr. Trescott. Deu-se, então, um incidente de um comico singular. O ministro dos Negocios Extrangeiros do Chile perguntou a mr. Trescott si era verdade que elle tinha ordem de apresentar-lhe um *ultimatum.* Trescott negou a pés juntos. Então, o minis-

tro chileno mostrou-lhe a copia das proprias instrucções dadas a Trescott. Desmoronou-se tudo, e assim terminou, no opprobrio e na vergonha, a orgulhosa embaixada que os Estados-Unidos mandaram ao Pacifico!

Blaine, porém, e o espirito de intrusão e de prepotencia diplomatica que existe em certos meios americanos tiveram, annos depois, a sua desforra. Rompera a guerra civil no Chile, e Blaine achava-se de novo na Secretaria de Estado, servindo desta vez com o presidente Harrison, que mais tarde tambem o despediu. Os homens de grande superioridade intellectual são, nas Republicas, pouco compativeis com a mediocridade dos circulos governamentaes. Desde o começo da guerra civil chilena, o ministro americano Patrick Egan, anarchista irlandez de mau nome, declarou-se em favor dos insurgentes, pro-

tegendo-os por todos os modos, com quebra manifesta de seus deveres. Como é sabido, os principaes chefes da revolução eram os homens mais ricos do Chile, grandes capitalistas, industriaes e banqueiros opulentos. Esta circumstancia explica, talvez, a singular attitude da legação americana. Derrotado e anniquilado o partido de Balmaceda, houve reclamações americanas, já por prejuizos soffridos, já por desacatos feitos a marinheiros americanos. O novo governo chileno, ainda em lucta com mil difficuldades, pediu um prazo. A resposta que lhe deu o governo americano foi ordem á esquadra de mandar alguns encouraçados a Valparaiso e um insolentissimo *ultimatum*. O governo chileno teve que ceder. Blaine tirou a sua desforra, e mais uma vez o governo de Washington humilhou uma Republica sul-americana.

*
* *

Temos visto que não ha paiz latino-americano que não tenha soffrido as insolencias e, ás vezes, a rapinagem dos Estados-Unidos. Para terminar, lembraremos dous factos acontecidos com o Paraguay e com Venezuela.

Em 1853, o Paraguay fez um tratado geral de commercio e navegação com os Estados-Unidos. O Senado americano não ratificou o tratado; mas, apesar disso, o governo de Washington nomeou seu consul no Paraguay o sr. Hopkins. Este senhor, apesar de suas funcções consulares, pretendeu logo, á moda americana, ganhar muito dinheiro em mil especulações. Embalde tentou levantar capitaes em Londres e em Paris. Teve, então, a idéa genial de comprar em New-York um navio em pessimo estado (não é de hoje que alli

se vendem navios avariados!) e fel-o segurar por 60.000 *dollars*.

Este navio, *naturalmente*, naufragou na viagem, e, com o dinheiro do seguro, Hopkins achou-se á testa do capital necessario para fundar a *Companhia do Commercio e Navegação do Paraguay*.

Este consul tornou-se logo exigentissimo junto do governo paraguayo, e foi tão insolente, que o governo de Assumpção lhe cassou o *exequatur*. Para se vêr livre de embaraços, Hopkins declarou que a sua segurança pessôal estava ameaçada, assim como a de seus compatriotas, e reclamou o auxilio do navio de guerra americano *Water Witch*, auxilio este que lhe foi dado. O sr. Hopkins, á testa de marinheiros armados, desembarcou e foi ao consulado buscar os papeis da tal Companhia.

Estavam as cousas neste pé, quando a situação ainda mais se aggravou. O commandante do *Water Witch* quiz passar por um canal, cujo transito era prohibido aos navios. O forte de Itapirú deu alguns tiros de polvora secca para prevenir o americano. Este, porém, desprezou o aviso e respondeu com uma descarga geral de bala contra o forte, que por sua vez lhe fez fogo vivo e certeiro, que causou sérias avarias ao *Water Witch,* onde morreram muitos marinheiros; só então, o navio americano virou de bordo, desistindo de seu proposito.

O governo de Washington mandou contra o Paraguay uma esquadra de vinte navios e de dous mil homens de desembarque, para extorquir á pobre Republica um milhão de *dollars,* que lhe reclamava o sr. Hopkins. Esta esquadra custou ao governo perto de 7 milhões de *dollars* de despesas

e voltou de Montevidéo, graças á mediação do governo argentino, sendo celebrado um tratado, em virtude do qual as reclamações de Hopkins foram sujeitas a uns arbitros, e estes declararam, como não podiam deixar de declarar, inteiramente phantasticas as reclamações do consul americano.

O Paraguay, porém, não obteve reparação alguma pela violação de seu territorio commettida pelo agente americano (1).

O facto com Venezuela é tambem caracteristico. O governo americano tinha uma porção de reclamações contra Venezuela, a proposito de prejuizos soffridos por cidadãos americanos durante as guerras civis venezuelanas. Pela convenção de 25 de abril de 1866, foi nomeada uma commissão mixta, que, em 1868, deu

(1) CALVO — *Droit international théorique et pratique*, § 1268.

sentença contra Venezuela, obrigando esta a pagar 1.253.310 *dollars*.

Verificou-se, mais tarde, que o commissario americano David M. Talmage e o ministro americano em Caracas, ajudados pelo americano William P. Murray, formaram uma sociedade para ganhar dinheiro com o negocio, já defraudando os proprios reclamantes americanos, exigindo-lhes 40 e 60 por cento das indemnisações concedidas, já prejudicando o governo de Venezuela, admittindo reclamações fraudulentas, augmentando, mesmo, estas reclamações, para mais folgadamente poderem os reclamantes pagar-lhes as porcentagens. Isto ficou provado perante a commissão dos Negocios Extrangeiros do Senado americano, em 1878 (1).

(1) *Defensa de los derechos de Venezuela* — Caracas, 1878.

Ainda ultimamente, desembarcou em New-York um general venezuelano, que, como governador de um Estado, era accusado de ter causado certo prejuizo, em Venezuela, a um cidadão americano.

Contra todas as leis, este general foi preso, a pedido do americano, e sujeito a processo por um acto de governo praticado em sua patria!

Não ha nação latino-americana que não tenha soffrido das suas relações com os Estados-Unidos.

Demonstrado isto, voltemos de novo a falar do que têm sido as relações entre o Brasil e a Republica Norte-Americana.

II

Já mostrámos, de passagem, a frieza com que, no seculo passado, Jefferson acolheu a idéa da independencia do Brasil, e o procedimento in-

digno do governo de Washington denunciando ao governo portuguez as aberturas dos revoltosos de Pernambuco, em 1817. Vimos a demora no reconhecimento de nossa independencia, vimos o ministro americano no Rio fazendo causa commum com a violencia do governo de Carlos X contra o Brasil e, de passagem, alludimos ás intrigas americanas em favor de Lopez e contra o Brasil, a Republica Argentina e o Uruguay.

Nesses conflictos, porém, o amor proprio brasileiro sempre sahiu vencedor, porque de um lado estava a integridade dos nossos homens de Estado, e do outro, a diplomacia flibusteira e gananciosa dos Estados-Unidos. O ministro americano Washburn, que tanto intrigou contra o Brasil no acampamento paraguayo, trahiu, por fim, os seus amigos Lopez e madame Lynch, que o accusavam

de ter desencaminhado valores que lhe haviam confiado em deposito.

Washburn escreveu um livro, que é a sua condemnação (1), e, ao mesmo tempo, a prova de que aquelle diplomata americano votou, como todos aquelles com quem nos encontrarmos neste trabalho, aversão especial ao Brasil. Da propria narrativa de Washburn (2) tira-se a prova da veracidade da accusação de espionagem que era feita contra elle.

Adeante (3), confessa que os valores lhe foram realmente entregues por madame Lynch, que estiveram em sua casa guardados, mas que elle Washburn ignora o seu paradeiro, suppondo que foram enterrados algures!

O exercito brasileiro e a armada são cobertos de ridiculo e de calumnias pelo ministro americano.

(1) Washburn — *History of Paraguay*. 2 vols.
(2) Ibidem — Vol. II, pag. 180.
(3) Ibidem — Vol. II, pag. 558.

A batalha de Riachuelo é descripta como uma cousa vergonhosa para nós (1) e Caxias é vilipendiado.

As indelicadezas, as incorrecções, as faltas de Washburn foram tão graves, que os officiaes da marinha americana que se achavam no Paraguay romperam com elle. Washburn ataca-os com violencia, qualificando de *perversa e de anti-patriotica* a attitude dos officiaes superiores, seus compatriotas (2).

Depois de Washburn, veiu Mac-Mahon, cuja amizade pelo *ménage* Lopez-Lynch foi sempre firme. Mac-Mahon e Washburn dizem-se cousas bem desagradaveis nos seus escriptos posteriores. Só estão de accôrdo nas injurias contra os brasileiros.

Esta polemica fez escandalo nos Estados-Unidos, e o governo abriu um

(1) Washburn — *History of Paraguay*. Vol. II, pag. 10.

(2) Ibidem — Vol. II, pag. 467.

inquerito, em que figuraram Washburn, Mac-Mahon, os officiaes Davis, Kirkland, Ramsey e dous aventureiros Bliss e Masterman. Todos se injuriaram no inquerito, fizeram-se graves accusações uns aos outros, sendo uma verdadeira vergonha aquella lavagem official de roupa suja, aquella briga de ministros com almirantes, de almirantes com ministros etc (1).

Durante a guerra do Paraguay, o ministro americano general Mac-Mahon, desprezando todos os usos internacionaes, escrevia para os jornaes americanos (2) artigos diffamatorios sobre os alliados. Dizia elle que Lopez era innocente das crueldades que calumniosamente lhe imputavam os alliados, que as centenas de mortes attri-

---

(1) *Paraguayan Investigation* — Report of Comittee of Foreign Affairs.

(2) Vide *Harper's New Monthly Magazine* — Vol. XL.

buidas a Lopez tinham sido perpetradas pelos brasileiros, emquanto os paraguayos trabalhavam nas trincheiras (1); que o povo brasileiro era fraco e effeminado (2); que o seu exercito, a cuja cobardia o diplomata americano constantemente allude, era composto de escravos e galés (3); que à *honra*

---

(1) Vide *Harper's New Monthly Magazine* — Vol. XL, pag. 423.

(2) Ibidem, pag. 428.

(3) Ibidem.

Segundo um correspondente do *Paiz*, de New-York, este nosso velho inimigo voltou agora á scena numa circumstancia humilhante para o Brasil.

O United States Service Club recebeu solemnemente o almirante Benham. O discurso de felicitação foi proferido pelo general mr. T. Mac-Mahon, muito conhecido no Brasil como amigo particular de Solano Lopez e nosso implacavel diffamador durante a guerra do Paraguay.

Eis o discurso:

« *Almirante. Preferiria nada dizer, para não vos collocar na contigencia de fazer um discurso, o que será para vós uma perspectiva terrivel; entretanto, é necessario que eu exprima a satis-*

nacional, como nós a entendemos na zona torrida, é cousa bem diversa da honra nacional americana etc. etc.

Entretanto, os factos eram os factos, e, sendo innegaveis as victorias

---

facção de vos ver entre nós e que vos manifeste quanto nos encheis de justo orgulho, não só como cidadão americano, mas tambem na qualidade de official de nossa armada. O vosso procedimento no Brasil foi inspirado pelo dever, em honra da nação e de sua bandeira. Que elle era indispensavel, posso affirmal-o pela experiencia pessôal de um quarto de seculo. Era necessario para convencer aquelles amigos nossos (si são, com effeito, amigos) que a nação americana nada perdeu ainda de seu prestigio, que será mantido sempre á face do mundo inteiro. O vosso proceder demonstrou que o direito internacional das relações do nosso paiz não póde ser desrespeitado impunemente. As Republicas sul-americanas devem ser-nos agradecidas pelo que fizemos e estamos fazendo por ellas, ou, antes, pela humanidade, com o exemplo que lhes damos.»

O almirante respondeu:

«*Do fundo do coração agradeço-vos a cordial recepção que me fazeis. Quanto ao meu procedimento no Brasil e aos effeitos que elle tenha produzido, penso que, sem contestação, concorreu para tornar-nos bons amigos daquelle paiz.* Esta amizade ba-

brasileiras, o americano nosso inimigo explicava o successo das armas brasileiras pela seguinte fórma:

« *D. Pedro, no modo por que tem dirigido a guerra, dá a melhor prova de sua extraordinaria habilidade: é um rei sabio e perfeito. E, além disso, está cercado de conselheiros que, si tivessem a honestidade commum, que só a nossa raça saxonia dá aos individuos, como aos governos (!), poderiam ser*

---

seia-se no respeito e, talvez, em alguma cousa mais (*That friends-hip is founded on respect with perhaps a little tinge of something else*) ».

« Estas palavras, diz o correspondente do *Paiz*, provocaram uma tempestade de applausos e gargalhadas. »

Seguiram-se os *cock-tails* do estylo e um grande brodio, em que foi nota dominante do *humour yankee* a pilheria do almirante, considerada genuina e rude expressão da verdade.

Eis como um almirante americano diz dever ser a amizade do Brasil para com os Estados-Unidos — respeito e... alguma cousa mais, isto é, medo e subservieneia!

collocados a par dos primeiros estadistas do nosso tempo. Isto dá grande força á diplomacia do Brasil, emquanto que a habilidade de seus financeiros lhe tem permittido manter illeso o seu credito.»

Washburn teve varias conferencias com o general em chefe do exercito alliado, o marquez de Caxias, e diz cynicamente que, em troco de uma grande quantia, Lopez devia acceitar a paz nas condições que o Brasil queria. Nos archivos do Ministerio da Guerra, no Rio de Janeiro, ha officios do marquez de Caxias bem pouco honrosos para Washburn (1).

Não foi só pela corrupção que a diplomacia norte-americana se distinguiu. Falámos já da violação do terri-

(1) Officio de Caxias ao ministro brasileiro em Buenos-Aires, de 13 de março de 1867; idem, de 15 do mesmo mez e anno, ao ministro da Guerra.

torio maritimo do Brasil por um navio de guerra americano. Vejamos as particularidades do facto.

No mez de outubro de 1864, o vapor confederado *Florida* e o navio federal *Wachusset* achavam-se ancorados no porto da Bahia. O primeiro destes navios, que tinha entrado no porto para concertar as suas avarias e para tomar viveres, recebeu a ordem, que executou, de se collocar ao lado da corveta brasileira *Dona Januaria*. Na manhã do dia 7 de outubro, o navio federal americano deixou o seu ancoradouro e approximou-se do *Florida*. Ao passar pela prôa da corveta brasileira, recebeu ordem de voltar para o seu ancoradouro. Esta ordem foi desobedecida e, momentos depois, ouviam-se tiros trocados entre os dous navios americanos. O commandante brasileiro mandou um official a bordo do *Wachusset*, e o commandante deste

vaso de guerra prometteu ao official nada tentar contra o *Florida*. Faltando indignamente á sua promessa, o commandante americano tomou repentinamente a reboque o *Florida* e foi sahindo com elle fóra do porto, sem dar tempo ao navio brasileiro, que confiara na palavra de um militar, de oppôr-se ao attentado. O que augmenta ainda a revoltante deslealdade é que o consul americano na Bahia tinha dado sua palavra de honra ás auctoridades brasileiras de que o *Wachusset* respeitaria a neutralidade do territorio do Brasil, e, na occasião em que o attentado foi commettido, o consul estava a bordo do *Wachusset*. O commandante do *Florida*, confiando na neutralidade do Brasil e na palavra do commandante americano, tinha deixado desembarcar quasi toda a sua marinhagem e, aproveitando-se disso, o *Wachusset* traiçoeiramente o atacou.

O governo de Washington deu todas as satisfacções possiveis ao Brasil, mas commetteu a indelicadeza final de mandar pôr a pique o *Florida* no porto de Hampton Roads, para não o entregar ao Brasil, dizendo, depois, officialmente, que um incidente imprevisto tinha causado a perda do *Florida*.

Outro facto:

Em 1842, a barca peruana *Carolina*, em consequencia de grossas avarias, arribou ao porto de Santa Catharina. Não havia alli consul peruano, e as auctoridades nomearam uma commissão de exame, que condemnou o navio, o qual, por isso, foi vendido de conformidade com as leis commerciaes brasileiras.

O navio estava seguro em New-York e em Philadelphia, e as companhias accionaram, perante os tribunaes do Brasil, o capitão americano, accusando-o de ter obtido por fraude

a condemnação. Esta foi revogada e a venda, annullada, mas o capitão desappareceu com o dinheiro.

Um certo Wells, antigo consul americano, demittido por indelicadezas no exercicio de seu emprego, comprou os direitos das companhias de seguros e intentou uma acção contra o governo do Brasil. O governo americano transmittiu a reclamação ao ministro dos Estados-Unidos no Rio de Janeiro; mas o governo brasileiro, com toda a razão, recusou-se a pagar, e o governo americano, que então luctava com as difficuldades da guerra civil, recommendou até ao seu ministro que não levasse as cousas por deante. Era ministro americano no Rio o sr. Webb, que por essa occasião reconheceu a injustiça da reclamação.

Ora, em 1867, o sr. Webb mudou de opinião e, depois de se ter encontrado com Wells, nos Estados-Unidos,

o ministro começou a fazer exigencias, e, no momento em que ía sahir um paquete para a Europa, o sr. Webb ameaçou romper as suas relações diplomaticas com o governo do Brasil, si este não pagasse. O governo arcava, então, com as grandes difficuldades da guerra do Paraguay e temeu o mau effeito que produziria na Europa a noticia de um rompimento com os Estados-Unidos. Pagou, mas debaixo de protesto, a quantia de £ 14.252, ao cambio de 16, taxa que naquella época se considerava desastrosa, porque ainda não se tinham visto os cambios de 10, de 9 e $8^3/_4$, que fazem hoje a gloria das finanças republicanas.

Em 1872, o ministro do Brasil em Washington, sr. Carvalho Borges, solicitou da Secretaria de Estado um novo exame da questão, e o advogado do governo americano opinou que o Brasil tinha sido victima de uma extorção

e que a quantia lhe devia ser restituida com os respectivos juros.

De conformidade com esse parecer, o governo americano mandou entregar á legação brasileira a quantia £ 5.000. Faltavam, pois, £ 9.252, que a legação reclamou, pois Webb tinha recebido £ 14.252, confórme mostrou com o recibo do proprio Webb. Este diplomata tinha desviado, pois, £ 9.252, de cujo paradeiro não poude dar conta. Só em 1874 foi que, finalmente, o governo de Washington reembolsou o Brasil da quantia total (1).

Não foi esta a unica reclamação de dinheiro que, com mais violencia que razão, nos fizeram os americanos, além das reclamações de Raguet e Tudor.

Em 1849, o governo brasileiro viu-se constrangido a ceder ante uma nova

(1) CALVO — *Droit international théorique et pratique*, § 1269.

e importante reclamação feita então pelo ministro americano David Tod. Adeante, veremos a justiça e a moralidade dessa reclamação. O facto, porém, é que, a 20 de janeiro de 1850, foi ratificada uma convenção americano-brasileira, pela qual o Brasil pagava aos Estados-Unidos quinhentos e trinta contos (530:000$000 réis), que o governo americano distribuiria entre os reclamantes.

David Tod exultou. A 23 de agosto de 1840, escrevera a seu governo:

«*Quanto mais examino este assumpto e reflicto sobre elle, mais me convenço de que este negocio foi muito satisfactorio e a quantia recebida, muito sufficiente para serem pagos todos os reclamantes.*»

Tod, porém, orgam dos reclamantes, negociantes americanos do Rio, insistia em que a distribuição fosse feita no Rio e não em Washington,

debaixo das vistas do governo americano (1).

O ministro Tod e os americanos do Rio não conseguiram, porém, que o commissario encarregado de distribuir esse dinheiro viesse fazer este trabalho ao Rio de Janeiro. O governo americano nomeou para essa commissão o sr. Geo. P. Fisher, e o relatorio deste funccionario é curiosissimo. Desse relatorio vê-se que os reclamantes americanos, em regra, não podiam apresentar prova nenhuma de seus direitos, que eram na maior parte phantasticos.

Depois de, durante dous annos, ouvir todas as reclamações, o commissario Geo. P. Fisher dizia: «*A quantia paga pelo governo do Brasil, em virtude da convenção de 1849, foi de 500:000$000 réis, que perfizeram 300:000 dollars.*

(1) U. S. House of Representatives docs. 31 st. Congress. Vol. VII, doc. 19.

« Ora, pagas as quantias que já foram attribuidas e as quantias reclamadas, restará um saldo de 130:000 a 150:000 dollars, *isto é, mais ou menos metade do que o Brasil pagou.*

«Acho que o nosso governo vai ficar em posição esquerda em relação ao governo do Brasil, que terá razão de se queixar da injustiça que soffreu » (1).

Este documento, melhor do que qualquer outra demonstração, prova a conscia má fé com que foram feitas as reclamações norte-americanas.

Nos paizes sul-americanos, — e alguns ha onde, apesar das revoluções, os cargos de ministro são occupados por homens instruidos e conhecedores da historia diplomatica, — ha uma grande prevenção contra a politica absorven-

(1) U. S. House of Representatives docs. Congress. 32. Sess. I. 1851-52. Vol. VI, doc. n. 75.

te, invasora e tyrannica da diplomacia norte-americana. A ultima vez que foi ministro dos Negocios Extrangeiros do Brasil o visconde de Abaeté, este estadista teve noticia de que se tramava em New-York uma expedição de flibusteiros contra o Pará e o Amazonas, e, si a legação brasileira em Washington não contrariasse activamente a conspiração, talvez se chegasse a reproduzir no valle do Amazonas um novo attentado, egual ao da expedição do pirata Walker contra a America Central.

Estas pretenções americanas sobre o Amazonas tornaram-se, então, ameaçadoras. Em seguida á exploração feita no grande rio pelo tenente Herndon, da marinha americana, o qual aconselhara aos brasileiros o uso da força para os indios, em vez da catechese (1),

(1) Vide HERNDON — *The Valley of the Amazon.*

— começou a agitação americana a proposito do Amazonas.

Foram despachados agentes diplomaticos para o Perú e para a Bolivia, com o fim de levantarem os governos daquelles paizes contra o Brasil e de os aconselharem a pedir o *auxilio* dos Estados-Unidos.

O celebre geographo e meteorologista americano Maury escreveu contra o Brasil um violento pamphleto (1), que foi victoriosamente respondido por De Angelis (2). Falava Maury, não na conveniencia que o Brasil teria com a abertura do Amazonas á navegação, mas no *direito* dos Estados-Unidos nos forçarem a isso.

As intrigas americanas não foram bem recebidas no Perú; mas a Bo-

---

(1) *The Amazon and the Atlantic slopes of South America* — Washington, 1853.

(2) *De la navegacion del Amazonas* — Montevidéo, 1854.

livia hesitou um pouco, e tanto bastou para começar nos Estados-Unidos a conspiração flibusteira a que alludimos.

Preparava-se, evidentemente, uma invasão armada do Amazonas, quando o ministro do Brasil em Washington interpellou, numa nota positiva, o governo americano, perguntando-lhe si seria permittida tal pirataria.

O secretario d'Estado, respondendo ao ministro (1), que tão opportuna e energicamente reclamava pelos interesses do Brasil, declarou, por duas vezes (2), que «*os funccionarios da União,* com conhecimento de causa, ***não facilitariam a partida de nenhum navio que fosse violar as leis do Brasil***», e que «*a empresa que tivesse por fim forçar a entrada do rio seria illegal e implicaria violação dos direitos do Bra-*

(1) O sr. barão do Penedo.

(2) Notas de 20 de abril e de 23 de setembro de 1853.

sil, e que, si algum cidadão da União tivesse a temeridade de intental-a, sobre elle cahiria o rigor da lei».

Declarações egualmente categoricas tinha já feito o governo americano ao Mexico, em relação ao Texas, e devia, mais tarde, fazel-as á America Central, e estas declarações não impediram os attentados que conhecemos.

O governo do Brasil não diminuiu a sua vigilancia, denunciou mais de uma conspiração planejada por Maury, official da marinha americana e funccionario publico, e por seus companheiros. Certa vez, esteve apparelhada uma expedição, e só á ultima hora foi detida, em Sandy Hook, á sahida do porto de New-York.

Todos estes americanos, nos seus escriptos, falavam muito dos interesses commerciaes dos Estados-Unidos, nos capitaes immensos que estavam anciosos por um emprego no Amazonas.

Chegou o momento das circumstancias da politica permittirem a decretação da liberdade da navegação, e não appareceram os taes capitaes americanos. Os magnificos vapores que hoje sulcam o Amazonas são os de uma companhia ingleza, que tem sido a maior propulsora do progresso e do enriquecimento da região amazonica. Isto, porém, não quer dizer que os americanos não tenham ainda vistas sobre o grande rio sul-americano.

O general Grant, num discurso pronunciado em 1883, em recepção ao general mexicano Porfirio Diaz, chegou a dizer que os Estados-Unidos necessitavam de tres cousas sómente, porque o restante tinham no seu paiz: café, assucar e borracha. E o general disse: « *Seja como fôr, havemos de ter café, assucar e borracha* », accentuando bem a phrase — *Seja como fôr (by any means)*; e no Mexico esta phrase foi

tomada quasi como uma ameaça. O problema do assucar estava até certo ponto resolvido pela absorpção das ilhas Hawaï, que, embora não admittidas na União Americana, estão, para todos os fins praticos, como que annexadas aos Estados-Unidos; o café, julgava o general Grant, viria com o Mexico; e a borracha, para tel-a, seria preciso possuir o Amazonas.

No Hawaï, a usurpação americana foi simples e rapida. A raça indigena, isto é, perto de um milhão de habitantes, raça que tem a brandura de indole propria de todos os polynesios, havia perto de um seculo, ia sendo educada por missionarios de varias nações e tinha chegado já a um grau de civilisação que lhe permittiu o constituir um governo regular. Ha no archipelago uns quinhentos americanos e uns seis ou oito mil portuguezes. Pois bem, os americanos, auxiliados por um vaso

de guerra de seu paiz, expelliram do governo os indigenas e, fazendo desembarcar tropa, tomaram conta de todo o paiz, excluindo inteiramente os hawaïanos de toda administração. Os governantes americanos, impostos pelas baionetas, decretaram a federação com os Estados-Unidos, tal qual queriam, talvez, os insensatos brasileiros que, em 1834, apresentaram um projecto analogo na Camàra dos deputados. O Congresso de Washington não quiz a annexação do Hawaï, mas ficou aquelle paiz sempre governado pelos americanos. Esta grande e clamorosa iniquidade, este abuso da força, não encontra justificativa.

Os empregados publicos e jornalistas officiaes e officiosos que escrevem no Brasil dizem-se muito enthusiasmados pela amizade dos Estados-Unidos, e facilmente conseguirão, talvez, illudir a bôa fé dos brasileiros.

A politica internacional dos Estados-Unidos é egoistica, arrogante ás vezes, outras vezes submissa, segundo os interesses da occasião. Em todo caso, ella nunca se deixa guiar por sentimentalismos de fórma de governo.

Durante a guerra franco-prussiana, depois de 4 de setembro, isto é, depois da proclamação da Republica, quando a França continuava a arcar com o inimigo allemão, os Estados-Unidos manifestaram, por todas as fórmas, as suas sympathias pelo Imperio teutonico contra a Republica latina. A realeza e a aristocracia européas têm um immenso prestigio nos Estados-Unidos. Toda a ambição da enorme colonia americana na Europa é approximar-se das côrtes. Não ha familia americana de alguma fortuna que não tenha, nos seus pratos, ou nas suas colheres, algum brazão, um mote nobiliarchico, um elmo, ou qual-

quer outra cousa heraldica. E' com desvanecimento que elles querem, á força, ligar os seus appellidos obscuros aos nomes fidalgos do Reino Unido, pretendendo sempre descender da nobreza. O livro da nobreza ingleza *Burke's Peerage and Baronetage* é sabido de cór pelas senhoras americanas, cuja maior ambição é sempre casar com fidalgos europeus, ir viver na Europa, deixando o velho Uncle Sam lá do outro lado do Atlantico.

Essa tendencia admirativa em relação a todos os *ouropéis da realeza* provém, de certo, de que, a muitos respeitos, os Estados-Unidos são ainda uma colonia. A civilisação vem-lhes da Europa, e, por isso, o americano, desde o mais rude até o homem mais eminente, pergunta sempre ao extrangeiro: — *Então, que acha deste paiz?* tal qual como o *parvenu* enriquecido, que tem prazer em mostrar sua casa,

seus carros, ao homem de bôa sociedade, e, dando a beber ao *gentleman* elegante os seus vinhos preciosos, pergunta-lhe com insistencia: — *Então, que tal acha?*

Ora, as americanas entendem que o fidalgo é mais competente em materia de elegancia e de apuro social do que qualquer outro individuo. Dahi, a sua preferencia pelas nações aristocraticas da Europa. Isto, quanto aos individuos. Quanto ao governo, tambem não ha duvida de que os Estados-Unidos são mais amigos da Inglaterra e da Allemanha, apesar da França ser Republica.

E esta preferencia do governo americano pela Allemanha chegou até á brutalidade, por occasião da guerra franco-prussiana. O ministro americano em Berlim, Bancroft, homem illustre por seu saber, — o que é rarissimo entre a diplomacia ame-

ricana, que se compõe ordinariamente da escoria da politicagem, — privava com o imperador Guilherme e com Bismarck, e a sua attitude foi sem generosidade e sem tacto. Acompanhou o rei da Prussia em campanha, e seus despachos para Washington, publicados pouco depois, eram insultuosos para a França. Gyrando ao redor das negociações de armisticios e de paz, foi sempre um servidor zeloso da Allemanha. O general americano Sheridan julgou-se, talvez, muito honrado com ser admittido como ajudante de ordens do principe Frederico Carlos, e tomou parte em toda a campanha, prestando bons serviços ao exercito allemão. Sheridan era um americano notavel, um illustre general, e com elle serviu contra a Republica Franceza grande numero de officiaes norte-americanos. E o general Grant? Esse era presidente dos Estados-Unidos, e,

numa mensagem ao Congresso americano, em 1870, felicitou a Allemanha por suas victorias e mostrou-se jubiloso com a derrota da França.

Foi a 7 de fevereiro de 1871, isto é, seis mezes depois da quéda de Napoleão III, contra quem o governo americano podia ter resentimentos, em razão da guerra mexicana; foi seis mezes depois da proclamação da Republica em França, que o presidente Grant expediu a sua celebre mensagem ao Congresso, mensagem insultuosa para a França, em que exaltava o governo livre da Allemanha e approvava a guerra de 1870 e a consequente annexação da Alsacia e da Lorena. Dias depois, Grant, recebendo o ministro da Allemanha, disse-lhe que o governo americano não podia deixar de sympathisar com a Allemanha na lucta que ella acabava de sustentar. Por esse tempo, Ban-

croft escrevia a Bismarck, felicitando-o pela sua obra, « *destinada* », dizia o americano, « *a rejuvenescer a Europa* ». Todas estas baixezas, que tinham um mesquinho fim eleitoral, isto é, ganhar os votos dos allemães nos Estados-Unidos, ficaram immortalisadas por Victor Hugo, que perguntava:

Est-ce, donc, pour cela que vint sur sa frégate
Lafayette donnant la main à Rochambeau? (1)

Esta inqualificavel grosseria, esta quebra dos usos da mais comesinha

---

(1) Certes que le Peau Rouge admire le Borusse.
C'est tout simple: il le voit aux brigandages prêt
Fauve atroce; et ce bois comprend cette forêt;
Mais que l'homme, incarnant le droit devant l'Europe,
L'homme que de rayons Colombie enveloppe,
L'homme en qui tout un monde héroïque est vivant;
Que cet homme se jette à plat ventre devant
L'affreux sceptre de fer des vieux âges funèbres,
Qu'il te donne, ô Paris, le soufflet des ténèbres;
. . . .
Qu'il montre à l'univers, sur un immonde char,
L'Amérique baisant le talon de César,
Oh! cela fait trembler toutes les grandes tombes!
Cela remue, au fond des pâles catacombes,
Les os des fiers vainqueurs et des puissants vaincus!
Kosciusko frémissant réveille Spartacus;
Et Madison se dresse et Jefferson se lève;

urbanidade entre as nações, esta falta de generosidade envergonharia, de certo, a sombra dos grandes homens

---

Jackson met ses deux mains devant ce hideux rêve;
« Déshonneur! » crie Adams; et Lincoln, étonné,
Saigne, et c'est aujourd'hui qu'il est assassiné.
. . . .

Bancroft, este fica para sempre immortalisado pela extraordinaria ode que o poeta lhe dedicou:

Bancroft

Qu'est-ce que cela fait à cette grande France?
Son tragique dédain va jusqu'à l'ignorance;
Elle existe et ne sait ce que dit d'elle un tas
D'inconnus, chez les rois, ou dans les galetas.
Soyez un va nu-pieds, ou soyez un ministre,
Vous n'avez point du mal la majesté sinistre;
Vous bourdonnez en vain sur son éternité.
Vous l'insultez. Qui, donc, avez-vous insulté?
Elle n'aperçoit pas, dans ses deuils, ou ses fêtes,
L'espèce d'ombre obscure et vague que vous êtes.
Tâchez d'être quelqu'un. Tibère, Gengiskan,
Soyez l'homme-fléau, soyez l'homme-volcan,
On examinera si vous valez la peine
Qu'on vous méprise. Sinon, allez-vous-en. Un nain
Peut à sa petitesse ajouter son venin,
Sans cesser d'être un nain, et qu'importe l'atome?
Qu'importe l'affront vil qui tombe de cet homme?
Qu'importent les néants qui passent et s'en vont?
Sans faire remuer la tête énorme, au fond
Du désert, où l'on voit rôder le lynx féroce,
Le stercoraire peut prendre, avec le colosse,
Immobile à jamais sous le ciel étoilé,
Des familiarités d'oiseau vite envolé.

Vid. Arolfi — *Les Républiques Sœurs.*

que fundaram os Estados-Unidos, que fizeram a sua independencia com o auxilio da França e que, junto aos muros de Yorktown, foram os companheiros de Lafayette e de Rochambeau. Quando, annos depois, o general Grant fez uma viagem ao redor do mundo, quiz, em Paris, apartar-se um pouco do que aconselha o *Bædeker*, guia dos viajantes, e desejou vêr Victor Hugo. Sem duvida, havia chegado aos ouvidos de Grant o nome do poeta das *Orientaes*, embora, ignorante como era o general, de certo nunca tivesse lido um só verso do vate immortal. Mandou pedir uma audiencia. Foi terrivel a colera do velho Hugo. Em termos violentos, disse ao enviado de Grant que nunca receberia similhante miseravel alarve *(un tel goujat)*. Este episodio da vida de Victor Hugo é bem differente da convivencia do Imperador do Brasil com o auctor de *Notre-Dame de Paris*,

Outro facto: em 1891, (o caso foi publicado e discutido) o capitão Borup, addido naval dos Estados-Unidos em Paris, foi surprehendido em flagrante espionagem feita a favor da Allemanha. Ficou verificado que documentos que este diplomata americano solicitou do Ministerio da Guerra francez para o seu governo, elle os communicou traiçoeiramente á Allemanha.

Em 1883, fallecendo nos Estados-Unidos o chefe socialista allemão Lasker, o Congresso de Washington, no mesmo anno em que eram presos e enforcados os socialistas de Chicago, mandou uma mensagem de pesames pela morte de Lasker ao Reichstag allemão, e nessa mensagem eram elogiados os serviços e as idéas do socialista. O Congresso achava muito bons na Allemanha os mesmos prin-

cipios que o governo americano perseguia no seu territorio.

O governo allemão devolveu a mensagem, extranhando-a, o que não deixou de envergonhar os seus auctores. Por essa época, havia o celebre conflicto entre os Estados-Unidos e a Allemanha, porque esta recusava receber a carne de porco infeccionada de trichina que lhe vinha da America, e Bismarck declarou que não trataria mais com um tal mr. Sargent, ministro americano em Berlim, que se tinha mostrado incorrecto e inconveniente. A moralidade de tudo isto é que a subserviencia do governo americano á Allemanha, em 1870-1871, não conquistou a estima do governo do imperador Guilherme.

Não foi sómente naquella época que houve americanos enthusiastas pelo vencedor e pelo mais forte. Na guerra da China, em 1859, uma es-

quadra americana, neutra, — pois a expedição contra a China era anglo-franceza — estava ancorada no Pei-ho, quando, a 25 de junho daquelle anno, houve combate entre os belligerantes. Inesperadamente, sem motivo, nem aviso, os navios neutros americanos, ao mando do commodoro Tattnal, romperam fogo contra os chins. Esta deslealdade só teve um motivo — o desejo de figurar; foi um *sport*. E' verdade que com chins não fazem os americanos grandes ceremonias. Os pobres filhos do Celeste Imperio são lynchados nos Estados-Unidos sem fórma alguma de processo, sendo até ás vezes queimados vivos. Nem com elles ha respeito pela fé internacional. Os Estados-Unidos obtiveram da China um tratado de amizade, commercio e navegação, em virtude do qual eram livres a entrada e sahida dos chins e dos americanos, reciproca-

mente, nos dous paizes. Não obstante a solemnidade desse compromisso nacional, o Congresso americano votou uma lei prohibindo a entrada dos chins nos Estados-Unidos. Não teria mais audacia na quebra da palavra da nação a mais machiavelica chancellaria carunchosa da Europa decrepita.

A politica americana, em relação aos indios, que ella ainda não acabou de exterminar, é uma politica de ferocidade inacreditavel neste final do seculo XIX. Os documentos officiaes que se referem á administração dos indios são tragicos (1).

Os inqueritos successivos têm demonstrado que o roubo é a regra, quasi sem excepção, no trato do governo americano com os indios. O governo falta com cynismo á fé dos

(1) *Official Reports of the war department or the department of the interior.*

tratados, mata os indios a fome e a tiro e rouba-lhes as terras onde os installa. Os empregados na administração dos indios são de uma deshonestidade proverbial, nos Estados-Unidos. Não ha uma voz que conteste isto, e ha muitos livros americanos em que as particularidades desta longa campanha de sangue, de morticinio, de roubo e de incendio vêm miudamente narradas (1).

A historia dos tratados dos Estados-Unidos com os paizes do Extremo Oriente está cheia de imposições violentas, de trapaças e de actos de má fé. Os americanos têm sido na China os maiores contrabandistas de opio, e é pessima a sua reputação. Em 1828, o governo chinez expediu um

(1) Resume muito bem esta questão, e confirma com mil casos o que dizemos, o seguinte livro: *A Century of Dishonour*, by H. X. London, 1881, 8.°.

decreto especial contra as fraudes norte-americanas. Esse decreto foi a resposta dada a uma supplica dos negociantes americanos de Cantão.

Vejamos o tom em que aquelles orgulhosos republicanos se dirigiam ao vice-rei de Cantão:

« *Prostrados* », diziam elles, « *aos pés de v. exc., supplicamos se digne lançar as suas vistas sobre nós e extender até nós a sua compaixão...* » (1).

« *Não ha melhor prova da exaggeração das reclamações americanas contra a China,* » —diz o americano James A. Whitney (2), — « *do que o facto da somma que esta nação nos pagou ultrapassar as exigencias dos reclamantes, ao ponto de um grande saldo estar ainda no Thesouro americano sem haver quem o reclame* ». « *E é preciso*

(1) QUARTERLY REVIEW—Vol. LXII, pag. 150.

(2) JAMES A. WHITNEY— *The Chinese and the Chinese Question.* New-York, 1880, pag. 41.

lembrar», continúa o mesmo auctor, *«que as reclamações se originaram de prejuizos, reaes ou suppostos, que os americanos diziam ter soffrido em 1856, por occasião do bombardeio de Cantão pelas forças inglezas, ou dos trabalhos de defesa então effectuados pelo governo chinez. E deve ser lembrado ainda que o nosso proprio governo virtualmente sympathisava com o bombardeio. Dous annos depois, um official de nossa esquadra, embora estivessemos em paz com a China, secundou a acção dos inglezes contra as fortificações da emboccadura do Pei-ho. Cinco annos depois, estando nós ligados á China por um tratado de paz e amizade, dous navios americanos e quatro lanchas quizeram, a força, levantar carta de um canal. Os americanos já estavam preparados para uma recusa por parte dos chins, o que era muito justo e natural. Estes oppuzeram-se,*

mas os canhões americanos impuzeram silencio ás baterias de terra, e, alguns dias depois, cinco dos fortes chinezes foram arrasados pelos navios americanos, sendo mortos 250.

« Quanto ao perigo que correram as nossas forças, facilmente se faz delle uma idéa, dizendo que perdemos tres homens. »

Ao Japão os Estados-Unidos extorquiram um tratado, e assim foi nas ilhas Samoa, onde os americanos não só acceitaram uma especie de protectorado, ou condominio, conjuntamente com a Allemanha e a Inglaterra, como tomaram aos indigenas parte da ilha de Tutuila, para deposito de carvão. Egual procedimento tiveram, em Sião e em Madagascar, paizes onde a industria americana quer introduzir os seus productos de fancaria, falsificando as marcas, e, a despeito das convenções internacionaes,

rotulando, como inglezes, os seus algodões inferiores e outros productos de manufactura disfarçados fraudulentamente.

Tratados de commercio! Eis ahi a grande ambição norte-americana, ambição que não é propriamente do povo, mas sim da classe plutocratica, do mundo dos monopolisadores, não contentes ainda com o mercado interno, de que elles têm o monopolio contra o extrangeiro, em virtude das tarifas prohibitivas nas alfandegas, em detrimento do pobre, que se vê privado do grande beneficio que a concorrencia universal lhe traria com o forçado abaixamento dos preços. Esta classe plutocratica governa o povo americano com muito mais rigor e tyrannia do que emprega o csar da Russia na suprema direcção de seu povo. Ella suga a seiva americana e, praticamente, pelo poder do ouro, tem

privilegios reaes e positivos muito maiores do que os da nobreza e do clero na Europa, nos tempos passados. A millionocracia domina os caminhos de ferro, as docas, as fabricas, e tira das sobras de seus proventos com que governar, subsidiando e convertendo em servos obedientes todos os politicos dos Estados-Unidos, unico paiz na historia do mundo em que a simples designação de *politico (politician)* se tornou, com muita e muita razão, uma verdadeira injuria.

Os plutocratas americanos não se satisfazem já com o mercado nacional que o proteccionismo lhes entregou. Nas suas industrias empregaram elles capitaes enormes que exigem remuneração. Em egualdade de condições, elles não podem concorrer, nos mercados do mundo, com os productos manufacturados da Europa. O proteccionismo, que permittiu nos Es-

tados-Unidos a creação das immensas fortunas industriaes, trouxe tambem o encarecimento da vida e, com elle, a elevação dos salarios, que já de si seriam mais elevados do que na Europa, pela raridade relativa da mão de obra perita e technica *(skilled labour)*. Sendo os salarios mais elevados, o custo da producção é maior do que na Europa, e, por isso, na concorrencia universal, os Estados-Unidos são vencidos pelos productores europeus.

Sendo assim, a industria americana succumbe sob o peso de sua producção exaggerada. D'ahi, a crise industrial, aggravada pelo desvalor de parte da moeda, a moeda de prata, porque, como já dissemos, até em materia de cunhagem de moeda, os legisladores americanos têm querido proteger os millionarios em detrimento do povo, e o têm conseguido. Como lograriam os proprietarios das gran-

des minas de prata vender por bom preço o seu metal, si o valor deste não se mantivesse pelas compras continuas do Thesouro americano, que adquiria barras de prata para transformal-as em moedas? Tanta moeda de prata cunhou o Thesouro americano, que rompeu o equilibrio do valor entre a moeda de prata e a moeda de ouro. A superabundancia rebaixou a prata, encareceu o ouro e este emigrou para o extrangeiro. Moeda desegual e em parte depreciada, eis o que o proteccionismo produziu no systema da circulação monetaria dos Estados-Unidos. A estagnação da industria, proveniente do excesso de producção e de sua incapacidade para concorrer no extrangeiro com os productos europeus, aggrava-se de dia para dia. Ha quinze annos, os americanos diziam que no seu paiz não havia questão social; que os tumultos operarios, as luctas e as

crises provenientes das difficuldades do proletariado eram males das velhas sociedades européas; que, na livre America, havia espaço, luz e comida para todos os pobres, sob o regimen do trabalho. Hoje, que é que vemos? A questão operaria é mais terrivel e mais ameaçadora nos Estados-Unidos, do que na Europa.

O proletario americano tem tal organisação de ataque e de defesa contra a sociedade, que na Europa ainda não foi egualada. Parece que, na Europa, a chamada paz armada, com a consciencia do perigo que corre a propria existencia nacional, em vista da hostilidade de vizinhos poderosos, dá ainda a consciencia de que é necessaria a união para garantir a existencia da propria patria. Nos Estados-Unidos, a questão social tem uma gravidade unica. Grande parte da massa operaria é extrangeira, estando

ainda na primeira phase da existencia do immigrante, phase intermedia, na qual, tendo-se desprendido da patria antiga, ainda não adoptou a patria nova. A massa dos immigrantes é constituida por uma verdadeira selecção d'entre os operarios dos respectivos paizes de origem. Selecção de fortes, de energicos, de resolutos, pois o simples acto de emigrar é uma prova de espirito audacioso. Quem não duvidou abandonar a patria de seu nascimento não tem escrupulos em perturbar a patria adoptiva. Por isso, nas difficuldades da lucta social, o exercito operario, nos Estados-Unidos, é mais para temer do que na Europa.

A politica financeira e economica dos Estados-Unidos produziu, depois de uma notavel expansão industrial, uma reacção extraordinaria. O operario hoje não tem trabalho, ou, quando

o tem, o patrão não póde remunerar esse trabalho como noutro tempo, embora o operario precise sempre do mesmo dinheiro, porque o preço da vida não baixou.

Sem duvida, a questão operaria é de todos os paizes, e o problema da riqueza e da pobreza é tão antigo como o mundo. Todas as soluções desse problema são soluções muito relativas e sempre provisorias.

A antiguidade tinha a escravidão, que é um modo de dar uma certa estabilidade e organisação ao proletariado, coagindo-o a trabalhar e obedecer. O Christianismo acalmou as revoltas da miseria humana quando exacerbada pela pobreza, promettendo o céo e a felicidade futura e fazendo do proprio soffrimento um titulo á ventura eterna. A sociedade pagã appellava para a força material, dominando materialmente o proletario; a

sociedade christã prendia-o pelas cadeias, ainda mais fortes, da esperança e da fé. O espirito moderno suppri-miu a escravidão e deixou de falar no céo. O operario foi abandonado, e a sciencia não encontrou ainda uma formula que substituisse a escravidão da antiguidade, ou a crença na outra vida, que o Christianismo infundia.

Nos Estados-Unidos, a agitação operaria é mais grave do que na Europa, porque o operario não tem nenhuma das peias materiaes e não tem os incentivos moraes que em parte o dominam na Europa e de que se acha liberto na America.

As Monarchias européas se preoccupam seriamente com melhorar a sorte dos operarios. Ellas têm todo o interesse em adiar e evitar a grande crise do proletariado, porque as dynastias sabem que, numa grande ca-

tastrophe social, os thronos desappareceriam (1).

Nas Republicas, não ha esse interesse de conservação, que leva os governantes a quererem bem governar por interesse proprio. Na Republica, tudo é transitorio: os homens sabem que, quer encham o seu paiz de beneficios, quer accumulem erros sobre erros e cheguem até ao crime, terão, em certo periodo, de deixar o poder, e, si a Republica commette faltas graves, mudam-se os homens, continuando sempre a Republica, ainda que seja para repetir as faltas que procuram, em vão, reprimir com a perio-

---

(1) Ainda ultimamente, num congresso, em Milão, vimos os representantes da Allemanha cesarista e da Italia monarchica se manifestarem a favor das pensões aos invalidos do trabalho, emquanto que os enviados da Republica Franceza, Yves Guyot e Léon Say, republicanos, se oppuzeram com ardor a essa medida humanitaria, já adoptada na Allemanha.

dicidade das revoluções. A Republica, bem que seja personalissima quanto á influencia dos funccionarios, beneficía com uma especie de impersonalidade que a torna irresponsavel. Na gestão dos negocios e dos dinheiros publicos, a Monarchia arrisca a sua propria existencia; é como que uma firma solidaria, que responde com a sua pessôa e com a totalidade de seus bens. A Republica é uma companhia anonyma de responsabilidade limitada. E conhecemos paizes onde o simples nome de companhia é quasi synonymo de deshonestidade...

A Historia demonstra que as Republicas, uma vez falseadas, nunca se regeneram. Cada fórma de governo tem a sua tendencia e tem o seu modo peculiar de resolver os successivos problemas da historia nacional. Tomemos, por exemplo, os Estados-Unidos e o Brasil, ambos em frente

do mesmo problema: a abolição da escravatura.

Tiveram os Estados-Unidos a sua solução genuinamente republicana e norte-americana, isto é, a solução pela violencia, pela força, pelo grande fragor da guerra fratricida. Teve o Brasil uma solução genuinamente brasileira e monarchica, a solução que todos vimos, solução que excedeu os sonhos dos optimistas mais humanitarios. Porventura deveremos envergonhar-nos da solução que soubemos e pudemos dar ao problema e sentir o não termos imitado os Estados-Unidos tambem nesse ponto? Dissemos que, no Brasil, o problema escravo teve uma solução monarchica, não só porque a Monarchia brasileira teve a gloria de ser punida pela sua acção libertadora, como porque, desde que o mundo é mundo, nenhuma grande reforma social se realisou, sem ser debaixo da

acção de um regimen monarchico. Ouçamos um dos mais profundos pensadores do seculo, Döllinger: « *O testemunho da Historia nos demonstra que a solução das questões sociaes, a reforma das instituições, a abolição de abusos tradicionaes, realisam-se com mais facilidade e segurança num governo monarchico, do que numa Republica. Quando a corrupção da Republica Romana chegou aos seus extremos limites, todos os romanos intelligentes admittiram a impossibilidade da Republica reformar-se a si mesma e a inevitavel necessidade da Monarchia. O mesmo aconteceu com a Republica Polaca e com a Republica Franceza, no tempo do Directorio.*

Si os Estados-Unidos, em 1862, tivessem um monarcha, em vez de um presidente eleito por poucos annos, certamente lhes teria sido possivel dirigir o problema servil para uma solução

pacifica, evitando uma sangrenta guerra civil, cujos effeitos ainda perduram» (1). Isto dizia o illustre pensador em 1880, e oito annos depois os factos vieram dar-lhe razão, porque o unico paiz monarchico da America foi tambem o unico paiz que pacificamente extinguiu a escravidão.

O seu destino manifesto, o seu natural instincto de conservação, leva as Monarchias a procurarem resolver os problemas sociaes, emquanto que as oligarchias republicanas temem esses problemas e adiam-lhes indefinidamente as soluções.

E é por isso que vemos as Monarchias européas, comprehendendo o perigo e o encargo de sua responsabilidade, encararem de frente o problema do proletariado, que, nos Esta-

---

(1) J. I. von Döllinger — Traducção ingleza sob o titulo *Studies in European History translated by Margaret Varre*. London, 1890, pag. 24.

dos-Unidos, é desleixado pelos poderes publicos. Na Europa, ha, na velha tradição monarchica, a remota lembrança da antiga alliança da realeza com os burguezes, contra os senhores feudaes, que eram os oppressores dos fracos. Hoje, os oppressores são os burguezes, que confiscaram em seu proveito todas as chamadas conquistas da revolução de 1789. O capitalismo semita ou não semita gosa hoje de privilegios reaes e effectivos, muito mais vexatorios do que os privilegios antigos da nobreza e do clero. No antigo regimen, a nobreza pouco a pouco se ia enfraquecendo, e o terceiro Estado se ia fortalecendo. Na vida moderna, o capital cresce por si mesmo, cada vez mais se avoluma, e é fóra de duvida que a fatalidade faz que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. A fórma republicana burgueza, como

existe em França e nos Estados-Unidos, é a que mais protege os abusos do capitalismo. Ha como que uma repercussão de antigas éras, nos tempos de hoje, quando vemos de um lado a ferocidade burgueza contra o proletario, abroquelando-se em leis proteccionistas, em monopolios industriaes, e falando a todo momento em *principio da auctoridade*, em *direito da legalidaae*, em *obediencia* (1).

De outro lado, vemos o representante das velhas tradições do Santo Imperio Romano e o Papa procurando extender a mão aos operarios, que, afinal, são a força, são o numero, são a justiça e serão o poder de amanhã. O Papa e o Imperador, com a comprehen-

---

(1) Dizia STENDHAL que, quando se começa a falar muito no *principio* de alguma cousa, é porque essa cousa já não existe. Fala-se muito hoje no Brasil em *principio de auctoridade*. E' porque já não existe a auctoridade, que foi substituida pela oppressão.

são superior que lhes dá a fé nos seus destinos, estão vendo que novos tempos de renovação social se approximam, e que é preciso, na immensa Bastilha em que a burguezia revolucionaria encarcerou o proletariado, rasgar uma janella para o azul. A alliança da Egreja e do Imperio com a multidão infeliz contra a burguezia gosadora, que se diz republicana, ou, pelo menos, democratica, é o grande facto do findar deste seculo. A Allemanha preoccupa-se com a sorte dos operarios; Bismarck fez votar a celebre lei garantindo a velhice e a invalidez do trabalhador; o socialismo penetrou nas altas espheras do governo inglez, e elle já existe de facto na grande democracia russa, consagrado em usos e instituições seculares. Ainda ha muito por fazer, mas as grandes Monarchias deram o signal, e este foi principalmente o congresso europeu, que o im-

perador Guilherme II forçou a se reunir em Berlim para estudar os meios de melhorar a sorte dos proletarios. O movimento está iniciado; onde elle encontra mais resistencia é na França, baluarte da burguezia republicana, e nos paizes latinos, que mais ou menos se inspiram no espirito francez. A Egreja patrocina o socialismo christão, e não o faz sómente por palavras. Por um instincto admiravel, o proletariado inglez comprehendeu que nada podia esperar de sua egreja official, e, na grande crise de 1890, o seu arauto, o seu chefe, o juiz de sua causa, o seu paladino, foi o velho cardeal Manning, que reconciliou patrões e operarios, feito digno dos tempos heroicos da Egreja. Nos Estados-Unidos e na Australia, ha a alliança tacita da Egreja e do proletariado. Vejam-se os esforços do cardeal Gibbons e de monsenhor Ireland, e admire-se como

o movimento operario nos Estados-Unidos ganhou em grandeza com o influxo da Egreja.

A classe dos donos de caminhos de ferro, dos monopolistas e dos industriaes que a ferocidade do proteccionismo enriqueceu, em detrimento do conforto e do bem estar do pobre, arma-se, nos Estados-Unidos, de grandes recursos para a batalha suprema que têm de travar, mais dia, menos dia, com o povo americano. O governo e os politicos de Washington são os representantes directamente interessados, ou indirectamente subsidiados, que hão de procurar por todos os meios proteger os ricos e os satisfeitos contra os famintos. Os financeiros e os monopolistas americanos votam odio á Europa, porque para lá se escoou o ouro americano, e porque na Europa os governos estão dando o exemplo da defesa das classes ope-

rarias. O defensor desses monopolistas mais conhecido é o sr. Andrew Carnegie, um escossez prodigiosamente enriquecido nos Estados-Unidos e que, no fim da vida, figura em todas as manifestações anti-européas, ou, antes, anti-liberaes, que se dão nos Estados-Unidos. O sr. Carnegie é dono de umas fundições gigantescas e auctor de uns livros, em que exalta o capitalismo, a felicidade da riqueza e a superioridade dos Estados-Unidos, paiz que elle apresenta como o primeiro do mundo. O mais conhecido dos livros do sr. Carnegie chama-se a *Democracia triumphante,* livro ricamente impresso, que na primeira pagina traz uma corôa real invertida e um sceptro quebrado, para indicar a victoria da democracia. O livro é mal escripto, é insolente e, para dar uma idéa do seu modo de argumentar, diremos apenas que, querendo provar a superioridade artistica dos

Estados-Unidos sobre a Europa, elle diz que as salas de espectaculos são maiores em Denver e em Cincinnati, do que em Paris e Londres. No mais, o sr. Carnegie entôa um hymno enthusiasta á felicidade do povo americano, cuja existencia, segundo o auctor, é um idyllio sem fim. O sr. Carnegie fala do bem estar do operario americano, de sua casinha risonha á beira de campos sempre verdes e de aguas murmurantes e, em raptos biblicos, quasi que diz que os rios são de leite e de mel. Ora, a ser isso verdade, que paraiso não devia ser o estabelecimento industrial do sr. Carnegie, as celebres fundições de Homestead? Pois bem, em 1891, rompeu em Homestead uma *grève* terrivel, provocada, como depois demonstrou o inquerito official, pela dureza do proprietario, que do infeliz operario exigia um horrivel maximo de trabalho,

a troco de um minimo, ridiculo salario. Não parou ahi o patriarchal e idyllico sr. Carnegie. Nos Estados-Unidos, a policia consente que existam grandes e poderosas agencias, que se encarregam de fazer a policia por conta dos particulares, e são muitas vezes empregadas em obras de vingança e de evidente criminalidade. A mais conhecida destas agencias, a agencia Pinkerton, organisou, por conta de Carnegie, um verdadeiro exercito de *detectives*, armados de revólvers e de carabinas, destinados a reprimir os operarios revoltados, verdadeiros *bravi*, como os da Italia medieval, ou, antes, capangas, como diriamos no Brasil. Os *pinkertons* entraram em guerra com os operarios, houve grandes tiroteios, muitas mortes, ataques por terra e por agua, assedios, uma verdadeira guerra. A imprensa indignou-se e exigiu explicações do governo, de

como deixava haver no seu territorio uma verdadeira guerra, sem intervir a auctoridade, e verberou o escandalo de se consentir que um millionario pudesse ter assim tropas organisadas ao seu serviço. Onde iria parar, perguntavam os jornaes, este abuso? Os *pinkertons* foram algumas vezes batidos, e noutras trucidaram sem piedade os operarios que tinham a felicidade de viver na livre America, tendo como patrão o intransigente republicano mr. Carnegie. Apesar do immenso escandalo que produziu na opinião publica americana a carnificina de Homestead, as tropas federaes e do Estado respectivo se mantiveram inertes. Quanto a Carnegie, logo aos primeiros signaes do tumulto, refugiou-se na velha, na tyrannica Europa, porque, alvo do justo odio dos operarios e incurso nas leis penaes, a permanencia na tal *Democracia trium-*

phante poderia ser-lhe desagradavel. Com o governo e com os tribunaes, Carnegie, na sua qualidade de millionario, muito facilmente se arranjaria. Não tinha sido elle o grande protector eleitoral do presidente Harrison? Com os operarios, a cousa era mais difficil, e o apologista da democracia plutocratica deixou-se ficar tranquillamente na Europa.

Este episodio de Homestead, nós o mencionamos, porque é typico e cheio de revelações para o futuro da America republicana. O poder do millionario não encontra nos Estados-Unidos nenhum correctivo efficaz nas leis, ou na acção da auctoridade publica. Tudo lhe é licito, tudo lhe é possivel. Isto entrou tanto na consciencia nacional, que os homens mais cultos do paiz, os seus escriptores, os seus sabios, os seus poetas, os seus philanthropos, evitam todo contacto

com a politica, porque sabem que as posições politicas são dadas a homens subservientes pelos magnatas da finança. Noutros paizes do continente, os homens de valor desdenham ser politicos, porque não querem ser titeres irresponsaveis nas mãos do militarismo. Em todo caso, o resultado é o mesmo, porque, quer tenha de ser servidor dos financeiros, quer tenha de ser o instrumento dos militares, o homem publico perde, com a sua dignidade, a sua independencia. Eis ahi a situação do politico na America.

O millionario empregara até agora a arma poderosissima da corrupção. O sr. Carnegie foi um innovador; com o dinheiro, organisou uma força e com ella bateu os que perturbavam a sua industria. Isto foi talvez um ensaio. Em pouco tempo, os millionarios e billionarios americanos organisarão exercitos. Havendo dinheiro, ha meios para se

defender qualquer individuo, e quem sabe si, no futuro, não haverá nos Estados-Unidos guerras individuaes, como as da Edade Media? A instituição dos mercenarios póde deixar de ser privilegio dos governos que, sentindo-se fracos no interior, procuram no extrangeiro braços para defendel-os e coragem e ambições para sustental-os. Em breve, haverá mercados francos de armamentos e de invenções bellicas; alugar-se-ão, por meio de agencias, capitães valentes, soldados decididos, que renovarão os feitos das tropas mercenarias de Carthago, ou dos suissos e lansquenetes da Renascença. Quanto custa um general? Por quanto um almirante? Alugar-se-ão Themistocles por mez, Nelsons por empreitada e Napoleões a tanto por dia, com comida.

Os governos que têm chamado mercenarios tarde ou cedo tiveram

de se arrepender. A lealdade dos mercenarios é nulla, e o paiz que lhes cabe defender é muita vez a sua primeira victima. O extrangeiro chamado para, a qualquer titulo, tomar parte nas luctas nacionaes, torna-se, depois da lucta, uma calamidade. O mesmo acontecerá, talvez, com o capitalismo; os braços que elle tiver armado contra o proletariado se voltarão um dia contra elle. O imaginoso novellista Edmund Boisgilbert, escrevendo no intuito de adivinhar o que vai ser a vida das gerações futuras, no seu romance *Cæsar's Column,* descreve a grande lucta armada que os pensadores vêem como inevitavel no porvir norte-americano (1). Nesse livro, vê-se o capital omnipotente dominando exercitos e

(1) Estas linhas foram escriptas em fins de 1893. Em 1894, as espantosas paredes de Chicago vieram dar razão ao auctor.

tudo vencendo á força do ouro, que põe a seu serviço todos os progressos da sciencia applicada, todos os requintes do goso e todos os meios materiaes de destruir e subjugar as multidões. Ha contra essa longa tyrannia uma immensa revolta; o capital defende-se, a mortandade é horrivel, e a sociedade americana rúe com estrondo, numa catastrophe absoluta. A imaginação do litterato é grande, mas a invenção do escriptor corresponde a um secreto instincto de todos. Hoje, o industrialismo ainda tem algumas esperanças de salvar-se, e o povo não tem ainda a consciencia nitida de sua força. As difficuldades do presente já são, portanto, bastante graves para o capitalismo, e a plutocracia americana procura, a todo transe, sahir de seus embaraços, e para isso volta-se para o extrangeiro. E' para este, pois, que os politicos

norte-americanos querem abrir uma valvula ao excesso da producção.

Não é só o fim de lucro monetario immediato que guia esses homens; é uma necessidade absoluta de segurança nacional. Fechados os mercados extrangeiros, como já explicámos, a producção americana terá de retrahir-se, e, retrahida, crescerá em enorme proporção o numero de operarios desempregados, que augmentarão o já tão perigoso exercito dos descontentes. Neste empenho de salvação publica, foi uma missão especial de representantes do Thesouro americano á Europa solicitar dos governos europeus a adopção do bimetallismo, para dar sahida á quantidade de prata que tantos embaraços está creando aos Estados-Unidos. A Europa, na conferencia de Bruxellas, recusou attender ao pedido. Foi no mesmo intuito de dar sahida a seus

productos e de crear-lhes vantagens especiaes nos mercados extrangeiros, que os Estados-Unidos quizeram impôr tratados de reciprocidade commercial a todos os paizes da America.

Essa empresa de extorquir tratados dos paizes latino-americanos, a troco de vantagens illusorias, esteve confiada a Blaine, quando foi secretario de Estado pela segunda vez.

III

Quando o ambicioso estadista voltou ao poder, em 1889, com a eleição do presidente Harrison, veiu disposto a tirar a sua desforra do descredito em que cahira, em 1881, quando se descobriu a indelicadeza de seus processos e de seus intuitos na intervenção na lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia. Em 1884, ousara já ser candidato á presidencia da Republica,

e isto bastou para um grande numero de votos de seu proprio partido convergir para o seu adversario, o candidato Cleveland, que foi então eleito pela primeira vez. Em 1888, Blaine não fôra candidato, mas empregara toda a sua influencia em favor de Harrison, com a condição deste entregar-lhe a Secretaria de Estado, de onde Blaine, com o seu extraordinario talento, acharia facilmente o meio de dirigir todo o paiz. Assim foi. O regimen presidencial leva a absurdos desta ordem: um homem repellido positivamente pelas urnas, pela vontade expressa do eleitorado, basta que tenha por si a vontade do presidente, para que tome conta do governo e o exerça, sem haver meio algum de fazel-o sahir emquanto durar o presidente, a não ser por uma revolução. Blaine, pois, assenhoreou-se da Secretaria de Estado.

Em 1881, um dos pontos do grande plano de Blaine fôra a reunião de um congresso pan-americano, onde, sob a egide e a protecção dos Estados-Unidos, deveriam os representantes de todos os paizes da America discutir assumptos de interesse reciproco. As revelações consequentes á frustrada intervenção no Pacifico desacreditaram completamente os projectos de Blaine, e o primeiro acto de seu successor consistiu em expedir aviso ás nações convidadas para o congresso, dizendo-lhes que a grande reunião dos representantes de toda a America ficava indefinidamente adiada.

Blaine, voltando ao poder, em 1889, trazia um plano de dupla vingança: queria humilhar o Chile e reunir o congresso. Conseguiu as duas cousas. Teve occasião de lançar, como mostrámos, um *ultimatum* ao governo chileno, exigindo, em prazo dado, sa-

tisfacções e indemnisações, e viu reunidos em congresso, em Washington, debaixo de sua presidencia, os representantes de todos os paizes da America.

A primeira parte do congresso consistiu em banquetes, passeiatas, recepções e festas. Os enviados da America latina, pela linguagem da imprensa, pela attitude geral do governo, ficaram logo convencidos de que só o interesse dos Estados-Unidos lucraria com o que se pretendia delles no tal congresso. O governo americano poz em discussão tres pontos: 1.°, a adopção do arbitramento obrigatorio para a solução dos conflictos internacionaes; 2.°, a celebração de tratados com o governo de Washington, estabelecendo uma parcial, ou total, e reciproca isenção de direitos de importação entre o paiz contratante e os Estados-Unidos; 3.°, (este apenas para encher tempo) o estudo

de um caminho de ferro dos Estados-Unidos á Patagonia, ligando entre si as Republicas americanas.

A questão do arbitramento não offereceu grandes difficuldades. Em materia de promessas, de tratados e de compromissos internacionaes, as Republicas da America não são difficeis. O *Corpus Diplomaticum* sul-americano, isto é, a collecção de seus tratados, de seus accôrdos e de suas convenções, é enorme. Fazem-se, desfazem-se, esquecem-se e violam-se tratados com a maior facilidade. Quasi todas as Republicas concordaram em que, no futuro, decidiriam as suas questões por arbitramento. Era um accôrdo platonico, de bonito effeito, que parecia dar prazer a Blaine e que, em summa, a nada obrigava. O governo chileno, porém, foi mais correcto e sincero, e não assignou a clausula do arbitramento. O presi-

dente do Chile justificou essa recusa perante o Congresso de seu paiz, pronunciando ás seguintes palavras:

« *Foi tambem proposta e acceita por alguns representantes do congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma mais compressiva e obrigatoria. Não prestámos assentimento a este projecto, porque o Chile não necessita, para o exercicio de sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos, como o nosso, que vivem de seu trabalho e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito reciproco dos Estados soberanos; julgo, porém, que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações futuras, para fazer vingar o*

direito. Só a ellas compete apreciar e resolver sobre os meios que a lei internacional lhes faculta para a defesa de seu direito. A restricção dos direitos do Estado, por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional, como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade, que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos de minha patria e aos meus concidadãos. »

Esta é a linguagem de um verdadeiro homem de Estado, explicando uma resolução das mais patrioticas e baseada na mais verdadeira comprehensão dos direitos e dos deveres internacionaes.

S. Salvador, Guatemala, Haïti e S. Domingos assignaram a obrigação de recorrer ao arbitramento; mas, poucos mezes depois, houve uma guerra mortifera entre S. Salvador e Guatemala e as tropas de S. Domingos e Haïti.

O' fraternidade, ó lealdade americana e republicana!

Na parte commercial, as Republicas hispano-americanas, embora assignassem algumas das conclusões impostas pelos Estados-Unidos, não se apressaram a concluir os tratados que este paiz tanto ambicionava. O ministro do Chile nos Estados-Unidos, num banquete que lhe foi offerecido em Chicago, teve a franqueza de declarar que, em vista das exigencias do governo norte-americano, o Chile tinha de continuar a ter só em vista a Europa e a trabalhar por estreitar cada vez mais suas relações com o velho mundo.

A Republica Brasileira, então ainda na primeira de suas diversas e successivas dictaduras, foi o primeiro paiz que cedeu aos desejos dos Estados-Unidos, assignando o tratado de reciprocidade commercial, que ficará co-

nhecido na Historia pelo nome de tratado Blaine-Salvador, porque os seus signatarios são aquelle estadista americano e o ministro brasileiro em Washington, sr. Salvador de Mendonça.

Esse tratado causou prejuizos ao Brasil, sem a minima vantagem, e deu occasião a uma grande deslealdade por parte do governo norte-americano.

Que concederam os Estados-Unidos ao Brasil por esse tratado? A isenção de direitos de importação sobre o café brasileiro e sobre alguns typos de assucar. Ora, o café já não pagava direitos nos Estados-Unidos, desde 1873.

Porque, naquella época, supprimiram os Estados-Unidos aquelle imposto? Não foi para obsequiar o Brasil; foi porque assim convinha aos interesses do povo americano. A tarifa aduaneira americana é proteccionista;

as suas elevadas taxas não têm por fim augmentar os rendimentos do Thesouro, mas simplesmente proteger as industrias e as culturas nacionaes. Os Estados-Unidos têm forçosamente de importar café, genero que não produzem. Um imposto sobre a entrada do café viria recahir, na verdade, sobre o consumidor americano. Grande productor de café, pelas condições geographicas e pelo monopolio dessa producção no occidente, o Brasil tinha fatalmente de abastecer o mercado americano. Não é uma verdadeira burla querer fazer-nos acreditar que a isenção de direitos sobre o café brasileiro é um favor feito ao Brasil? Si os Estados-Unidos voltassem de novo a impôr direitos sobre o café, o Brasil nem por isso perderia o mercado americano, onde não temos concorrencia. Sómente o consumidor americano pagaria mais caro aquella bebida, que

lhe é indispensavel. Quanto ao assucar, a isenção de direitos seria, na realidade, util á industria assucareira do Brasil, si fosse concedida só ao producto brasileiro. Ora, um tratado anterior e em vigor já dava livre entrada no territorio americano ao assucar do Hawaï; mas, apesar disso, o Brasil lucraria muito, si não tivesse outro concorrente, sinão aquellas ilhas, a gosar da livre entrada.

Quando, em fevereiro de 1891, foi publicado no Brasil o texto do tratado Blaine-Salvador, todo o mundo entendeu que só o Brasil lucraria com a isenção de direitos sobre o assucar. Immediatamente depois, o *Jornal do Commercio* annunciou, em telegramma de Madrid, que o governo americano fizera aberturas á côrte de Hespanha, solicitando a celebração de um tratado, em virtude do qual os assucares de Cuba e de Porto Rico entrariam nos

Estados-Unidos livres de direitos. Desapparecia assim para o Brasil a unica vantagem que se esperava do tratado. Postos os productos do Brasil em pé de egualdade com os das colonias hespanholas, tratada a joven Republica de modo egual á velha Monarchia — que mantém em ferrenho jugo colonial uma parte riquissima da livre America — onde ficavam as vantagens para o Brasil? onde, a fraternal preferencia que a grande Republica devia tambem a outra Republica, que, embora menor, é ainda grande? Como era possivel que o governo de Washington equiparasse no tratamento fiscal a carunchosa e antipathica Monarchia da Europa decrepita com a virente e fraternal novissima Republica da America do Sul? Não! Era impossivel. Assim pensou, por certo, o governo da Republica Brasileira, que se apressou a desmentir o *Jornal*, no *Diario*

Official, dizendo que era falso que se estivesse tratando de um convenio commercial qualquer entre os Estados-Unidos e a Hespanha. O ministro do Brasil em Washington, quando aconselhava para o Rio o tratado commercial com os Estados-Unidos, affirmava que esta nação não daria livre entrada aos assucares de nenhum outro paiz. Essa era a promessa que lhe tinha feito o governo de Washington, e só a confiança nessa promessa é que fazia com que o governo no Rio fosse tão affirmativo. O *Jornal do Commercio* insistiu, deu esclarecimentos, annunciou que o sr. Foster ia á Hespanha negociar um tratado commercial. Tudo foi em vão. O governo manteve a sua negativa. Semanas depois, era assignado o tratado! Os assucares de Porto Rico e de Cuba tinham livre entrada nos Estados-Unidos, e desapparecia assim a unica vantagem que ao Brasil poderia trazer

o tratado Blaine-Salvador. E não parou ahi o governo de Washington; fez logo outros tratados com a America Central, com a Allemanha e com a Hollanda. Venezuela tambem fez um tratado, mas o Congresso venezuelano rejeitou-o.

O governo brasileiro foi assim ludibriado pela esperteza americana. Em troca de um favor ficticio e illusorio, em seguida a uma negociação em que a má fé norte-americana se tornou evidente, o Brasil concedeu isenção de direitos ás farinhas de trigo dos Estados-Unidos, deu egual isenção a varios outros artigos americanos e para todos os outros introduziu uma reducção de 25 por cento nas tarifas da alfandega. Esta concessão trouxe consideravel prejuizo para a renda do Thesouro (1), que já não atravessava

(1) A commissão do orçamento da Camara dos deputados do Brasil, em 1894, avaliou o prejuizo do Thesouro em 3.000 contos por tri-

época para tanta generosidade. E mais do que isto: causou damno muito grande ás industrias já estabelecidas no Brasil e em via de prosperidade. Ha uma vantagem enorme para os paizes importadores do pão em transportar de preferencia o trigo, para reduzil-o a farinha nos mercados, ou proximo dos mercados consumidores. O consumidor lucra duplamente por esta fórma, já porque o frete é muito menor, — pois num volume reduzido se transporta maior quantidade de substancia alimentaria; já porque a qualidade é superior, — pois o transporte por mar e o tempo facilmente alteram a farinha, que até corre o risco de grande avaria, risco que, junto ao maior frete, é tudo com-

---

mestre, sejam 12.000 contos de réis por anno. Ora, o tratado durou quatro annos, dando assim ao Brasil um prejuizo de 48.000 contos de réis!

putado pelo vendedor, em detrimento do consumidor. Havia no Brasil muitos móinhos de móer trigo, em que estavam empregados capitaes importantes e grande numero de trabalhadores. Estas empresas ficaram arruinadas, os trabalhadores, sem trabalho, e o consumidor, lesado, desde que as farinhas americanas, pelo tratado, foram admittidas livres de direitos. Não ha quem tenha esquecido os importantissimos depoimentos em que a grande maioria dos negociantes, dos industriaes e dos financeiros do Brasil, em cartas escriptas ao *Jornal do Commercio,* se manifestaram, em quasi unanimidade, contra o desastroso tratado.

Estas manifestações e estas queixas de nada valeram. Mandava quem podia, e o mal estava feito, soffresse, embora, o povo brasileiro, gemessem, embora, as nossas industrias.

Eis ahi mais um beneficio que recebemos dos Estados-Unidos (1).

IV

Seria um erro colossal o acreditar que nos Estados-Unidos ha sympathias pela America do Sul, Brasil e especialmente pela fórma de governo que a este ultimo foi applicada ha quatro annos.

---

(1) As ultimas eleições americanas foram contrarias á politica ultra-proteccionista e de reciprocidade. Com quebra da fé internacional, que estipulava um prazo de tres mezes de aviso á outra parte contratante, para a cessação do tratado, os Estados-Unidos restabeleceram os antigos direitos, dando grande prejuizo aos productores de assucar do norte do Brasil e ao commercio brasileiro, que contava com os tres mezes de aviso. No momento em que escrevemos, a Allemanha reclama energicamente contra facto identico, em relação aos seus productos. O governo do Brasil denunciou o tratado Blaine-Salvador, e de janeiro de 1895 em deante os productos americanos pagam os mesmos direitos aduaneiros que os de outras nações.

Por mil modos se revela o desprezo americano pelos *irmãos* do sul do continente. Em frente ao Capitolio de Washington, ha uma estatua do fundador da independencia americana. O esculptor Greenough fez-lhe uns baixos relevos symbolicos, tirados da historia de Hercules. Hercules e seu irmão Iphicles, infantes, repousavam no mesmo berço e foram assaltados por duas serpentes. Iphicles, simples mortal, filho de Amphytrião e de Alcmene, rompeu em clamores; Hercules, fructo do adulterio olympico de Alcmene e de Jove, com as mãos, estrangulou as serpentes, mostrando assim a sua origem divina. Esta é a scena que o esculptor poz no pedestal da estatua de Washington. Que quiz o artista symbolisar? Os guias descriptivos das grandezas da cidade de Washington esclarecem o pensamento do estatua-

rio. Depois de nos indicarem minuciosamente — como convém a uma critica de arte á moda americana — o preço da estatua, o seu volume, o seu peso, a qualidade do marmore, as peripecias de seu transporte desde Florença até ás margens do Potomac, dizem-nos, finalmente, os guias que os dous meninos de marmore, os dous gemeos da fabula, representam a America do Sul e a America do Norte. Aquella é a cobardia, a fraqueza de Iphicles, e esta é a majestade divina de Hercules (1).

Nos Estados-Unidos, a palavra — America significa a parte do novo continente que obedece ao governo de Washington. Respeitam os americanos a soberania da Inglaterra no Canadá e por todas as outras nações ha, nos benevolos, uma grande indiffe-

(1) Ed. Winslow Martin — *Behind the scenes in Washington*, pag. 140.

rença, e nos outros, um sentimento de accentuada superioridade, que é feito de amor proprio e de desprezo pelos sul-americanos. Basta dizer que entre os norte-americanos é motivo de chacota o haver paizes como o Mexico, Venezuela, Colombia e um outro que conhecemos, que tem a petulancia de intitular-se *Estados-Unidos* . . . Isto parece-lhes de um comico irresistivel. Quando se fala desses *United States,* ha nos labios americanos o mesmo sorriso que teria o duque de Wellington, ouvindo nomear um dos presidentes do Haïti, o general Salomon, que se intitulava duque de Crique-Mouillée.

O imperador D. Pedro II tinha grande prestigio nos Estados-Unidos. Seu amor á liberdade, seu espirito aberto a todas as novidades do seculo, sua actividade, a singelleza de sua pessôa, impressionaram sempre os america-

nos, que de um rei só faziam a idéa de um homem rodeado de fausto, um defensor do passado contra o espirito innovador. Os discursos pronunciados no Senado americano, quando se discutiu o reconhecimento da Republica Brasileira, consistiram quasi que exclusivamente, não no elogio dos vencedores, mas na exaltação das virtudes do grande vencido. O governo americano foi o ultimo, de todos os governos do novo continente, que reconheceu a Republica no Brasil, e inspirou-se de certo, para essa demora, na frieza, na quasi hostilidade, com que a imprensa recebeu a revolução. Ainda ha bem pouco tempo, o correspondente do *Paiz*, em New-York, rememorava estes factos, insistindo na pouca sympathia que os americanos manifestavam pela nova ordem de cousas no Brasil. Basta lembrar o que disseram os jornaes

americanos, quando, em 1890, chegou a New-York uma esquadrilha brasileira, que, segundo diziam os jornaes do Rio, ia participar ao governo americano a proclamação da Republica e apresentar os cumprimentos do novo governo ao presidente dos Estados-Unidos.

Com a precipitação com que foi organisada a esquadrilha, esqueceram-se no Rio de que os navios iam chegar a New-York em pleno inverno. O frio, em 1890-91, foi intensissimo, e os pobres marinheiros, vestidos ligeiramente, soffreram immenso. O governo americano forneceu-lhes roupas grossas e cobertas. Era de vêr como alguns jornaes de New-York noticiavam esses factos, descrevendo os negros brasileiros chorando de frio, escondidos no porão, os navios abandonados, o convés não varrido, os officiaes com frieiras nos

pés, emfim, um destroço completo. Tudo isto acompanhado de ditos picantes e de uma insistencia enorme nos favores com que o governo americano estava acudindo á miseria e á desgraça daquelles maltrapilhos. No mesmo anno, chegou uma esquadra americana ao Rio, dizendo-se que vinha *expressamente* cumprimentar o governo. O generalissimo Deodoro convidou-os para um baile; o commandante da esquadra pediu-lhe que apressasse o baile, e, como houvesse alguma demora, a esquadra partiu, sem siquer esperar pelo tal baile.

Dous annos depois, uma outra esquadra brasileira vai a New-York, a pretexto da exposição de Chicago e do centenario de Colombo. Os officiaes brasileiros ficaram vexados da linguagem da imprensa a seu respeito e da desconsideração com que foram tratados. Sempre collocados em ultimo

logar, sempre preteridos em todas as attenções, o seu desgosto, si não faltou á verdade o correspondente do *Paiz*, foi muito grande e não se occultou.

Quando houve o convite á officialidade para ir a Chicago, os officiaes brasileiros todos recusaram, declarando a um representante da imprensa que assim procediam por se acharem justamente melindrados. Não lhes foi dada satisfacção alguma, e, de volta ao Brasil, vieram, de certo, muito pouco inclinados a acreditar ainda na pilheria da fraternidade americana.

O ministro do Brasil em Washington, o sr. Salvador de Mendonça, tem experimentado, muitas vezes, á sua propria custa, que, nos Estados-Unidos, a sua entidade de ministro dos Estados-Unidos do Brasil não merece nenhum respeito por parte da imprensa. S. exc. tem tido na sua carreira incidentes desagradaveis, que

a imprensa americana ha longa e maliciosamente glosado, sem ter em vista que s. exc., na sua qualidade de republicano intransigente, historico e tudo o mais, e pelo seu titulo de ministro de uma Republica, devia ser tratado com mais respeito. O sr. ministro é amador de bellas artes; tinha uma galeria de quadros, todos assignados pelos maiores pintores antigos e modernos. Era uma galeria que valia muitos milhões; s. exc. mandou-a para Paris, afim de ser vendida em leilão. Os peritos parisienses encarregados da avaliação declararam que os quadros eram todos falsos. S. exc., em telegramma para Paris, disse que estava de bôa fé e que tinha sido enganado. Retirou os quadros e, mais tarde, offereceu alguns delles á Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, que comeu por lebres primorosas

todos aquelles gatos a oleo (1). Pois esta anecdota, que é apenas um pouco comica para o nosso ministro, e que só prova que s. exc. não entende de pintura e que foi roubado, comprando por enorme somma aquella galeria, foi decantada nos jornaes de New-York, e o representante do Brasil, coberto de ridiculo. Outro facto: o sr. Salvador de Mendonça foi pelo governo encarregado de comprar uma grande quantidade de prata nos Estados-Unidos. Os ministros da Fazenda do Brasil, depois disso, pretendem, todos elles, que as contas não estão certas, que falta prata, ou que falta dinheiro, confórme se tem visto pelas correspondencias officiaes publicadas. Que tem a imprensa americana com esta questão inteiramente brasileira? E' um ponto que deve ser

(1) Todas as particularidades deste incidente acham-se na obra de PAUL EUDEL — *L'Hotel Drouot en 1885*. Paris, 1886, pag. 145.

ventilado entre dous altos funccionarios da Republica Brasileira: entre o ministro da Fazenda e o ministro diplomatico. Assim não têm pensado, porém, os jornaes americanos, e varias vezes têm voltado a esta desagradavel historia da prata, publicando artigos deprimentes para o representante do Brasil. Sem duvida que o governo de Washington não póde proteger o representante da Republica irmã contra a imprensa, porque esta é livre. Mas a má vontade é evidente em toda a sociedade americana. O representante republicano do Brasil parece sentir isto, porque, seguindo o exemplo de diplomatas de outros paizes que já foram pessôalmente aggredidos pela imprensa, s. exc. podia, deixando de lado as suas immunidades, chamar os seus detractores aos tribunaes. S. exc. tem, com certeza, confiança na justiça de sua causa, e, si não lançou ainda

mão deste recurso, é porque não acredita muito na justiça americana, quando esta tem de decidir entre um compatriota e um sul-americano.

O governo norte-americano, ainda ha pouco, deu mais uma prova da pouca consideração que lhe merece a Republica Brasileira. O governo de Washington elevou á categoria de embaixadores o seu ministro em Paris e os seus representantes junto ás côrtes de Londres, Berlim, Vienna, Roma, Madrid e S. Petersburgo. Ora, o Brasil é a segunda nação da America, por todos os titulos; ha a consideração importantissima de que, pelo isthmo do Panamá, temos a honra de estar presos ao mesmo continente occupado pelos Estados-Unidos; temos, como elles, presidentes, ministros irresponsaveis etc. Sendo assim, está claro que o Brasil merece muito mais dos Estados-Unidos do que as carunchosas

e decrepitas Monarchias européas. Não obstante tudo isto, o governo de Washington conserva no Rio um qualquer representante diplomatico de segunda categoria, não dando ao Brasil a confiança de tratar o seu governo com a consideração com que trata o governo hespanhol, ou o governo austriaco. E' mistér confessar que Washington usa para com o Brasil de fraternidade em dóse muito moderada.

Desde que falamos em imprensa, devemos falar do outro modo por que tambem se manifesta sempre, pela maneira que temos visto, a amizade dos norte-americanos pelo Brasil. Falamos da noticia alarmante, falsa ou verdadeira.

Nem tudo são rosas na vida do corpo diplomatico sul-americano. Representantes do general A, nomeados pelo general B, estão promptos a servir o general C. Um bello dia, chega

um telegramma: « *O general C atacou o general A* ». Que dirá o pobre diplomata aos *reporters* que o assaltam e perguntam quem tem razão, cousa já grave, e, cousa ainda mais grave, quem vencerá? E' difficillima a resposta. Alguns ha que se arriscam: si acertam, muito bem; mas si se enganam, estão perdidos, porque o vencedor os demitte sem piedade. Os espertos calam-se. A reportagem, porém, é feroz; a reportagem ganha por linha de noticia fornecida, e um *reporter,* quando não tem essa noticia, inventa-a. Muita vez, ha ingenuos que enxergam profundos machiavelismos, intrigas habilissimas e perfidos intuitos de partidarios, ou conspiradores mysteriosos, numa noticia que foi arranjada num pobre quinto andar, numa agua-furtada de um *reporter* qualquer, que forjou essa noticia para equilibrar o seu orçamento da semana. Ha, po-

rém, outro genero de noticia falsa, que deve cahir, e cáe, dentro da acção dos tribunaes. E' a noticia falsa, com fins de especulação, para a qual ha penalidade nas legislações de certos paizes. Ora, estas noticias falsas para fazer subir ou descer o café nos mercados, para fazer subir a cotação dos titulos brasileiros, nem sempre são noticias contrarias ao governo do Brasil. A especulação é de uma imparcialidade provada: ás vezes, annuncia os mais lisonjeiros acontecimentos; outras vezes, as catastrophes as mais terriveis. Em todo caso, New-York é que é o ponto de concentração e de expedição destas noticias. Os jornaes americanos têm gasto muito dinheiro para ter noticias do Brasil nas differentes crises agudas e periodicas da Republica; mas, em vez de receberem directamente estas noticias, recebem-n'as via Buenos-Aires e Montevidéo, onde as

noticias são todas exaggeradas e apimentadas com a má vontade dos nossos irmãos argentinos e uruguayos, que são nossos inimigos, apesar de termos seguido o seu exemplo, adoptando a fórma de governo da Argentina e do Uruguay. Os Estados-Unidos são, para o resto do mundo, o vehiculo transmissor da bilis argentina contra o Brasil: são os correspondentes de jornaes americanos que atacam o Brasil; são as agencias telegraphicas americanas que enviam, para todos os pontos do globo, as noticias deprimentes do Brasil, noticias muitas vezes falsas, por vezes exaggeradas, e, ai de nós! ás vezes tambem verdadeiras. E o que é curioso é que os jornaes da Europa, que recebem dos Estados-Unidos essas noticias, que as transcrevem, é que passam por diffamadores do Brasil. Si os jornaes americanos são insolentes para com o Brasil, o

que póde verificar facilmente toda gente, o mundo commercial dos Estados-Unidos tambem nos é adverso.

Nunca dos Estados-Unidos veiu o minimo auxilio para as nossas industrias, para a nossa lavoura, ou para a nossa viação ferrea. Ha perto de quatrocentos mil contos de réis da Inglaterra empregados no Brasil, quer em emprestimos ao governo, quer em caminhos de ferro e outras industrias. O Brasil era pobre, quando iniciou a sua existencia, era despovoado, tinha ás portas inimigos ameaçadores, tinha problemas internos gravissimos — e a Inglaterra teve confiança no Brasil, a Inglaterra nos confiou os seus capitaes, mesmo em épocas criticas. E o povo inglez é tão superior, que, em 1865, estando o Brasil de relações rôtas com a Inglaterra, por motivo da questão Christie (1) — questão de

(1) Como se sabe, a questão foi sujeita ao juizo arbitral do rei dos belgas, que deu razão

que a dignidade do Brasil sahiu illesa, — conseguiu levantar em Londres um emprestimo, na occasião em que iniciavamos uma guerra terrivel. E os capitaes inglezes não corriam pequeno risco; aventuravam-se a todas as emergencias da guerra com o Paraguay e aos possiveis e mesmo provaveis desastres da abolição. E em quantas empresas estes capitaes, em acções ou em obrigações, não estão por assim dizer enterrados? Si se apontam a «S. Paulo Railway» como empresa até ha pouco tempo remuneradora e a «Rio Claro Railway», em todas as outras es-

---

ao Brasil. Quasi toda a imprensa ingleza foi a nosso favor. Na Camara dos communs, luctaram por nós oradores illustres, como John Bright, Cobden, lord Cecil (hoje lord Salisbury) e muitos outros. O ministro Christie apresentou-se candidato á Camara dos communs por Oxford, declarando que a sua eleição seria considerada a approvação de seu procedimento no Brasil. Oxford derrotou-o. Encontrariamos, porventura, nos Estados-Unidos tanto amor á justiça?

tradas feitas com capital inglez os accionistas não recebem dividendos, ou os recebem minimos. E que enorme capital não ha empregado na « Alagôas Railway », Bahia e São Francisco, ramal do Timbó, « Brasil Great Southern », « Imperial Bahia Company », Natal e Nova Cruz, Campos e Carangola, Conde d'Eu, « Caravellas Navigation Company », Dona Thereza Christina, Leopoldina, Macahé e Campos, Porto Alegre e Nova Hamburgo, Recife São Francisco, Norte do Rio, « Southern Brasilian », « Bahia Central Sugar C.° », « North Brasilian Sugar Factories », « Rio de Janeiro Flour Mills C.° », Gaz da Bahia, Gaz do Pará, Gaz do Ceará, Gaz do Rio (capitaes belgas), Aguas de Pernambuco etc. etc.? Todas estas empresas, que enumerámos, representam milhões de libras esterlinas, que nada, ou quasi nada, rendem aos capitalistas. Entretanto, estes

capitaes ahi estão fructificando para o Brasil, mantendo a facilidade de transporte em regiões que della se aproveitam e dando luz e agua ás populações. E as empresas que dão alguma remuneração, de quantos beneficios não enchem o Brasil? E que enorme prejuizo já não têm dado aos capitalistas europeus as nossas desgraças? Confiados num longo passado de tranquillidade, os capitalistas europeus tinham os titulos brasileiros no mesmo apreço em que os das primeiras nações do mundo. O 4 % brasileiro estava a 90, a 14 de novembro de 1889; hoje, vale 54 (1). Os capitalistas confiaram em nossa estrella; estavam ao nosso lado nos dias prosperos, perdem hoje comnosco nos dias maus. E, si algum capitalista europeu se queixa, não somos nós, os deve-

(1) Outubro de 1893.

dores, que devemos protestar. As nossas desgraças não provêm de causas physicas; si estivessemos arruinados por algumas causas naturaes; si o café tivesse tido uma molestia destruidora, como a *Hemileia vastatrix,* de Ceylão e de Java; si terremotos, sêccas ou inundações nos tivessem reduzido ao ponto em que estamos, então a queixa seria insensata. Mas, não; tudo caminha admiravelmente, na parte que compete á Providencia ou ao acaso; agora, na parte que cabe aos homens, sabemos todos o que tem sido. Dizem, porém, que ha por ahi uma cousa que se precisa consolidar e que, para essa consolidação se dar, é preciso que todos os brasileiros soffram. As victimas têm o seu bom senso e ellas já dizem ou pensam: — si é preciso soffrermos tanto, é melhor que a tal cousa não se consolide! Esta opinião

é fatalmente a de todo homem isento da superstição partidaria.

Voltando aos americanos, devemos perguntar: — de que auxilio têm elles sido para o desenvolvimento da prosperidade material do Brasil? Seus capitaes para cá não vêm, seus braços para cá não emigram. As duas empresas de navegação que organisaram acabaram na fallencia culposa e mesmo fraudulenta, fugindo o americano gerente de uma dellas com o dinheiro dos accionistas brasileiros e com a subvenção que lhe pagou o governo.

Fala-se que os americanos são nossos grandes freguezes de café. Em primeiro logar, é absurdo fazer-se deste facto motivo para uma gratidão sentimental. Os americanos não compram café por amizade, nem por philanthropia. Compram, porque querem bebel-o, e, não o tendo em casa, procuram-no onde se encontra, e o paiz

productor que mais lhes convém é o Brasil. Mas, ainda em relação ao café, é força confessar que a feição dos mercados europeus é mais favoravel ao Brasil, do que o mercado de New-York. Seja pelo que for, o motivo, a tendencia constante dos mercados europeus é para a alta e New-York é para a baixa. Sem duvida, de um e de outro lado, o que determina esta attitude é a especulação, mas é innegavel que devemos ter mais sympathias por aquelles que, embora só por interesse proprio, promovem a valorisação de um producto brasileiro, valorisação que redunda em proveito do Brasil. Fala-se que a França impõe um pesado direito de entrada sobre o café; mas quem paga esse direito é o proprio consumidor francez. Demais, o Havre, Antuerpia e Hamburgo têm, no seu papel de mercados distribuidores, espalhado pela Europa

todo o nosso café e desenvolvido muito o seu commercio. New-York, porém, pesa sempre no mercado do mundo pelos seus grandes esforços para fazer cahir o café. Quando a lavoura do Brasil esteve quasi desanimada pela baixa do café, foi porque a especulação de New-York estava triumphante! E hoje mesmo, afrouxem os mercados europeus os seus esforços, e o fazendeiro verá que os americanos envilecerão logo o seu producto e ver-se-ão cambio baixo e café tambem baixo, o que não é impossivel, como muita gente crê.

Temos visto o que os Estados-Unidos têm sido para toda a America latina.

Insistimos especialmente no que têm sido para nós, na diplomacia e na ordem economica. Terminaremos,

vendo qual a influencia daquelle paiz na ordem moral e intellectual.

A influencia dos Estados-Unidos sobre o Brasil se fez sentir em nossa grande questão social — a escravidão.

Não teriamos conservado por tanto tempo aquella instituição iniqua, si a maior nação da America não tivesse tentado legitimal-a; si da parte escravocrata dos Estados-Unidos não nos viesse o incentivo; si não chegasse até nós a noticia do que se dizia e do que se fazia nos Estados-Unidos para defender a escravidão.

A corrupção politica e administrativa é a propria essencia do funccionamento do governo americano. Os Estados-Unidos são o paiz mais rico do mundo — rico pelas opulencias naturaes, pela sua enorme extensão, pela fertilidade do solo, por seus portos, suas bahias, seus lagos, seus grandes rios navegaveis, suas minas incompa-

raveis. Povoado um solo destes pela raça saxonia, como poderia deixar este paiz de ser uma nação forte e poderosa? O solo mais rico do mundo habitado pela raça mais energica da especie humana — eis o que são os Estados-Unidos. Aquelle paiz é grande, mas não é por causa de seu governo. Ao amor proprio de outras nações pobres ou, por outra, menos ricas em vantagens naturaes do que os Estados-Unidos e habitadas por individuos de raças menos energicas, repugna o confessar esta inferioridade. Insensivelmente, a gente é levada a não reconhecer as alheias superioridades, ou attribuil-as a causas pouco desagradaveis para a nossa vaidade. Não ha desar algum em dizermos que ha povos governados com mais acerto do que nós; mas quanto a confessarmos que esses povos o que são é melhores do que nós, quanto a dizermos

que a terra delles é mais rica do que a nossa — a isso é que nunca nos havemos de resignar. Por essa razão, é explicavel que alguns brasileiros, de espirito simplista, queiram por força vêr, nas vantagens que nos levam os Estados-Unidos em prosperidade, um effeito, não de causas naturaes e irremediaveis, mas uma resultante da differença dos governos. O solo não se póde trocar, a raça não se póde substituir; mas, em todo tempo, é possivel mudar o governo. Não podendo dar-nos o solo dos Estados-Unidos, nem as qualidades ethnicas de seu povo, houve quem quizesse dar-nos ao menos o seu governo, isto é, o que de menos invejavel tem a grande nação.

E a escola fatal dos imitadores de instituições não attende ao contrasenso de seu systema, nem aos funestos resultados que produzem as leis transplantadas arbitrariamente de um paiz

para outro. Quando os romanos, ainda rudes, conquistaram a culta Grande Grecia, Valerio Messala trouxe de Catania um relogio solar, que mandou collocar no Forum, junto aos Rostros. Não attendeu Valerio Messala, nem á differença de longitude, nem á orientação do gnomon, e dispôl-o ao acaso. Só um seculo mais tarde foi que se descobriu em Roma que o relogio solar marcava a hora com grande erro de tempo, e só então foi substituido. O relogio que dava o tempo certo em Catania errava em Roma (1). Assim, as instituições: podem dar certo nos seus paizes de origem e trazer a confusão e a desordem nos paizes para onde arbitrariamente as transmudam.

No Brasil, aconteceu o mesmo com a idéa funestissima de copiar os Estados-Unidos nas suas leis politicas. Co-

(1) PLINIO, *Hist. Nat.*, liv. VII, 60.

piemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveriamos antes dizer: sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma cousa. Imagine-se um individuo qualquer que, admirando uma téla de Velasquez, deseje pintar como elle. De que servirá ter a téla, os pinceis, a palheta e as tintas perfeitamente eguaes, em materia prima, tamanho e dosagem, ás do pintor hespanhol? Debalde arranjará as tintas e esforçar-se-á para pintar como Velasquez. Terá tudo quanto tinha Velasquez, menos o genio, e, mesmo, tendo o genio, será outro genio e não o genio de Velasquez. Assim, os paizes sul-americanos querem ser ricos e prosperos como os Estados-Unidos e pensam que conseguirão isto copiando artigos da Constituição norte-americana. E como é muito da natureza humana imitar mais facilmente os vi-

cios do que as virtudes, a imitação das praticas corruptas da administração americana é cousa muito natural. *Nos Estados-Unidos, rouba-se muito,* pensa o empregado sul-americano, *e, apesar disso, são um grande paiz; ora, porque tambem não será grande o meu paiz, apesar de eu roubar e dos meus collegas roubarem?* Este raciocinio apresenta-se forçadamente á fragilidade do funccionario, a tentação se fortalece e... o resto temos visto. Não ha salteio á propriedade que não encontre escusa no facto de ser esse salteio muito commum nos Estados-Unidos. Essa é a influencia deleteria que este paiz exerce na America. Os vicios dos grandes corrompem os pequenos, e o mau exemplo dos poderosos é a perdição dos humildes.

A civilisação norte-americana póde deslumbrar as naturezas inferiores, que não passam da concepção mate-

rialistica da vida. A civilisação não se mede pelo aperfeiçôamento material, mas sim pela elevação moral.

O verdadeiro thermometro da civilisação de um povo é o respeito que elle tem pela vida humana e pela liberdade.

Ora, os americanos têm pouco respeito pela vida humana. Não respeitam a vida de outrem e nem a propria. Herbert Spencer dizia aos americanos que elles commettem um erro fundamental no programma da vida, gastando-a com a febre, em que mutuamente se exaltam e que dá logar ao deperecimento precoce do animal homem, pela apparição das mais medonhas e frequentes fórmas de nevrose.

A vida de outrem é cousa de pouca consideração nos Estados-Unidos. Os tribunaes regulares matam juridicamente com frequencia, os assassinatos criminosos são vulgarissimos e os lyn-

chamentos crescem em numero todos os dias. Tudo isto são fórmas accentuadas de desprezo pela vida humana. O lynchamento é o assassinato collectivo, e o facto da victima ser, ás vezes, criminosa, em nada diminue o horror do facto, porque esse é aggravado, já pelos requintes frequentes de ferocidade, já pela irresponsabilidade do ajuntamento que resolve e executa a pretendida sentença.

No Brasil, ha uma pequena colonia americana; a parte della estabelecida na zona cafeeira do sul veiu, quasi toda, ao findar a guerra de secessão e era composta de sulistas que, privados de ter escravos em sua patria, emigravam para o paiz onde ainda lhes era permittido esse prazer. A população brasileira viu chegar esses novos hospedes e viu os que se installaram na agricultura excederem em ferocidade aos mais rudes e perver-

sos atormentadores de escravos. Os americanos introduziram novas fórmas de tormentos e novos apparelhos de supplicio. Como os inglezes se transportam aos confins do mundo levando as suas pás de *cricket* e as suas rêdes de *lawn-tennis* e conservam o amor pelos exercicios physicos, que é a força de sua raça, os americanos trouxeram, para usar nos escravos, azorragues aperfeiçoados e algemas *patent*, e trataram logo de propagar o lynchamento. Nos varios casos de lynchamentos de que temos noticia, ha sempre um americano instigador e comparticipante. Esses casos têm sido raros até e circumscriptos á zona de S. Paulo onde ha americanos. O exemplo é, porém, funestissimo; o contagio, rapido, tanto mais quanto a impunidade é certa.

O espirito americano é um espirito de violencia; o espirito latino, transmittido aos brasileiros, mais ou

menos deturpado através dos seculos e dos amalgamas diversos do iberismo, é um espirito juridico, que vai, é verdade, á pulhice do bacharelismo, mas conserva sempre um certo respeito pela vida humana e pela liberdade. O rabula de aldeia é, sem duvida, um ente inferior, mas, em todo caso, é superior, como unidade social, ao capanga e ao mandão. O periodo do desbravamento da terra, da derrubada das mattas, do estabelecimento das primeiras culturas, é, no interior e nas localidades novas, a edade do capanga; o escrivão, o promotor, o juiz, que vêm depois, expellem e eliminam o capanga. E' a lei que substitue a violencia. O espirito americano infundido nas populações é antes favoravel ao capanga do que á gente do fôro; é o extrangeiro, cujo prestigio é sempre grande; é o homem de cabello louro e de olhos azues, sempre aca-

tado pelos nossos negroides, influindo em favor da violencia, nobilitando-a pela sua prepotencia. O americano, mesclado com as camadas inferiores da população rural, não é um factor de progresso. Elle age sobre o meio e o meio reage sobre elle, havendo uma communicação reciproca de defeitos, que afogam as qualidades de ambos. Uma ou outra enxada aperfeiçôada que o americano traz, algum canivete de molas engenhoso, que elle introduz na ferramenta nacional, não são beneficios que compensem os males que elle nos faz (1).

(1) Poderiamos citar varios episodios da tentativa de colonisação americana no Brasil que mostram quão grande foi o seu insuccesso. O sr. Quintino Bocayuva escreveu, em 1867, um folheto aconselhando a vinda dos chins para o Brasil. Em seguida á sua publicação, recebeu o sr. Bocayuva uma commissão do governo imperial para ir buscar esses *colonos americanos* aos Estados-Unidos. A commissão redundou em pura perda; o sr. Bocayuva voltou trazendo bandos de desordeiros

Já falámos do muito que contribuiram os Estados-Unidos para a duração da escravatura no Brasil pela força damnosa de seu exemplo e tambem por ter inspirado aos timidos o receio de que a solução do problema no Brasil fosse a mesma tragedia da America do Norte. Não devemos, porém, esquecer que os ame-

---

e assassinos, que muito deram que fazer á policia do Rio. (Vide os jornaes do tempo.)

No relatorio do sr. Saldanha Marinho, presidente de S. Paulo, 1868, lê-se : « *Tendo-se estabelecido mais de cem familias americanas em terras que demoram nas proximidades do rio S. Lourenço, municipio de Iguape, e pretendendo-se a abertura de uma estrada que ligue tal colonia á cidade de Santos, a lei vigente do orçamento provincial auctorisou o governo a auxiliar a abertura dessa via de communicação com a quantia de cinco contos de réis. Esta quantia foi entregue, por ordem de meu antecessor, ao coronel norte-americano Bowen. Ignora-se qual o emprego que teve essa quantia* ».

Essa malfadada colonia chamava-se *Nova Texas*. O Texas de Iguape não foi para o Brasil o que o outro Texas foi para o Mexico.

ricanos contribuiram muito para o trafico africano no Brasil. O presidente Taylor, na sua mensagem de 4 de dezembro de 1849, dizia: «*Não se póde negar que este trafico é feito por navios construidos nos Estados-Unidos, pertencentes a americanos e tripulados e commandados por americanos*». E isto não nos deve causar maior admiração do que nos causa o lermos, na mensagem presidencial de 1856, que «*é indubitavel que o trafico africano encontra nos Estados-Unidos muitos e poderosos sustentadores*». De entre as muitas provas da grande parte que os americanos do Brasil tomaram no trafico, destacaremos o depoimento juramentado do capitão W. E. Anderson, americano, depoimento prestado na legação americana do Rio de Janeiro, no dia 11 de junho de 1851. Diz o capitão Anderson que, em 1843, fez o conhecimento de Jo-

shua M. Clapp, cidadão americano, que, «*antes e depois daquella época, se occupara em larga escala da compra e frete de navios americanos para o trafico*». Refere-se ainda Anderson a um outro americano, Franck Smith, que tambem era negreiro. O ministro americano, no seu despacho, remettendo este depoimento, queixa-se muito de Clapp e de Smith, como grandes negreiros, que, diz o ministro, «*deshonram a bandeira dos Estados-Unidos*». O depoimento de Anderson revela todos os ardis dos americanos no Rio, na Costa de Africa, as suas crueldades e os seus grandes lucros (1).

Isto, quanto á massa popular, é o que temos observado no sul do Brasil, onde, em pontos isolados, houve, em tempos, pequenos nucleos de

(1) Este curioso documento acha-se nos *U. S. Senate Docs.*, Congress 32, session 1, 1851-1852. Vol. 9, doc. n.º 73, pag. 5.

colonos americanos. No norte do Brasil, cremos que não ha americanos sinão como negociantes no littoral, além do classico dentista, e talvez de um ou outro medico desgarrado. Nos sertões do norte, cremos que o americano é conhecido apenas sob a fórma nomade de comprador de couros de cabra por conta dos negociantes da costa. Os Clapps e Smiths, negreiros de outro tempo, variam de profissão, mas conservam os mesmos instinctos.

Na ordem intellectual, os beneficios da America do Norte em relação ao Brasil não são em nada especiaes. O Brasil não tem auferido dos inventos americanos mais beneficios do que as outras nações do mundo. Têm sido viajantes allemães, francezes, inglezes e dinamarquezes que têm escripto os melhores livros sobre o Brasil e melhor estudado a nossa

natureza. Si exceptuarmos Hart, americano, cujas monographias são reveladoras de uma profundeza de observação notabilissima; si exceptuarmos Orville Derby, cujos trabalhos são do mais alto valor e cujos serviços á sciencia brasileira têm sido e hão de ser ainda inestimaveis, onde estão os escriptores americanos que se têm occupado de modo serio de nosso paiz? Os professores que aqui se apresentam têm sido de uma mediocridade desesperante, nada têm feito, nada têm creado. E poderiamos encher duas paginas com os nomes dos europeus que, pelo livro, pelo estudo, pela observação e pelo ensino, têm trabalhado no reconhecimento scientifico de nossas riquezas e elevado o nosso nivel intellectual.

Dos viajantes americanos que têm escripto sobre o Brasil, quaes têm sido sympathicos ao nosso paiz? Si não

todos, a grande maioria delles fala de nós com injusto desfavor. Si europeus da estatura de Martius, Auguste Saint-Hilaire, sir Richard Burton, Bates, Elisée Reclus e tantos outros nos são sympathicos, os americanos se exprimem até com desprezo a nosso respeito. Numa narrativa de viagem, que é documento official americano, isto é, a relação da expedição exploradora americana em 1838-1842 (1), somos vilipendiados por tal modo, que uma revista americana censurou acremente o governo de Washington por ter consentido, numa publicação nacional, expressões tão grosseiras e baixas contra um paiz extrangeiro (2).

E o que diremos dos estudos que têm feito brasileiros nos Estados-

(1) *Narrative of the U. S. Exploring Expedition during the years* 1838-1842, *by* CHARLES WILKES, U. S. N.

(2) *North-American Review.* Vol. 61, pag. 57.

Unidos? Salvas algumas excepções, póde dizer-se que os — formados nos Estados-Unidos — são, na concorrencia brasileira, os que menos sabem, os que menos preparo têm. São engenheiros incapazes, medicos que, ás vezes, nem ousam affrontar o exame de sufficiencia, e muitos outros, doutores em artigos de phantasia, como agricultura, architectura etc etc. e aos quaes faltam os rudimentos de toda e qualquer instrucção geral. E' verdade que, em certas familias brasileiras, se mandam para os Estados-Unidos os incapazes, os reprovados nas escolas do Brasil, emfim, os mesmos rapazes que, n'outro tempo, iam para padres, ou para soldados. Seja como fôr, a verdade é que os torna-viagens dos Estados-Unidos, embora voltem um pouco desasnados, não vêm, em geral, trazer ao concurso das actividades brasileiras sinão a sua perturbadora, ou,

pelo menos, inutil e grande incompetencia, aggravada pela presumpção. Isto provém de que, nos Estados-Unidos, ha universidades para todas as intelligencias, como ha hoteis para todas as bolsas. Ha tambem gradações nos diplomas. Ha para todas as capacidades e para todos os preços. E esta mocidade julga as cousas americanas, compara os Estados-Unidos com o Brasil, não vê as nossas qualidades, não conhece os antecedentes de nossa historia, os feitos de nossos maiores, e por isso quer lançar tudo ao desprezo, rompendo com o passado, e, si elles pudessem, transformariam a sociedade brasileira num arremedo simiesco dos Estados-Unidos, que elles julgam o primeiro paiz do mundo, porque ha por lá muita electricidade e bons *water-closet*. Não tendo a ponderação que á raça saxonia dá a harmonia de seu desenvolvimento,

estes nossos pobres luso-indio-negroides desequilibram-se de todo, no meio da febricitação americana.

E é muito real a acção perturbadora do nervosismo norte-americano nas organisações latinas. Temos conhecido muitos casos individuaes bastante curiosos. Uma vez, entravamos em New-York, vindo de Panamá, e os passageiros sobre a tolda contemplavam o espectaculo grande e cheio de vida daquelle porto immenso. Ouviamos já o alarido dos carregadores e dos operarios nas pontes de desembarque. Nos estaleiros, martellava-se infernalmente o ferro; no vapor, havia um reboliço ruidoso das bagagens tiradas do porão, puxadas pelos guindastes.

Junto a mim, estava um velho, não sei si de Nicaragua, de Guatemala, ou de Honduras, mas certamente de um destes illustres paizes,

que, mais civilisados do que o Brasil de então, gosavam já dos beneficios da fórma republicana. O velho contemplava as tres grandes cidades de New-York, na frente, de Brooklyn, á direita, e de Jersey, á esquerda, que se espraiavam cinzentas e esfumaçadas deante de nós. O velho, mestiço talvez de azteca e de conquistador hespanhol, olhava vagamente, com instinctos atavicos de presa e de salteio:

Quien sabe?—exclamou elle, quem sabe si um dia nós, os de Nicaragua, não viremos a tomar New-York?!

Centenares de vapores, grandes, pequenos, lentos como elephantes, ou rapidos como cervos, cruzavam-se ao redor de nós, badalando as campanas de bronze e estrugindo no ar os seus silvos agudos e as notas roucas e longas de seus uivos de vapor.

Ninguem respondeu á prophecia interrogativa do velho, e este, sor-

rindo tristemente, disse: « *Só com os assobios, esta gente nos havia de enlouquecer* ». (*Solo con los pitos nos volverian locos*).

Não queremos dizer que os assobios das machinas americanas enlouqueçam os brasileiros dos Estados-Unidos; o que é certo, porém, é que não encontramos na vida da nacionalidade brasileira nenhum traço luminoso de um discipulo americano. Nem ao menos, por esse lado, temos cousa alguma que agradecer á Republica Norte-Americana.

V

Devemos concluir de tudo quanto escrevemos :

Que não ha razão para querer o Brasil imitar os Estados-Unidos, porque sahiriamos de nossa indole, e, principalmente, porque já estão patentes

e lamentaveis, sob nossos olhos, os tristes resultados de nossa imitação;

Que os pretendidos laços que se diz existirem entre o Brasil e a Republica Americana são ficticios, pois não temos com aquelle paiz affinidades de natureza alguma real e duradoura;

Que a historia da politica internacional dos Estados-Unidos não demonstra, por parte daquelle paiz, benevolencia alguma para comnosco, ou para com qualquer Republica latino-americana;

Que todas as vezes que o Brasil tem estado em contacto com os Estados-Unidos tem tido outras tantas occasiões para se convencer de que a amizade americana — amizade unilateral e que, aliás, só nós apregôamos, — é nulla, quando não é interesseira;

Que a influencia moral daquelle paiz sobre o nosso tem sido perniciosa.

Si a longa serie de factos que apresentamos, si as razões que expendemos, não bastassem para chamar á verdade os espiritos ainda os mais rebeldes, bastaria citarmos a opinião do maior dos americanos, para dissipar as velleidades de affecto e os ingenuos sentimentalismos que nos querem impôr a respeito dos Estados-Unidos.

Não! Toda tentativa para, em troca de qualquer serviço, collocar a patria livre e autonomica em qualquer especie de sujeição para com o extrangeiro, é um acto de inepcia e um crime.

Jorge Washington, na sua mensagem de adeus, verdadeiro e sublime testamento, escreveu as seguintes palavras, que a veneração americana tem conservado através das gerações:

« . . . Deveis ter sempre em vista que é loucura o esperar uma nação fa-

vores desinteressados de outra, e que tudo quanto uma nação recebe como favor terá de pagar mais tarde com uma parte de sua independencia . . . Não póde haver maior erro do que esperar favores reaes de uma nação a outra . . . » (1)

Que o conselho de Washington não sirva sómente para os seus compatriotas... Os brasileiros devem acceitar a lição, e sejam quaes forem as fatalidades do momento, saibam elles repellir o extrangeiro, que só conseguirá aviltar o paiz que acceitar os seus serviços.

No recanto do solo brasileiro de onde escrevemos estas linhas, os me-

---

(1) « . . . *Constantly keeping in view that it is folly in one nation to look for desinteressed favours from another; that it must pay with a portion of its independence for whatever it may accept*

zes de setembro e de outubro deste anno de 1893 (1) não se distinguiram em cousa alguma dos de outros annos. Estas semanas são as da primeira *carpa* das roças e do plantio do milho. Quanta philosophia inconsciente e pratica, quanta sabedoria innata neste povo! E quanto sentimos que a civilisação destruisse em nossa alma a serenidade desta gente!

Clama alto em nosso espirito a voz da experiencia fria e implacavel e, pessimista, ella nos diz: — A colonisação iberica da America foi um insuccesso, foi uma desgraça para a civilisação do nosso planeta. Não chegam a ser nações os agrupamentos em que ganglios de populações mes-

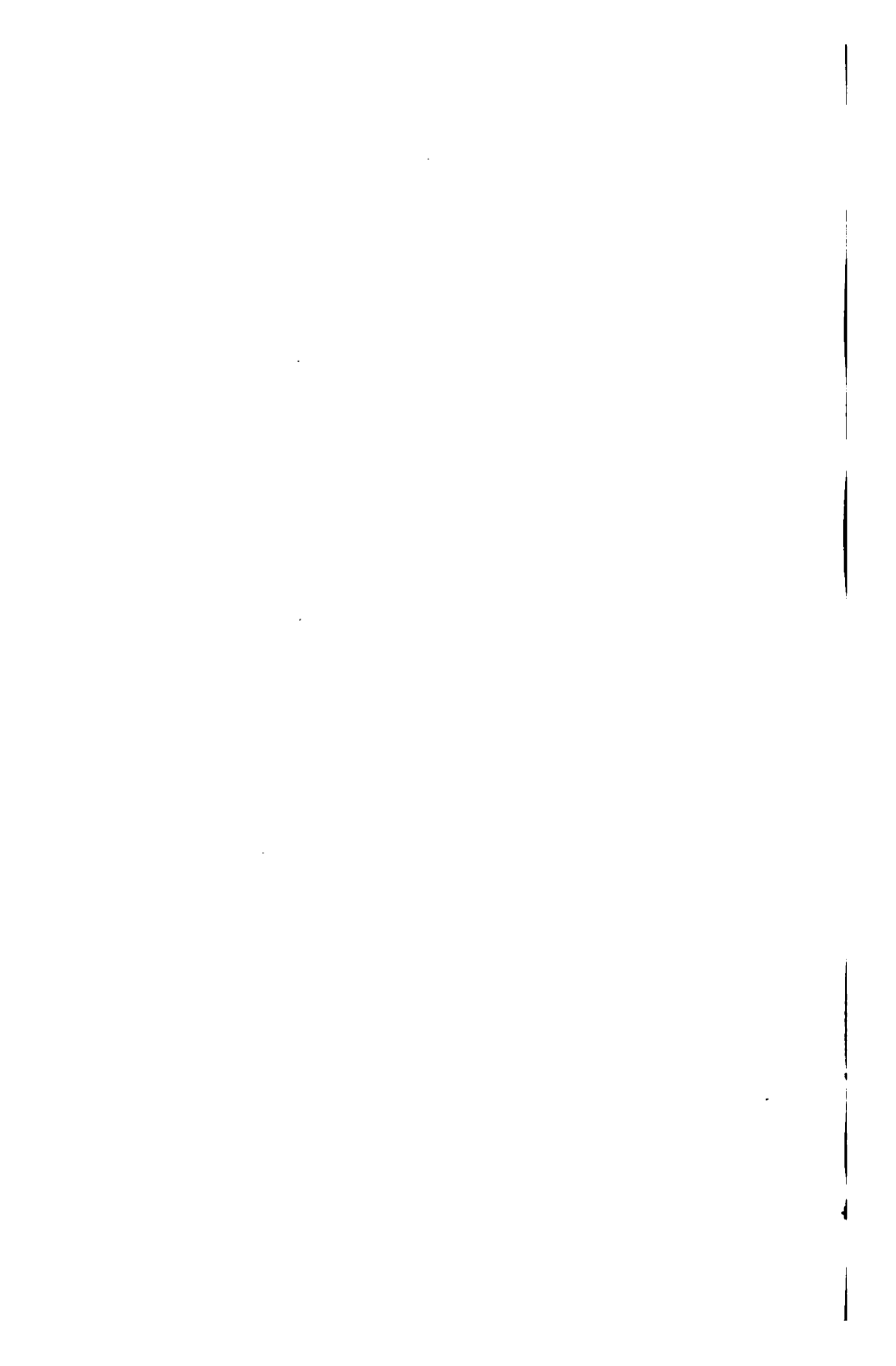
---

under that character. There can be no greater error than to expect or calculate upon real favours from nation to nation.»

(1) Os primeiros mezes da revolta naval de 1893-1894.

tiças, oriundas de todas as inferioridades humanas, querem por força fingir de povos... O amalgama artificial chamado Brasil está desfeito, apesar de duas ou tres gerações terem chegado a viver e morrer na illusão do artificio, que agora vai findar.

Vemos, porém, o bloco immenso de uma rocha ferruginosa, ora decomposta, e que fórma uma montanha de terra arrôxeada, como que embebida de sangue, ainda fresco, de hecatombes recentes. Aquella terra já existia ha milhares de annos antes de existir tudo quanto hoje existe e faz ruido. Ella existia antes do tempo em que o exercito de Cesar era contra a armada de Pompeu. Existirá ainda, quando de outros ambiciosos não restarem nem os nomes pouco illustres.

7 de novembro de 1893.

APPENDICE

No dia 4 de dezembro de 1893, foi posto este livro á venda nas livrarias de S. Paulo. Vendidos todos os exemplares promptos nesse dia, foi ás livrarias o chefe de policia e prohibiu a venda. Na manhã seguinte, a typographia em que foi impresso o livro amanheceu cercada por uma força de cavallaria e compareceu á porta da officina um delegado de policia acompanhado de um burro que puxava uma carroça. O delegado entrou pela officina e ordenou que se ajuntassem todos os exemplares do livro, mandando-os amontoar na carroça. O burro e o delegado levaram o livro para a

Repartição da Policia. No mesmo dia, a *Platéa* publicava o seguinte:

«**Um interview com o dr. Eduardo Prado** — *Como sabem os nossos leitores, appareceu á venda o novo livro do dr. Eduardo Prado, a* Illusão Americana, *de cuja apparição nos occupámos no ultimo numero desta folha.*

Todos os exemplares postos á venda no sabbado foram vendidos. Soubemos nesse dia que a policia prohibiu a venda do livro.

O nosso collega Gomes Cardim, por ir lendo num bonde a obra prohibida, foi levado á Policia. O mesmo aconteceu com um cavalheiro, de cujas mãos, na Paulicéa, foi arrancado um exemplar por um policia secreta.

Um redactor desta folha foi procurar o auctor, para ouvir de sua bôcca as suas impressões relativas ao successo de seu livro e o seu parecer sobre a prohibição.

O dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro e não pareceu dar muita importancia, nem ao livro, nem á sua prohibição.

Eis, mais ou menos, o que elle nos disse:

— « *Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde vinha pintado um leão que, raivoso, mettia o dente numa bota. Por baixo, lia-se:* Rasgar póde; descoser, não. *Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer:* Prohibir podem; responder, não.

« *Quanto ao honrado chefe de policia, penso que s. exc. me lisonjeou por extremo, julgando a minha prosa capaz de derrocar instituições tão fortes e consolidadas, como são as instituições republicanas no Brasil.*

« *Demais, póde dizer-se que, só por palpite, s. exc. prohibiu o livro. Sahiu o volume ás quatro horas e ás cinco foi*

prohibido, antes da auctoridade ter tempo de o ler.

«*Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade de minha parte. Não quero dizer que confiei, e por isso digo antes que me estribei no artigo 1 do decreto n. 1.565, de 13 de outubro passado, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da Republica e o sr. seu ministro do Interior disseram nesse artigo*:

«Artigo 1. E' livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica.»

«*E com suas assignaturas empenharam a sua palavra nessa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brasil deve ser livre e autonomico perante o extrangeiro, e adopto o aphorismo de Montesquieu, de que as Republicas devem ter como fundamento a virtude,*

« O governo é contrario a essas opiniões; está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro! Onde está a palavra do governo, dada solemnemente num decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica?

« A sabedoria popular diz: — Palavra de rei não volta atrás. O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da Republica. »

O auctor recebeu de todos os pontos do Brasil grande numero de cartas pedindo-lhe um exemplar do livro prohibido. Estas cartas vinham assignadas por nomes dos mais distinctos do paiz, e a todos estes correspondentes peço desculpa por me ter sido impossivel acceder aos seus pedidos. Mencionarei sómente, para prova de que dos repu-

blicanos brasileiros alguns ha que não são inimigos da liberdade de pensamento, uma carta do sr. Saldanha Marinho, em que este patriarcha do republicanismo, saudoso, de certo, das praticas liberaes da Monarchia e rebelde ás idéas liberticidas de hoje, protestava contra a prohibição deste trabalho.

A todos e a cada um cabem os agradecimentos do auctor.

NOTA

Este trabalho, tal qual foi escripto para a primeira edição, foi redigido sem o auctor ter os seus livros á mão, nem as suas notas. Na edição actual (1), todos os factos citados são justificados com a citação das fontes officiaes, ou dos auctores que relatam os mesmos factos.

EDUARDO PRADO

---

(1) 2.ª edição, exgottada, impressa em Paris, de que esta é fiel reedição.